



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**FRANCISCO MICHEL ALVES BARROS**

**AUGUSTO PONTES: UMA TRAJETÓRIA FORMADORA NO CAMPO MUSICAL  
CEARENSE**

**FORTALEZA**

**2018**

FRANCISCO MICHEL ALVES BARROS

AUGUSTO PONTES: UMA TRAJETÓRIA FORMADORA NO CAMPO MUSICAL  
CEARENSE

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em educação brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Botelho Albuquerque

FORTALEZA  
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- B277a Barros, Francisco Michel Alves.  
Augusto Pontes: uma trajetória formadora no campo musical cearense : Dissertação de Mestrado /  
Francisco Michel Alves Barros. – 2018.  
-136 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-  
Graduação em Educação, Fortaleza, 2018.  
Orientação: Prof. Dr. Luiz Botelho Albuquerque.
1. processos formativos. 2. habitus. 3. campo musical cearense. 4. formação. 5. educação musical. I.  
Título.

CDD 370

---

FRANCISCO MICHEL ALVES BARROS

AUGUSTO PONTES: UMA TRAJETÓRIA FORMADORA NO CAMPO MUSICAL  
CEARENSE

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em educação brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em educação.

Aprovada em 06 / 07 / 2018

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Luiz Botelho Albuquerque (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Pedro Rogério  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Henrique Sérgio Beltrão de Castro  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Ewelter de Siqueira e Rocha  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e cuidado todo especial.

À minha família, que construiu comigo o que sou hoje e pelo amor que nos une.

Ao meu amigo Professor Mestre Marcelo Kaczan Marques, que me abriu os olhos e a porta.

Ao meu amigo Professor Robson Oliveira, que me incentivou a fazer o Mestrado em Educação.

Ao Professor Luiz Botelho, pela orientação riquíssima direta e indireta em todos os nossos momentos acadêmicos e musicais.

Ao Professor Pedro Rogério, que iluminou meu objeto de pesquisa através de suas aulas.

Ao Professor Ewelter Rocha, que com suas contribuições riquíssimas, me deu rumo certo.

Ao Professor Henrique Beltrão, que poeticamente iluminou o que é sermos “nós”.

Ao Maestro Ellismário Pereira, que me fez perceber o quanto a música nos move e o que podemos ser com ela e por ela.

À Professora Izáira Silvino, que em momentos chave de nosso fazer musical, nos ensinou tesouros pedagógico-poético-musicais.

À Orquestra Escola do Ceará, que me proporcionou os maiores prazeres que senti musicalmente.

A todos os meus professores, professoras, companheiros e companheiras do Programa de Pós Graduação em Educação, pela construção.

A todos os meus estudantes, que me ensinam mais do que eu a eles.

A Augusto Pontes, que sempre mostrou em vida que é possível.

“Eu me lembro muito bem do dia em que eu cheguei:  
jovem que desce do norte pra cidade grande, os pés  
cansados e feridos de andar légua tirana”.  
Fotografia 3 x 4 . Belchior

O sentimento da chegada de uma grande jornada. Jornada parte da formação do aprendiz. Jornada rito de passagem que confere ao chegante Comeniano, da trajetória, outro grau. Jornada que apesar de cumprida em tal momento não nos dá o direito de dizer que é finda. Aliás, a alegria da chegada não supera a beleza e a riqueza do caminho. Caminho processo, caminho plural, caminho além de meu, nosso. Pois o que sou, sou porque somos nós: Ubuntu. Há que se ter disciplina, mas nossa disciplina é Morinamente complexa, é trans, é multi, é pluri, é rizoma. Na verdade não “é”, “são”. É um devir. Um devir potência Deleuziano. Um devir repleto de refletir/fazer, de filosofar/criar. Um devir que olha para frente cuidando de olhar Jossonianamente pelo retrovisor, porque olhar para si compreende reolhar, reorganizar, ressignificar, refazer, rever para dizer o que sou hoje Maturanamente autopoietico. E o que sou, sou no campo praxiologicamente. Sou e somos em nossos fazeres e saberes. Saberes autônomos Freireanamente dependentes; não dependentes coloniais, mas Andreoticamente ético-solidários. E se chegamos juntos até aqui, é porque não nos perdemos no caminho.

Michel Barros, 2017

## RESUMO

Esta pesquisa tem por finalidade, a partir da análise da trajetória de Augusto Pontes no campo musical cearense, ampliar a reflexão sobre o conceito de formação através do conceito de *habitus* intelectual formador. Este conceito – *habitus* intelectual formador – imbrica o corpo teórico de Pierre Bourdieu com os conceitos de *habitus*, campo e capitais e a abordagem metodológica das Histórias de vida em Formação ou Método Biográfico à partir da reflexão de Christine Delory-Momberger com um olhar sobre a relação entre o biográfico e o educativo. As fontes foram principalmente narrativas registradas em documentários, entrevistas para a realização de outras pesquisas com temáticas afins e registros jornalísticos referentes à trajetória do agente pesquisado. O *habitus* intelectual formador no agente constitui-se como referência que mobiliza outros em torno ou a partir de si e movimenta o campo, agindo de forma determinante sobre seus papéis e mobilidade. A pesquisa contribui para a reflexão dos conceitos de educação/formação, currículo/saberes e ensino/práticas no campo musical ampliando-os e ressignificando-os, desvelando aspectos pedagógicos em espaços não escolares, mas significativamente formativos.

**Palavras chave:** Augusto Pontes; Formação; *habitus*; Campo; Trajetória; Música Cearense.

## ABSTRACT

The purpose of this research is to analyze the trajectory of Augusto Pontes in the musical field of Ceará, to broaden the reflection about the concept of formation through the concept of the intellectual *habitus*. This concept - intellectual *habitus* formative - imbues the theoretical body of Pierre Bourdieu with the concepts of *habitus*, field and capital and the methodological approach of Life Stories in Formation or Biographical Method from the reflection of Christine Delory-Momberger with a look on the relationship between the biographical and the educational. The sources were mainly narratives recorded in documentaries, interviews for the accomplishment of other researches with related themes and journalistic records referring to the trajectory of the investigated agent. The formative intellectual *habitus* constitutes a reference that mobilizes other agents around or from within and moves the field, acting in a decisive way on their roles and mobility. The research contributes to the reflection of the concepts of education / formation, curriculum / knowledge and teaching / practices in the musical field, amplifying and re-significating them, revealing pedagogical aspects in non-school spaces, but significantly formative.

**Keywords:** Augusto Pontes; Formation; *habitus*; Field; Trajectory; Cearense Music.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FACED	Faculdade de Educação da UFC
HIVIF	Histórias de Vida em Formação
OEC	Orquestra Escola do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
A. P.	Arquivo Pessoal

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2 PRAXIOLOGIA E PESQUISA BIOGRÁFICA, UMA INTERFACE TEÓRICO METODOLÓGICA</b> .....	<b>16</b>
<b>3 DELIMITANDO AS FONTES</b> .....	<b>19</b>
<b>3.1 A contextualização histórica e a produção acadêmica</b> .....	<b>19</b>
<b>3.2 A memória dos agentes do campo onde atuou registradas em entrevistas e documentários</b> .....	<b>21</b>
<b>3.3 O registro de suas parcerias musicais</b> .....	<b>21</b>
<b>3.4 O registro jornalístico (2009)</b> .....	<b>28</b>
<b>4 TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR</b> .....	<b>29</b>
<b>4.1 Memórias auditivas e olfativas</b> .....	<b>29</b>
<b>4.2 Na sintonia do rádio</b> .....	<b>32</b>
<b>4.3 O violão</b> .....	<b>34</b>
<b>4.4 Religiosidade e música - entrelaces formadores</b> .....	<b>38</b>
<b>4.4.1 Música no corpo</b> .....	<b>39</b>
<b>4.4.2 Um tutor: um amigo</b> .....	<b>40</b>
<b>4.4.3 Escola é festa</b> .....	<b>42</b>
<b>4.4.4 Tempestade em harmonia</b> .....	<b>42</b>
<b>4.4.5 Um “K7” e um violão</b> .....	<b>43</b>
<b>4.4.6 Amor e responsabilidade musical</b> .....	<b>45</b>
<b>4.5 O eu professor</b> .....	<b>50</b>
<b>4.5.1 O retorno</b> .....	<b>56</b>
<b>5 TRAJETÓRIA DE AUGUSTO PONTES</b> .....	<b>61</b>
<b>6 COMPREENDENDO O HABITUS INTELECTUAL FORMADOR</b> .....	<b>80</b>
<b>7 CONCLUSÃO E DESAFIOS</b> .....	<b>86</b>
<b>8 REFERÊNCIAS</b> .....	<b>87</b>

<b>APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA FEITA COM MICHEL BARROS .....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICE B – SOBRE A ORQUESTRA ESCOLA DO CEARÁ .....</b>	<b>104</b>
<b>APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO – OS CEARENSES – AUGUSTO PONTES .....</b>	<b>108</b>
<b>APÊNDICE D – LISTA DOS SECRETÁRIOS DE CULTURA DO CEARÁ DE 1966 A 2016 .....</b>	<b>143</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira se deu a partir de um convite muito sugestivo: "Venha e traga seu instrumento". Este convite foi feito por um parceiro de trabalho professor da Rede Estadual de Educação Básica e então mestrando do PPGE, Marcelo Kaczan, referindo-se à OEC- Orquestra Escola do Ceará<sup>1</sup>. O convite fazia referência aos ensaios da OEC que aconteciam na Casa de José de Alencar, em Messejana. Fui muito bem acolhido por todos os integrantes e passei a conhecer também os professores que faziam parte do Programa de Pós Graduação em Educação. O convite foi estendido também à participação como aluno ouvinte e, a partir daí, preparação para a próxima seleção. Foi essencial minha participação como ouvinte na Disciplina Praxiologia e Histórias de Vida em Formação, ministrada pelos Professores Luiz Botelho Albuquerque<sup>2</sup> NOTA, Pedro Rogério<sup>3</sup> e Henrique Beltrão<sup>4</sup> NOTA. O conjunto de leituras e reflexões aliado

---

<sup>1</sup> Orquestra Escola do Ceará – Release em anexo.

<sup>2</sup> Graduado em Música Composição e Regência pela Universidade de Brasília (1971), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1980) e Doutor em Sociologia da Educação - University of Iowa (1990). Atualmente é Professor Associado II lotado no Departamento de Teoria e Prática do Ensino da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Atua também junto ao Curso de Licenciatura em Música do Instituto de Cultura e Arte da UFC. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Sociologia da Educação; Sociologia da Arte e Música; Ensino de Música, Educação e Formação de Professores.

<sup>3</sup> Professor da Universidade Federal do Ceará - UFC. Doutor em Educação / Linha Currículo / Eixo Educação Musical pela UFC (2011). Mestre em Educação pela UFC (2006). Graduado em Música - Licenciatura - pela Universidade Estadual do Ceará (2000) . Atua como avaliador e parecerista em eventos acadêmicos e científicos. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Currículo, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Musical, Formação de Professores, Currículo, Sociologia da Arte e EAD. Coordenador do Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES/UFC; Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC; Linha de Pesquisa Educação, Currículo e Ensino do Programa de Pós Graduação em Educação da UFC; Professor do Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES, Coordenador do Grupo de Pesquisa e Estudos da Música Cearense - GRUPECE e do Laboratório de Epistemologia da Música da UFC. Professor Adjunto III do Curso de Música - Licenciatura - da UFC. Representante no Ceará da Associação Brasileira de Educação Musical - ABEM.

<sup>4</sup> Poeta, radialista, compositor, pesquisador e professor universitário. Autor de No Ar, um Poeta (Fortaleza: Ed. UFC, 2014. Col. Diálogos Intempestivos n°163), fruto da tese de doutorado; de Vermelho (2006; 2007) e Simples (2009), livros de poemas e canções; e do CD Plural - Henrique Beltrão e Amigos (2015). Professor adjunto do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará - UFC, professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC e do Mestrado Acadêmico em Artes - PROFARTES da UFC, com atuação em extensão universitária, em formação de professores no curso de Letras: Português - Francês, em formação na área de Radiodifusão na Rádio Universitária FM 107,9, formação de pesquisadores, especialmente com a abordagem Histórias de Vida em Formação. Pesquisador do grupo Transform' - Universidade de Nantes, França e do grupo de pesquisa Laboratório de Epistemologia da Música da UFC. Produtor e apresentador dos programas Sem Fronteiras: Plural pela Paz (desde 1998) e Todos os Sentidos (desde 2003) da Rádio Universitária FM 107,9 ? ambos projetos de extensão da UFC. Coordenador desses e do Rádio Plural, programa de extensão da UFC. Graduado em Letras: Português-Francês pela UFC (1988). Mestre em Linguística Aplicada: Ensino/Aprendizagem de Línguas Estrangeiras pela Universidade Estadual do Ceará (2002). Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da UFC (08/2008 - 12/2011), com doutorado Sanduíche na Université de Nantes - UN, França (03/2010 - 02/2011). Orientadores: Luiz Botelho Albuquerque (UFC, Brasil) e

à minha experiência como professor e músico me ajudaram a construir uma proposta de pesquisa para a seleção ao Mestrado do Programa. O projeto tinha como objetivo refletir sobre a prática docente de estudantes em grupos de estudo informal do instrumento violão no espaço escolar. Com este projeto, firmado nos referenciais teóricos da Praxiologia de Pierre Bourdieu e na abordagem das Histórias de Vida e Formação, consegui passar pela seleção e me matriculei no semestre 2016.2.

Ao cursar a disciplina de Prática de Docência I, acompanhei a disciplina de História da Música Cearense no ICA- Instituto de Cultura e Arte da UFC com o Professor Pedro Rogério.

No contato com a produção cearense e seus agentes, em específico no período da segunda metade do século XX, a atuação de Augusto Pontes na formação do campo musical me chamou a atenção por sua relevância em momentos chave da movimentação do mesmo, bem como a ausência de pesquisas diretas sobre a atuação deste importante agente nesse campo, isto para falar somente da área musical. Sob a orientação do Professor Luiz Botelho Albuquerque e coorientação do Professor Pedro Rogério rearticulei minha pesquisa para contribuir na reflexão sobre o processo formativo no campo musical cearense através da trajetória de Augusto Pontes.

Os referenciais teórico metodológicos estão centrados na Praxiologia de Pierre Bourdieu com os conceitos de *habitus*, campo e capitais e na abordagem das Histórias de Vida em Formação ou Método Biográfico à partir da reflexão de Christine Delory-Momberger com um olhar sobre a relação entre o biográfico e o educativo.

Augusto Pontes (1935-2009), filósofo, jornalista, compositor, professor, publicitário, boêmio e agitador cultural. Foi agente de fundamental importância para a formação do campo musical e cultural cearense desde a década de 1960. Em pesquisas de referência neste campo é citado como um dos maiores intelectuais cearenses da segunda metade do século XX com participação singular na articulação e projeção do “Pessoal do Ceará” e do Movimento Massafeira Livre. Sua sabedoria “frasista” o imortalizou na memória da boemia fortalezense e em trechos de composições de artistas como Belchior e Fagner, além de parcerias autorais com Ednardo, Rodger Rogério, Petrucio Maia, Clodo, Piti e Zeca Bahia. Atuou de forma marcante como publicitário e polêmica, como secretário da cultura da cidade de Fortaleza e do Estado do Ceará. O registro jornalístico sobre sua morte em maio de 2009 reflete sua distinção no campo artístico cultural de Fortaleza apontando para o aspecto agregador e incentivador de seu fazer singular.

Com isto temos algumas delimitações acerca das fontes para a construção de sua trajetória: Em primeiro lugar os trabalhos de pesquisa referentes à reflexão do campo musical e artístico cearense partindo de Mary Pimentel com Terral dos Sonhos: o cearense na música

---

Martine Lani-Bayle (UN, France). Experiência na área de Letras, com ênfase em formação de professor; na área de Radiodifusão, com ênfase em pessoas com deficiência, em diversidade linguístico-cultural, em pluralidade de línguas, povos, culturas, religiões, gêneros e idade, assim como ênfase em formação em Radiofonia; na área de Extensão Universitária, atuando principalmente nos seguintes temas: Letras, formação de professor de francês, formação em Radiofonia, Histórias de Vida em Formação, (auto)biografia, afetividade, produção e apresentação em rádio, poesia e extensão universitária.

popular brasileira; Pedro Rogério com Pessoal do Ceará: *habitus* e campo musical na década de 1970; A viagem como um princípio na formação do *habitus* dos músicos que na década de 1970 ficaram conhecidos como “Pessoal do Ceará”; Wagner Castro com: No tom da canção cearense: do rádio e TV, dos lares e bares na era dos festivais (1963-1979); Jordianne Guedes com O fazer musical de Rodger Rogério: o singular e o plural do Pessoal do Ceará; e, Marcos Leandro de Freitas com o artigo O guru de uma geração: Augusto Pontes, o Pessoal do Ceará e ação cultural (1963-1979). Cada qual apontando em Augusto Pontes a perspectiva de aglutinador e incentivador do fazer cultural.

Em segundo lugar o registro memorial dos agentes do campo onde ele atuou registrados em entrevistas e documentários para a televisão e Internet: Os Cearenses, série de documentários sobre personalidades cearenses realizada pela Fundação Demócrito Rocha, veiculada na TV O Povo<sup>5</sup>, e entrevista com o próprio Augusto Pontes cedida à TV UNIFOR em 2009 : Programa Vivências<sup>6</sup>;

Em terceiro lugar o registro de suas parcerias musicais.

Em quarto, por fim o registro jornalístico quando de sua morte em 2009.

Sempre lembrado pelos agentes envolvidos no campo musical e artístico cearense do período como “guru”, incentivador, aglutinador, foi figura importante e singular na trajetória de mais de uma geração de artistas.

O aspecto ainda não refletido na produção acadêmica sobre a temática Cultura musical cearense; Formação do campo musical cearense; Formação do *habitus* musical nos agentes desse campo; O fazer musical de agentes específicos nesse campo é o aspecto pedagógico: o processo de formação de si e dos outros agentes.

Objetivar o processo de formação de uma pessoa demanda um corpo conceitual que nos forneça condições de análise que vão além da proposta simplesmente histórico-biográfica. O objetivo desta pesquisa, então, não é construir uma biografia de Augusto Pontes, mas, partindo de fontes biográficas, como entrevistas , documentários e registros jornalísticos além de seu próprio relato da trajetória, refletir sobre seu processo formativo, na constituição de um *habitus* .

A Praxiologia de Pierre Bourdieu como uma teoria da prática com os conceitos de *habitus*, campo e capitais nos fornece um instrumental adequado à nossa reflexão interagindo com a abordagem metodológica (auto) Biográfica ou das Histórias de Vida e Formação (HIVIF), na perspectiva interfacial biografia/educação/formação em Christine Delory-Momberger.

Minha hipótese é que, na trama da vida, constrói-se o que chamo de *habitus* intelectual formador. Uma referência que mobiliza outros agentes em torno ou a partir de si e

<sup>5</sup> Os Cearenses, nº16, também disponível pelo link < <https://www.youtube.com/watch?v=CCd85CBPQco>> Última visualização em junho de 2018.

<sup>6</sup> Programa Vivências. TV UNIFOR – Série em cinco blocos de entrevista com Augusto Pontes. Disponível no link:< [https://www.unifor.br/tv-unifor?p\\_p\\_id=unifor\\_tv\\_TvPortlet\\_INSTANCE\\_wx8ZHsr6e5t7&p\\_p\\_lifecycle=0&p\\_p\\_state=normal&p\\_p\\_mode=view&unifor\\_tv\\_TvPortlet\\_INSTANCE\\_wx8ZHsr6e5t7\\_mvcRenderCommandName=search\\_render](https://www.unifor.br/tv-unifor?p_p_id=unifor_tv_TvPortlet_INSTANCE_wx8ZHsr6e5t7&p_p_lifecycle=0&p_p_state=normal&p_p_mode=view&unifor_tv_TvPortlet_INSTANCE_wx8ZHsr6e5t7_mvcRenderCommandName=search_render)>

Última visualização em junho de 2018.

movimenta o campo, agindo de forma determinante sobre seus papéis e mobilidade. Não como quem sujeita por poder de força, mas mobiliza, articula com aceitação dos pares.

Como se constitui o *habitus* intelectual formador na trajetória de Augusto Pontes?

Quais disposições cognitivas, motoras, afetivas e ético-políticas foram capitalizadas e mobilizadas na trajetória de Augusto Pontes para a constituição deste *habitus* intelectual formador?

Como os aspectos cognitivos, motores, afetivos e ético-políticos capitalizados e mobilizados na trajetória de Augusto Pontes, contribuíram para a formação dos agentes no campo musical cearense?

O conceito de *habitus* intelectual formador na trajetória de Augusto Pontes nesta pesquisa contribui para a reflexão dos conceitos de educação/formação, currículo/saberes e ensino/práticas no campo musical ampliando-os e re-significando-os, desvelando aspectos pedagógicos em espaços não escolares, mas significativamente formativos.

## 2 PRAXIOLOGIA E PESQUISA BIOGRÁFICA, UMA INTERFACE TEÓRICO-METODOLÓGICA.

Nosso próximo passo é, a partir da trajetória do pesquisador, pontuar os conceitos (a teoria) e a abordagem metodológica utilizada que dão corpo de sustentação reflexiva também para a trajetória de Augusto Pontes, estabelecendo uma interface entre nossa construção como agentes num campo artístico/educacional/formativo que dialogam mesmo em referenciais temporais diferentes.

Existe um diálogo entre a Praxiologia de Pierre Bourdieu e a abordagem das Histórias de Vida em Formação em Christine Delory-Momberger, e esta chamaremos no decorrer do texto de Pesquisa Biográfica.

A pesquisa biográfica assume epistemologicamente a concepção de indivíduo como ser social singular. Seu objeto é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no meio social, como dão forma às suas experiências e como (re)presentam e (re)produzem sua realidade social através das várias linguagens culturais dentro da dinâmica que lhe é pertinente (DELORY-MOMBERGER, 2012). Sendo então o objeto da pesquisa biográfica a constituição do indivíduo como ser social e singular e sendo esta singularidade atravessada, informada pelo social, no sentido em que é o social quem lhe fornece sua substância de existência, aproximamo-nos da intenção de Pierre Bourdieu em constituir uma teoria da ação ou interface entre o singular e o social, a Praxiologia. Uma teoria ou filosofia da ação que se inscreve em disposições potencializadas nos corpos dos agentes, mais ou menos conscientes e também nas estruturas da dinâmica do campo, precisamente no movimento de suas relações. Também segundo Bourdieu, essa teoria ou filosofia é condensada num breve corpo conceitual fundamental que instrumentaliza a reflexão sobre essa dinâmica: *habitus*, campo e capital. Tem também como ponto central a mão dupla de relação entre as estruturas objetivas do campo ou dos campos e a estrutura incorporada do *habitus* (BOURDIEU, 2001).

É exatamente nessa condição relacional de constituição e existência que nossa fundamentação teórico metodológica se firma. A constituição do indivíduo no exercício de reflexão da construção de si através da narrativa biográfica revela-se como socialmente singular em um ou em vários campos concomitantemente (DELORY-MOMBERGER, 2009).

Esse diálogo entre Praxiologia e Pesquisa Biográfica existe no sentido em que, na reflexão de Pierre Bourdieu, necessitava estabelecer uma interface entre o individual e o coletivo que superasse essa dualidade conflituosa entre eles. O *habitus* surge, assim, nessa perspectiva, como elo mediador, conforme diz:

“ (...) o *habitus* é uma noção mediadora que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar “a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade”, ou seja, o modo como a sociedade torna-se depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam em suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações de seu meio social existente.” (WACQUANT, 2009)



Temos assim, um caminhar apontando para o mesmo alvo, mesmo percebendo os instrumentais teóricos vestidos em suas especificidades. Enquanto na Praxiologia, os conceitos entrelaçam-se para focar tanto no individual quanto no coletivo em sua dinâmica simultânea, assim também a Pesquisa Biográfica compreende a construção de si numa interação indissociável do “nós”, no sentido do coletivo social. Como diz Ferraroti sobre o indivíduo universal e singular: “nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um de nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história desse sistema está contida por inteiro na história de nossa vida individual” (FERRAROTTI, 2010). E ainda Delory-Momberger quando coloca a Pesquisa Biográfica, ou Biografização como interface entre o indivíduo e o social: “processos aos quais os indivíduos, em seus comportamentos e discursos, consciente ou inconscientemente, se entregam durante toda a sua existência, como uma atividade constitutiva do seu ser social” (Delory-Momberger, 2008).

A narrativa é o instrumento pelo qual se materializa a Pesquisa Biográfica.

Há toda uma reflexão sobre a narrativa como gênero histórico válido, quando se torna registro, fonte histórica. François Dosse, em seu *O Desafio Biográfico* diz: “Escrever a vida é um horizonte inacessível, que, no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreender” (Dosse, 2009). Desde sempre, a narrativa exemplar foi método formativo para as novas gerações. Ainda hoje, em sociedades ágrafas<sup>7</sup>, a narrativa tem peso de educação. Mesmo em nossa sociedade, marcada pela tradição escrita, talvez em mais circunstâncias que queiramos admitir, a oralidade tem muito peso formativo. Não vamos entrar na discussão histórica sobre a narrativa ou oralidade como fonte. O ponto aqui é localizar a narrativa como um instrumental que se faz objetivo de construção de si.

Como nos fala Formenti:

“Todos os métodos voltados a colher a subjetividade, a unicidade, a vitalidade do adulto e das suas trajetórias de aprendizagem e expressão de si, de atribuição de senso às próprias práticas. Método que pode exprimir-se através da narração, espontânea ou estimulada, continuada ou ocasional, feita para si ou para os outros, de micro-eventos significativos e bem focados, ou do curso inteiro da própria vida, composta não só de fatos ou episódios, mas de sensações, reflexões, avaliações, julgamentos e certamente emoções e sentimentos” (FORMENTI, 1998).

A narrativa como sendo formadora, na perspectiva da Pesquisa Biográfica, sua potencialidade de formação, se dá quando se vai além no natural e espontâneo. É necessário se perguntar, encontrar sentidos, fazer ligações. A narrativa torna-se formadora. A base das práticas da Pesquisa Biográfica é a apropriação que o indivíduo faz de sua própria experiência em sua narrativa. É o princípio da sua (auto) formação.

Sobre esse sentido à narrativa, como que colocando vida nela, para dar-lhe potencial formador, Pierre Bourdieu em seu *A Miséria do Mundo*, chama de “empatia” esta vida na narrativa: “somente essa empatia permitiria penetrar na singularidade da história de uma vida

---

<sup>7</sup> Sem tradição escrita.

e tentar compreender ao mesmo tempo, na sua unicidade e generalidade, os dramas de uma existência”(BOURDIEU, 2003).

Nesta construção interfacial entre a Praxiologia e a Pesquisa Biográfica para esta pesquisa visualizo após esta reflexão a primeira como um “o quê” e a segunda como um “como”, ambas necessitando, à partir das fontes narrativas, apoiarem-se, utilizarem-se, invadirem-se, no que há de positivo em todos os sentidos.

### 3 DELIMITANDO AS FONTES

A seleção das fontes para a pesquisa se deu muito em função da própria natureza biográfica do objeto, um processo formativo. Minha experiência como aluno ouvinte na Disciplina de Praxiologia e Histórias de Vida em Formação também deram um rumo de cunho teórico-metodológico para a busca das fontes, levando em consideração que minha proposta de pesquisa ao entrar como aluno do Programa de Pós graduação não era esta, mas as bases da teoria e metodologia também dariam suporte a essa nova indagação a respeito do campo musical cearense.

Levei em consideração os seguintes pontos para a escolha das fontes:

#### 3.1 A contextualização histórica e a produção acadêmica

Neste ponto foram indispensáveis Mary Pimentel<sup>8</sup>, com *Terral dos Sonhos: o cearense na música popular brasileira*. Uma obra que se constituiu em um clássico da temática produção cultural, especificamente musical. Coloca a música como prática política, amplia a reflexão da música como linguagem emancipatória no campo da sociologia no contexto da cultura brasileira, interpõe política e cultura através da linguagem musical, além de discutir produção cultural e mercado a partir das imposições do poder simbólico. Nesse ponto encontramos a presença de Augusto Pontes nas atividades dos movimentos culturais politicamente engajados: CPC, o Centro Popular de Cultura, entre 1962 e 1963 da União Nacional dos Estudantes; e da rearticulação da atividade político-cultural pós golpe militar de 1964 com o GRUTA, principalmente entre 1966 e 1968, quando do retorno de Augusto Pontes de Brasília, que deu um viés mais local à militância cultural. Mary Pimentel também discute as tensões entre o regional e o nacional na identidade musical cearense.

Também foram indispensáveis as produções do Professor Pedro Rogério Pessoal do Ceará: formação de um campo e de um *habitus* musical na década de 1970; e *A viagem como um princípio na formação do habitus dos músicos que na década de 1970 ficaram conhecidos como “Pessoal do Ceará”*. Na primeira, sua Dissertação de Mestrado, faz uma análise da formação do gosto musical do grupo de intelectuais cearenses utilizando os mesmos conceitos praxiológicos habitus, campo e capitais, que utilizei na minha pesquisa para a constituição do *habitus* intelectual formador em Augusto Pontes, tendo sido um dos agentes pesquisados. Na segunda, em minha análise, faz uma interessante inflexão sobre o aspecto (trans)formador do deslocamento geográfico (viagem) dos agentes e sua dinâmica no campo social. Augusto Pontes não está diretamente nesta pesquisa do Prof. Pedro Rogério, mas em nossa dinâmica de reflexão sobre o campo musical cearense, é impossível dissociá-lo.

---

<sup>8</sup> Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará(1974), especialização em Sociologia do Desenvolvimento pela Universidade de Brasília(1976) e mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará(1992). Atualmente é professora titular da Universidade Estadual do Ceará. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia da Cultura. Atuando principalmente nos seguintes temas: música, identidade, movimento cultural.

Muito importante também a Dissertação do Professor Wagner Castro<sup>9</sup>, No tom da canção cearense: do rádio e TV, dos lares e bares na era dos festivais (1963 – 1979). Analisa a produção musical cearense desde a década de 1950 até a configuração de uma produção cearense que participa do contexto nacional à partir da expansão dos meios de comunicação de massa e da dinâmica da produção nos mais variados espaços de fazer musical: festivais, programas de auditório de rádio, TV, as casas dos agentes e o espaço dos bares. Augusto Pontes está presente em toda a construção histórica não somente da produção musical, mas também da movimentação cultural que envolvia teatro e participação política e toda uma logística criativa e ativa na movimentação de todos os momentos do fazer coletivo refletidos na pesquisa de Wagner Castro. Augusto aparece dando o tom da coletividade identitária do fazer cultural cearense, segundo o autor.

Não menos importante, Jordianne Moreira Guedes<sup>10</sup> em O fazer musical de Rodger Rogério: o singular e o plural do pessoal do Ceará, apresenta na obra de Rodger Rogério as reflexões sobre consumo e produção musical, hibridação cultural nas relações entre rural e urbano, o local e o estrangeiro, tradição e modernidade e erudito e popular. Augusto Pontes figura como importante parceiro musical que transmite em suas letras o reflexo da formação complexa desses artistas cearenses, colaborando com a análise de Jordianne Guedes.

Marcos Leandro de Freitas<sup>11</sup> com o artigo O guru de uma geração: Augusto Pontes, o Pessoal do Ceará e ação cultural (1963-1979), tem relevância ímpar na sistematização desta contextualização histórica e produção acadêmica. Compreende a participação de Augusto Pontes como fundamental na delimitação das atividades culturais principalmente em Fortaleza entre os anos de 1963 e 1979. Reflete sobre o conceito de ação cultural e salienta o aspecto agregador de Augusto Pontes, tanto na valorização dos agentes como grupo, quanto na valorização de suas carreiras individuais. Abre caminho para indagações a respeito da postura de Augusto como produtor indireto de uma notável obra. Agregando isso ao conjunto de considerações póstumas publicadas por tantos agentes importantes dessa trajetória à pessoa de Augusto Pontes, acrescento minhas indagações sobre seu processo formativo.

---

<sup>9</sup> Doutor em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Ceará, mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará e especialista em Perspectivas e Abordagens pela Universidade Estadual do Ceará. Membro do NHIME (Núcleo de História e Memória dos Historiadores da Educação) da Faculdade de Educação (UFC). Pesquisador atuante e credenciado junto ao CNPq do grupo "História & Culturas" da Universidade Estadual do Ceará. Pesquisador da música cearense, cantor e compositor com dois cds editados, "Ambiguidades" e "Pão".

<sup>10</sup> Mestre em História pela Universidade Estadual do Ceará (2012); Especialista em Educação Especial pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (2001), Técnica em Música pela Universidade Federal do Ceará (2005), Bacharel em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (1997). Assistente social do Tribunal de Justiça do Ceará.

<sup>11</sup> Possui graduação em História pela Universidade Estadual do Ceará (2014). Atualmente é professor de história - Colégio Master e professor de história - Salesiano Dom Bosco - Fortaleza. , atuando principalmente nos seguintes temas: música cearense, humor, história e memória.

### 3.2 A memória dos agentes do campo onde atuou registradas em entrevistas e documentários

O passo seguinte logo após essa contextualização da produção acadêmica sobre o campo cultural e musical cearense foi a busca da produção do Próprio Augusto Pontes. A priori, a ausência dessa produção direta e publicada, me levou a explorar o que se falou, escreveu e comentou sobre Augusto Pontes. O que me levou a considerar também um ponto específico de reflexão sobre essa postura de produtor indireto ou coadjuvante, de certa forma, reforçando a prática do sempre coletivo.

Os principais registros diretos sobre a trajetória de Augusto Pontes pesquisados para este trabalho foram:

O programa Vivências. Entrevista com Augusto Pontes. Realizado pela TV UNIFOR em 2009<sup>12</sup>;

Os Cearenses<sup>13</sup>, documentário de número dezesseis parte de uma coleção de vídeos publicada pela Fundação Demócrito Rocha; e

Entrevista<sup>14</sup> feita pelo jornalista Dalwton Moura em 30 de dezembro de 2005 a Augusto Pontes pela passagem de seus 70 anos ao Caderno 3 do Jornal Diário do Nordeste.

Dessas três fontes que chamei de registros diretos, selecionei a primeira para transcrevê-la e incorporá-la ao texto para ser base para a análise.

### 3.3 O registro de suas parcerias musicais

O intuito de analisar a obra musical de Augusto Pontes passa pela compreensão de que inscreve-se na obra parte de si. Sendo a música, conforme o próprio Augusto: “A música é uma explosão, a música, a letra da música é uma explosão de vontade, de desejo, de insatisfação, ela já vai com a forma de reclamo”. (VIVÊNCIAS, 2009)

No campo de pesquisa encontro relatos diferenciados com relação ao número de letras em parceria que Augusto Pontes teria feito. Fico com o relato publicado no Blog Zeca Zines<sup>15</sup>, que Augusto Pontes reitera em seu relato:

“Autor de mais de 200 letras, apenas umas 12 músicas onde contribuiu com suas letras e genialidade, são conhecidas do público ou gravadas, entre as quais: Carneiro e Água Grande em parceria com Ednardo; Lupiscínica em parceria com Petrúcio Maia; O Lago e A Mala em parceria com Rodger Rogério; Velho Demais e Sopa de

<sup>12</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=CCd85CBPQco&t=63s>> última visualização em junho de 2018.

<sup>13</sup> Disponível em < <https://www.unifor.br/tv-unifor>> última visualização em junho de 2018.

<sup>14</sup> Disponível em < [diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/o-guru-aos-70-1.544064](http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/o-guru-aos-70-1.544064)> última visualização em junho de 2018.

<sup>15</sup> Disponível em < <http://zeczines.blogspot.com/search/label/Augusto%20Pontes>> última visualização em junho de 2018.

Saudade e Palmito<sup>16</sup> em parceria com Zeca Bahia; e outras inéditas com um dos fundadores da Tropicália, o baiano Piti que estava residindo em Fortaleza com o qual fez a parceria Caminho do Mar. Também realizou parceria com os compositores do grupo piauiense residente em Brasília: Climério - Pelada; E Clésio - Folia ou Pressa; e existem outras com o Clodo e também O Mundo Mudar e Pancada do Mar em parceria com Rodger Rogério” (BLOG ZECA ZINES, 2009)

As letras ou trechos delas podem se constituir reflexos ou a própria expressão da subjetividade do autor. A época e circunstâncias de sua produção também falam e vemos um potencial explicativo também de si e sua formação.

## **Carneiro**

Ednardo e Augusto Pontes

Amanhã se der o carneiro

O carneiro

Vou-me embora daqui pro Rio de Janeiro

Amanhã se der o carneiro

O carneiro

Vou-me embora daqui pro Rio de Janeiro

As coisas vem de lá

Eu mesmo vou buscar

E vou voltar em vídeo tapes

E revistas super coloridas

Pra menina meio distraída

Repetir a minha voz

Que Deus salve todos nós

E Deus guarde todos vós.

---

<sup>16</sup> A Música está registrada no disco LP Matuskela com o nome de” Uma Sopa de Saudade”, cujos autores são Zeca Bahia e Augusto Pontes (APÊNDICE G).

## Água Grande

Ednardo e Augusto Pontes

A primeira vez que eu vi São Paulo

Da primeira vez que eu vim São Paulo

Fiquei um tempão parado

Fiquei um tempão parado

Esperando que o povo parasse

Esperando que o povo parasse

Enquanto apreciava a pressa da cidade

A praia de Iracema

Veio toda em minha mente

Me banhando da saudade

Me afogando na multidão

Eu vim São Paulo

Se afogando na multidão

Eu vi São Paulo

Janeiro e nada

Fevereiro e nada

Marçabril e águagrande despencou

Um aviso de chuva me chamou

Marçabril e águagrande despencou

Um aviso de chuva me chamou

Adeus São Paulo

Está chovendo pras bandas de lá

Também estou com pressa

Está chovendo pras bandas de lá

## Lupiscínica

Petrúcio Maia e Augusto Pontes

Vamos acabar com essa briga, amor  
Que eu estou cansado  
Deite aqui ao meu lado e não fale mais  
Que eu estou calado  
E não balance essa chave  
Vai acordar meu remorso  
A tua bolsa, guarda segredos de mim  
E por mais que eu mexa e remexa  
É voce que não deixa ver  
Quantas vezes eu mudei de conversa  
Pra não falar  
Tantas vezes eu dobrei a esquina pra não ver  
E hoje, sinto ciumes até da tua falta  
Mas não vou mais  
Matar ninguém por tua causa  
Mate-me, que eu já te matei  
Inutilmente bêbado  
Triste como um peixe afogado  
Na madrugada sonolenta  
De bolero em bolero  
Acuerdame da qui a poco  
Você está com a vida que pediu a Deus  
Augusto Pontes e Petrúcio Maia



## **O Lago**

Rodger Rogério e Augusto Pontes

Ainda ontem eu e a lua tomávamos banho no lago

Batemos um papo radiante e prateado

Na tarde da lua metade de mim

A lua é leve e pop

Lá do lago prato boiando bandeja de prata o lago

Metade eu, metade a lua

Flutua abraçando a cidade

## **A Mala**

Augusto Pontes e Rodger Rogério

Teus olhos cansados de ver o mundo

Teus olhos molhados de ver o mundo

Teus olhos cansados de viver no mundo

Meus olhos molhados de viver no mundo

Meus olhos parados no meio do mundo

Mil olhos olhados no canto da sala

Do mundo onde vou

Nossos olhos guardados dentro da mala

Do mundo onde estou

Nos olhos, olhares sem ver o mundo

Mil mundos rodando no canto da sala

Na sala mortiça, a mala piscando

Na sala a preguiça da mala no canto

A mala estende seu manto na sala

A sala se cala no canto da mala

Mil olhos se flecham no canto da sala

Da sala

Sentado, sentido, ouvido, perdido

Comovido, comedido, com que digo, consentido

Áspera a espera Aspirina, aspirando, respirando, suspirando Vendendo, vendado, vedando

Pisca, piscando, preguiça, na sala, na mala

Fumaça azul, luz, luz e lágrimas

## **Uma sopa de Saudade**

Zeca Bahia e Augusto Pontes

Apenas um minuto, estale seus dedos

Pisque seus olhos sessenta segundos

Não me anunciaram nem me garantiram

Nem o mundo se acabou, papai, mamãe, meu professor

Quem me enganou, quem me enganou, quem me enganou, papai, mamãe, meu professor?

Quem me enganou, quem me enganou Caetano Veloso não se acabou.

Uma sopa de saudades e palmito. Um pouco dentro e fora do previsto

Eu me repito feio ou bonito

É a mesma esquisita certeza

A nona sinônima senhorial, sensorial, fenomenal

Sensitivo, senso ativo, allium sativo.

## **Folia ou Pressa**

Clésio Ferreira e Augusto Pontes

Feito de conta esse olhar

Faz de conta que é pra mim

Abra o seu sorriso o mais que possa

Quero entrar nesta festa de riso, e olhar

Meu coração está de novo aberto, Pode entrar

Eu estou só com os meus momentos

E uma saudade clara sua

Festa de corpo e alma nua

Meu coração com mil tormentos

## **Mundo Mudar**

Augusto Pontes e Rodger Rogério (1965)

Companheiro

Companheiros

Companheiro

Pelos tempos aprendemos

Nas cidades cantaremos

Pelos tempos levaremos

É preciso saber quem, companheiro

É preciso querer todos companheiros

É preciso ser também companheiro

O mundo não é sempre assim

O mundo é sempre a rodar

Não diga sempre sim

Aprenda o mundo mudar

Aprenda o mundo mudar

O mundo não é sempre assim

O mundo é sempre mudar

Não diga sempre sim

Aprenda o mundo mudar

Aprenda o mundo mudar

### **3.4 O registro jornalístico (2009)**

Foi utilizada como fonte de pesquisa na Internet em função de praticamente todos os jornais que têm formato impresso, também os têm disponíveis na rede. As buscas foram feitas pela ordem de palavras: agosto pontes, pessoal do ceará, guru e guru da geração pessoal do ceará. Após, uma série secundária se seguia, mas sempre trazendo a primeira série como integrante. O material selecionado teve visualização desde março de 2017 e era atualizado com novas buscas a cada mês. A última visualização com atualização foi feita em março de 2018. Consta na Bibliografia como Sites.

## 4 TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR

Nosso próximo passo é, a partir da trajetória do pesquisador, pontuar os conceitos (a teoria) e a abordagem metodológica utilizada que dão corpo de sustentação reflexiva também para a trajetória de Augusto Pontes, estabelecendo uma interface entre nossa construção como agentes num campo artístico/educacional/formativo que dialogam mesmo em referenciais temporais diferentes.

### 4.1 Memórias auditivas e olfativas

Pedacinhos do céu<sup>17</sup>. Faz jus ao nome a pérola musical de Waldir Azevedo, pois é a lembrança musical mais antiga e agradável que tenho de minha infância na casa de minha avó materna. Lembro-me da rede armada na cozinha, do sonhar e acordar com as melodias dos regionais, da voz matuta e compassada nos versos recitados por Guajará Cialdini, no programa Guajará no Varandão<sup>18</sup> diretamente do radinho de pilha de meu avô, que paciente esperava, à mesa daquela área, o café cujo aroma, igualmente embalava meu sono quase acordado na memória registrada.

As memórias de minha infância até os dez anos de idade registraram-se mais em sons e cheiros que em imagens. São dos que me lembro mais. Vêm-me sempre, vez por outra, na memória o aroma gostoso da carne de porco cozida preparada por minha avó, do feijão mulatinho cozido com toucinho, tudo isso devidamente regado às suas cantigas. Minha avó tinha sempre um “dizê”, um verso, uma trova e aos meus ouvidos, analisando agora, me soa tão musical.

Tanto ela quanto meu tio Humberto, que amava muito futebol, recitavam para eu ouvir. Este último pelo seu apego ao esporte sempre tinha à mão um radinho que era seu passaporte para diversão e informação. Cuidava do material de um time de bairro: uniformes, redes, bolas, ataduras e todo o mais. Minha alegria quando ganhei uma bola de couro, presente do meu tio. Muito legal! Meus amigos não tinham uma bola de couro. Alegria no quintal, meninada brincando.

Lembro-me das noites na calçada quando as pessoas se reuniam após as seis da tarde ou depois da “janta”. Quando pedia ao tio Humberto, ele começava : “Tu quer que eu faça contigo como eu fiz com o Zé Do cão? Fiz ele subir a serra numa pragata de algodão”<sup>19</sup>.

Ficaram inscritos na memória o ritmo dos versos e minhas tentativas de rimar como ele.

A casa de minha avó era um ambiente musical. Quase todos tinham um radinho de pilha: meu avô, minha avó, meu tio Humberto, minha tinha Ernestina. Esta, a caçula, única

<sup>17</sup> LP 10' Waldir Azevedo. Gravadora Continental, 1955.

<http://immub.org/album/waldir-azevedo>

Último acesso em junho de 2018.

<sup>18</sup> Programa matinal da Rádio Uirapuru em Fortaleza, agora rádio Record.

<sup>19</sup> Referência à personagem Zé do Cão, da trilha sonora do filme A Noite do Espantalho. LP homônimo. Sérgio Ricardo. Gravadora Continental - 1974

viva dos citados ainda cultiva o hábito do radinho de pilha. Ela prioriza programas que tocam músicas das décadas de 60, 70 e 80 que ainda tocam bastante nas programações de frequência AM<sup>20</sup>, acha-as mais bonitas, diz ela. Interessante o registro da contribuição de minha tia Ernestina para minha formação sonora, pois, sempre a via e vejo cantarolando com o rádio ao pé do ouvido. Rádios e pilhas são seus presentes preferidos. Minha tia Ernestina tem um retardo devido a complicações na primeira infância em virtude de paralisia infantil. O rádio é sua companhia constante.

Eu não morava na casa de minha avó, mas passava muito tempo por lá.

Sobre as experiências na infância, fala-nos Bourdieu por Bonnewitz:

“Entre todas as ações pedagógicas que sofremos, as mais decisivas são as mais precoces, as que sofremos durante a infância e que tivemos como resultado inculcar-nos um “*habitus* primário”. Este é constituído das disposições mais antigamente adquiridas e, logo, mais duradouras. O grupo familiar desempenha um papel preponderante nessa socialização primária.”(Bonnewitz, 2003)



Daniele e minha avó Maria Luiza. Arquivo Pessoal

Saliento nesse trecho de minhas memórias formativas que a relação com os espaços constituídos na condição de ambientes de construção de identidade são também elementos de reflexão para a construção de mim. Aponto também que a relação consciente de análise dos aspectos formativos desses espaços e da interação com esses agentes do âmbito familiar se dá a partir de um distanciamento, primeiro cronológico, depois hermenêutico-semântico. Construo minhas memórias a partir do que é cognitivamente possível, passando pelos aspectos avaliativos conscientes e inconscientes de lembrança e esquecimento; e a partir

<sup>20</sup> Rádio AM é o processo de transmissão através do rádio usando Modulação em Amplitude. É transmitido em várias bandas de frequência. Foi por oitenta anos o principal método de transmissão via rádio. Caracterizado pelo longo alcance dos sinais, a frequência AM está sujeita a interferências de outras fontes eletromagnéticas.

também de minhas escolhas, avaliações e engajamentos ético-políticos construídos historicamente em minha trajetória. Tanto falam as lembranças quanto falam os silêncios.

O olhar para si, o relato de um período, de uma trajetória dentro de um propósito temático, no caso, o fazer-se músico, professor, formador, na abordagem da pesquisa biográfica tem substancial potência de constituição do ser. Segundo Lani-Bayle:

“(...) há em nós um mundo muito mais importante do que se pode crer, habitado por um amontoado de histórias latentes, implícitas. Desenvolvê-las dá relevo a existência diferente da linearidade limitada do aqui agora, e que nos escapa cada vez que avançamos (LANI-BAYLE, 2008)

Praxiologicamente, o espaço físico – a casa da minha avó – não tem significado algum fora do contexto de existência e delimitações relacionais entre os agentes e o mesmo. Age-se no campo e este só o é enquanto espaço das relações. Assim nos fala Bourdieu com relação ao campo:

“(...) é de fato, diferença, separação, traço distintivo, resumindo, propriedade relacional que só existe em relação a outras propriedades. Essa ideia de diferença, de separação, está no fundamento da própria noção de espaço, conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras (...) (BOURDIEU, 2001)

E ainda:

“As disposições constitutivas do habitus (...) formam-se, funcionam e são válidas apenas em um campo e na relação comum. Campo que, segundo a expressão de Bachelard, a propósito do campo físico, é, por sua vez, um campo de forças possíveis, uma situação dinâmica em que algumas forças se manifestam apenas na relação com determinadas disposições: é assim que as mesmas práticas podem receber sentidos e valores opostos em campos diferentes, em estados diferentes ou em setores opostos do mesmo campo” (BOURDIEU, 2007)

Vemos então nessa parte da trajetória despontar elementos para a constituição do *habitus* a partir da aquisição de determinados capitais primários num campo de relações, no caso a família.

Um objeto que se faz espaço de relações em minha trajetória é o rádio. Neste momento de minha trajetória ele é ponto de encontro do fazer diário de boa parte dos meus familiares num espaço determinado geograficamente, que era a casa de minha avó, mas que transbordou para minha casa. O rádio, não somente como objeto, mas agora também como

espaço de relações para a constituição de um *habitus*: o musical; proporcionará também um momento charneira em minha formação.

## 4.2 Na sintonia do rádio

Minhas memórias escolares dessa primeira infância, pelo menos até os dez anos, não foram muito musicais. Nesse aspecto, a família indiretamente, pois não tenho parentes músicos ou musicistas, foi a fonte formadora nesse momento e muito no que diz respeito à apreciação musical, esta como atividade intelectual que envolve não somente a percepção identificada como referente à música ou ao musical, mas associativa que une processos também motores e afetivos junto ao cognitivo (MORAES, 2001). Tenho lembranças de um repertório eclético até os doze anos de idade.

Foi notável a importância do rádio para a minha formação sonora. Em minha adolescência, aos doze anos, estudava no turno da tarde e sempre, durante as manhãs, fazia as tarefas escolares ao som das FM<sup>21</sup> que minha mãe ouvia ao realizar as tarefas da casa. Dessa época, lembro que não tínhamos TV em casa e o rádio era muito utilizado. Lembro também de uma antiga radiola<sup>22</sup> que possuímos por pouco tempo, e nalguns poucos momentos em que meu pai punha os poucos vinis que tinha: Noite Ilustrada e Teixeira de Manaus<sup>23</sup>.

O aparelho que considero uma revolução em minha formação sonoro-musical foi uma caixa amplificadora com rádio embutido que meu pai comprou de um vizinho que a oferece por precisar de dinheiro para pagar uma conta. Às tardes, ao chegar da escola, o rádio era meu domínio. Minha idade, treze anos. Explorando as sintonias, parava sempre na da Rádio Universitária<sup>24</sup>, era a sintonia preferida – Belchior, Paulinho Pedra Azul, Ednardo, Fagner, Pingo de Fortaleza, música clássica, Blues, Beatles. Tinha curiosidade de ouvir tudo que tocava ali. Gostava do fato de ser realmente variado. Diferentemente da escuta pela manhã das FM com suas paradas de sucesso que sempre se repetiam durante toda a semana. Na rádio Universitária, minha sede por conhecer era mais suprida e existia também uma

<sup>21</sup> Radiodifusão mediante modulação de frequência (FM). Uma rádio em FM apresenta uma ótima qualidade sonora mas com limitado alcance, chegando em média a 100 quilômetros de raio de alcance.

<sup>22</sup> Radiola é um aparelho eletrônico ou aparelho de som para tocar discos de vinil. Consiste de uma base que acomoda o prato circular, que gira no sentido horário acionado por um motor elétrico, com um pino central onde se deposita ou encaixa o disco (uma espécie de "ferro" no caso de ser um modelo automático); à direita existe um braço pivotante contendo, na extremidade, uma cápsula fonocaptora e agulha para se fazer a leitura dos microsulcos do vinil. Para se ouvir o disco, desde o início, a agulha é colocada na borda externa do disco. As velocidades de rotação do prato podem ser de 16, 33 e 1/3, 45 ou 78 RPM, dependendo do modelo do toca-discos e do disco que será tocado.

<sup>23</sup> LP Noite Ilustrada Cada vez melhor Gravadora Pollydisc 1986; LP Solista de Sax volume I Gravadora Copacabana 1981.

<sup>24</sup> Rádio Universitária FM, 107,9 MHTZ



questão de identificação que passava pela estética, mas não só por ela. Minha busca pelo “novo” não era o cronologicamente “novo”, mas o da descoberta, o do “nunca ter ouvido” mesmo sendo antigo.

Os fins de tarde de fruição ao pé do rádio tiveram um aspecto formador em minha vida. Eram momentos de reflexão e como todos eles – geram prazer, estranheza, confronto ideológico e outros sentimentos.

Uma canção do Belchior me marcou profundamente na primeira vez que a ouvi e interpreto-a como momento charneira em minha formação:

“Você não sente e nem vê, mas eu não posso deixar de  
 dizer, meu amigo  
 Que uma nova mudança em breve vai acontecer  
 O que há algum tempo era jovem e novo  
 Hoje é antigo  
 E precisamos todos rejuvenescer  
 Nunca mais meu pai falou – she's living home  
 E meteu o pé na estrada like a Rolling Stones  
 Nunca mais eu convidei minha menina para correr no meu carro  
 Loucura, chiclete e som  
 Nunca mais você saiu à rua em grupo reunido  
 O dedo em “V”, cabelo ao vento, amor e flor, quê de um cartaz  
 No presente, a mente, o corpo é diferente e o passado é uma roupa que não nos  
 serve mais  
 No presente, a mente, o corpo é diferente e o passado é uma roupa que não nos serve  
 mais.  
 Como Poe, poeta louco americano  
 Eu pergunto ao passarinho  
 Black bird, Assum preto, o que se faz  
 Heven never, Heven never  
 Assum preto, black bird me responde  
 O passado nunca mais.

Velha roupa colorida – Álbum Alucinação, Gravadora Chantecler – 1976.

Essa música de Belchior me fez refletir sobre minha relação com o que penso, como penso e como ajo. A relação entre tempo e memória, a referência temporal do que identificamos como novo e antigo. A experiência do movimento das ideias. Esse momento foi transformador.

Como assim - “você não sente e nem vê...” Para mim foi um desafio escutar para sentir e ver o que viria. Teleologicamente mudanças são sempre novas, mas aquela sim é que era uma “nova” mudança, que em breve viria a acontecer.

“O que há algum tempo era jovem e novo e hoje é antigo”, me impôs a relatividade das coisas. E que eu precisava, apesar de me achar jovem ainda, rejuvenescer e sempre.

Como o pássaro preto, vi e voei.

Meu encontro com Belchior no rádio em minha casa, nossa conversa através daquela música foi um momento charneira em minha formação. Sobre o momento charneira, fala Josso:

“Momentos ou acontecimentos charneira são aqueles que representam uma passagem entre duas etapas da vida, um “divisor de águas”, poderíamos dizer. Charneira é uma dobradiça, algo que, portanto, faz o papel de articulação. Esse termo é utilizado tanto nas obras francesas quanto portuguesas sobre as histórias de vida, para designar os acontecimentos que separam, dividem e articulam as etapas da vida.” (JOSSO, 2004)

Os momentos charneira identificados em minha trajetória neste relato apontam que aspectos da vida deram sentido e significado ao que prossegue ou não em minha formação. Dão objetividade de análise de quais capitais adquirir e/ou mobilizar para a dinâmica do campo onde me insiro.

Até aqui, o rádio como espaço de relações e meu encontro com uma música materializaram parte da minha formação ou o *habitus* musical/formador em mim.

Seguem nas próximas linhas também outros momentos charneira, como meu encontro com o instrumento violão.

### 4.3 O violão

Contava eu catorze anos quando tive o primeiro contato físico com um violão. Era de um amigo que o tinha ganhado de seu pai e o mostrara orgulhoso, tocando os dois primeiros acordes<sup>25</sup> que tinha aprendido. Logo pedi curioso, para segurar aquele objeto que tanto me encantara com um som médio-grave<sup>26</sup> aveludado. O espaço físico do encontro foi uma creche escola no bairro Bom Sucesso que hoje não existe mais. Eram encontros de cunho religioso e também de descontração e paqueras e aquele violão transformou-se também no que Bourdieu define como Capital simbólico: a aquisição e uso do capital cultural em função de estratégia de movimentação no campo de relações (re) estruturando-o para sua distinção no mesmo (BOURDIEU, 2001). O rapaz que acompanhava as músicas detinha um certo encantamento, que em nossa reflexão, se transforma em instrumento de poder dentro do campo das relações. Para nós, naquele contexto, tocar violão era fundamental.

---

<sup>25</sup> Conjunto de pelo menos três notas tocadas simultaneamente em um instrumento harmônico, como violão, viola, piano, etc. Há várias categorias de acordes como maiores, menores, com sétima, etc.

<sup>26</sup> Características específicas do som que definem nossa percepção pelas vibrações de frequência grave, média ou aguda. Em conjunto com amplitude e timbre, formam as características do som.

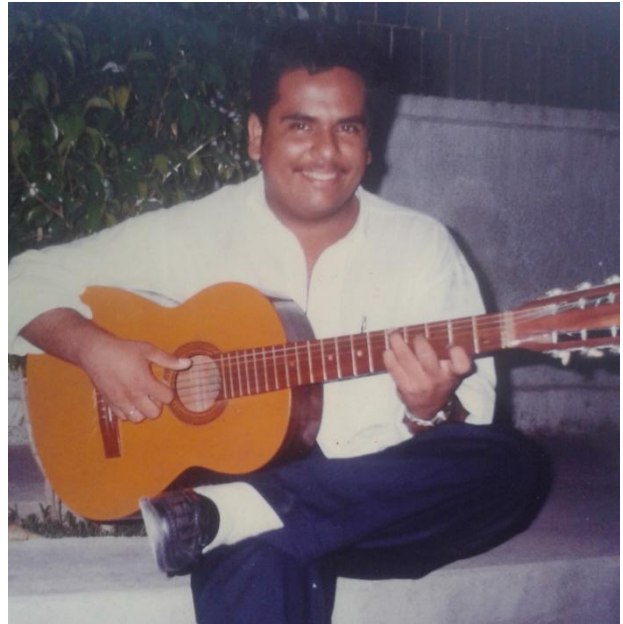


O violão Di Giorgio que ganhei de meu pai. A.P.

O violão foi um instrumento fundamental para o trânsito em outros círculos de convivência: o das amigas de minha irmã mais nova, Daniele, de onde saiu minha primeira namorada firme; o dos rapazes do campo de futebol da “mangueira”, que estava dentro de outro grupo, o dos que curtiam “Legião” e era praticamente um culto religioso à banda com camisas e bonés e letras das músicas na ponta da língua, curiosamente não tinham quem tocasse até eu aparecer. Foi uma sensação incrível acompanhar ao violão uma turma pra lá de animada em sessões após o futebol. Havia moças e rapazes de até cinco anos a mais que eu e isso me dava um certo “status”.

Esse momento de minha juventude foi o início também de minha prática como professor de violão. Tudo começou muito informalmente e nem eu via como aulas, eu simplesmente passava os acordes a um colega que, muito aplicado, logo reproduzia no instrumento depois de umas poucas tentativas.

Avalio esse período como muito importante para a minha formação, pois aumentou significativamente minha demanda de estudo.



Música ao retorno do trabalho. A.P.

Os aspirantes a violonistas multiplicaram-se. Todos do meu círculo de amizade: Alexandre ou “Tandex”, meu primeiro “aluno”; Jocieudo, meu amigo de infância que era estudante comigo no Liceu do Ceará – palco de muitas alegrias; Samuel, que era o dono do violão com o som médio-grave aveludado que marcou minha paixão pelo instrumento; Antônio Cláudio, que chamávamos de “o Crente”, pois era e ainda é membro de uma igreja evangélica - hoje sou professor de violão de seu filho, Micael.

Ao descrever minha trajetória, vejo a importância de cada subcampo para compor a complexidade do capital musical no meu processo de formação. Cada amigo/aluno demandava-me um repertório que fazia-me sentir na obrigação de dominar: Alexandre era o mais eclético e foi o estudante mais aplicado, enquanto estivemos próximos, morando na mesma rua, sempre foram encontros musicais frutíferos e muito prazerosos. Legião Urbana, Roberto Carlos, Guns'n Roses, Nirvana, Pholhas, Amado Batista, Fagner, Zé Ramalho, Geraldo Azevedo, clássicos do forró instrumental como “casamento da Raposa” o qual tocávamos em dueto, as “guitarradas” de Aldo Sena e os clássicos do violão instrumental como Dilermando Reis. O avô de Alexandre dizia que só sabia tocar violão quem tocasse a “Marcha dos Marinheiros”, então “voilà”. Tudo “pegando de ouvido”<sup>27</sup>. Foi uma época de muito aprendizado conjunto e muita diversão.

Jocieudo Silvino, filho de minha inesquecível professora primária - Tia Francisca. Amigo de infância desde o tempo do catecismo da Tia Vicência, Jocieudo gostava de muitos estilos, mas demandava-me a riqueza harmônica da Bossa Nova. Lembro que ele sempre queria me surpreender com algum novo acorde invertido no melhor estilo dedos elásticos e outras coisas do tipo que impressiona. Jocieudo e uma fita do João Gilberto foram a ponte para eu conhecer aquela que é hoje minha esposa, Eliacy (bendito João Gilberto).

---

<sup>27</sup> Prática de reprodução de peça ou trecho de peça musical em instrumento a partir da percepção auditiva. Sem o auxílio da leitura de cifra ou partitura.

Samuel, que me apresentou ao violão, tinha interesse no repertório de música sacra, num primeiro momento católica, pois fazíamos parte de um grupo de jovens na Capela do João XXIII, na época, da paróquia de Parangaba. E num segundo momento, música evangélica, pois passamos a fazer parte de um grupo de estudos bíblicos em sua casa e, logo depois, de uma denominação evangélica Batista no Bairro Bom Sucesso. Esse repertório permeia minha formação como músico até hoje.

Avalio o repertório musical de denominações evangélicas como a Assembleia de Deus, por exemplo, da qual sou membro atualmente, de um ecletismo riquíssimo. Os estilos são variadíssimos. Lembro-me de num culto só ter tocado “baladas adocicadas”, passando por genuínos forrós<sup>28</sup>, blues<sup>29</sup> e pop rocks<sup>30</sup> até boleros<sup>31</sup> e guarânias<sup>32</sup>.

Ser músico instrumentista na Igreja Assembleia de Deus foi uma grande escola para mim. Tanto pela variedade de estilos como pelos níveis de apropriação da técnica musical por parte dos cantantes: alguns, nós acompanhávamos e a outros nós praticamente “persequíamos”. Harmonização, transposição de tonalidades, arranjos de improvisação, “chord melody”<sup>33</sup>, é realmente uma grande escola.

Antônio Cláudio, “O Crente” era amigo de infância contemporâneo de Jociuedo Silvino, estudávamos numa escola da rede particular de ensino chamada Centro Educacional 4 de Outubro no Bairro João XXIII. Desde os dez anos de idade somos amigos. Antônio Cláudio nasceu numa família de tradição evangélica. A alcunha de “O Crente” advinha de um tratamento bulinesco que “graciosamente” aplicávamos quando havia alguma restrição de prática em função de sua fé. Apesar de tudo, as lembranças são muito boas, inclusive para o Antônio Cláudio, segundo conversas recentes sobre o período lembrado, de nossas andanças uns nas casas dos outros para estudos e brincadeiras.

De todas as casas, a mais visitada era a minha em virtude do quintal para os jogos de vôlei, a área de piso cimentado vermelho para o descanso da bola e o bate-papo e a grande mesa da cozinha onde ligávamos um velho toca-fitas que Cláudio trazia para eu pegar de ouvido as músicas cantadas pelo conjunto do qual fazia parte na igreja e que queria aprender a tocar. Eram clássicos da música cristã evangélica: Luís de Carvalho, Cícero Nogueira, Esteves Jacinto, Ozeias de Paula e outros.

---

<sup>28</sup> O forró é um ritmo musical e uma dança com origem na Região Nordeste do Brasil, variantes: coco, baião, xaxado.

<sup>29</sup> Gênero de canção do folclore negro norte-americano, de cunho melancólico e ritmo sincopado, em compasso binário ou quaternário e andamento moderado. É produto da individualização e secularização do *spiritual*.

<sup>30</sup> O pop rock é um gênero musical que mistura elementos da música pop com rock, num estilo popular, com atitudes calmas e um som suave.

<sup>31</sup> Gênero musical popular espanhol, cantante e dançante, de compasso ternário e movimento majestoso, marcado por castanholas.

<sup>32</sup> Balada de andamento lento, de compasso ternário, quase sempre em tom menor, característica da música paraguaia.

<sup>33</sup> “Chord Melody é o nome que se dá a execução da melodia e do acompanhamento simultaneamente no violão ou na guitarra, seja em performance solo, ou em grupo.

Analisando todo esse percurso, percebo a importância da dimensão afetiva no processo de formação de meu *habitus* professoral/musical/formador no sentido em que a significação contextual do grupo de amigos fez independer a grande variação na estética musical, abrangendo uma gama também variada de interesses porém compactuados pela complexidade da formação desse mesmo campo.

Neste sentido, o campo da amizade, da interação, dos afetos constitui-se também elemento para análise da construção de si, da formação. Sobre os afetos na pesquisa biográfica assim nos fala Lany-Baile:

“Nenhum texto se presta a ser lido se ele é percebido como desafetado, isto é, não investido por seu autor. Em toda forma de escrita, a afetividade é absolutamente tão necessária e atuante quanto às funções intelectuais (que aliás não se manifestam isoladamente) e isso tanto para aquele que escreve quanto para aquele que lê” (LANI-BAYLE, 2006)

#### 4.4 Religiosidade e música - entrelaces formadores

Meu núcleo familiar é o que se pode chamar de tradição católica não praticante”. Para se ter uma ideia dessa “não-praticância”, eu, minha irmã e meu irmão caçula fomos batizados poucos dias antes do casamento religioso de meu pai e minha mãe, quando tínhamos respectivamente, dez, sete e três anos de idade. Logo após esses eventos, principalmente, minha mãe quis que trilhássemos o caminho dos próximos sacramentos rituais da Igreja Católica.

Importante registrar esse momento como parte também da minha formação a partir da memória auditiva:

“Fica comigo, Jesus!  
Tua presença é paz.  
Fica comigo, Jesus!  
Tua presença é luz!  
Fica comigo, Senhor!  
Tua presença é Amor.

1. Em dia de sol brilhante,  
Em noite de tempestade,  
Eu nunca estarei sozinho:  
Irei com Jesus em meu caminho.

Refrão

2. Cantando, na alegria,  
Chorando, se houver tristeza,  
Eu nunca estarei sozinho:  
Irei com Jesus em meu caminho.

Refrão

3. Na escola ou no trabalho,  
Na festa ou no repouso,  
Eu nunca estarei sozinho:  
Irei com Jesus em meu caminho.

4. Em casa, na minha rua,

Ou lá num lugar distante,  
Eu nunca estarei sozinho:  
Irei com Jesus em meu caminho.”

A caminho com Jesus (Missa do Tempo comum com crianças) Letra e música de  
Maria Sardenberg.

Era a música que tocava na aula de catecismo na casa da tia Vicência, a catequista. Iríamos cantá-la na missa de nossa primeira comunhão. Éramos recepcionados por essa linda cançãozinha interpretada por vozes infantis que ecoavam da radiola da casa.

Acompanhados da música, registrados estão na memória o ambiente, a rua de calçamento, as árvores na frente das casas, o canto dos pássaros pelo horário da manhã, o jardim com flores que cercava o trecho de entrada da pequena casa, a sala com carteiras coletivas de madeira muito antigas e a lousa de giz. Tia Vicência era uma senhora de ar amigável e fala carinhosa. Era uma festa de chegada, os meninos e meninas vinham de todos os lados trazidos por outras catequistas. A que me acompanhava até lá era a Tia Carluzia. Aconchegados às carteiras ensaiamos o “fica comigo”, codinome dado por nós à linda canção.

Minha desenvoltura no ensaio da canção e nas lições do catecismo chamam a atenção de Tia Carluzia, que vê a possibilidade de que eu seja aprendiz de catequista, dando “aulinhas” a crianças com idade um pouco inferior à minha. Novas turmas de catecismo seriam formadas numa escola próxima à minha casa chamada Menino Jesus de Praga. Creio que eu passei a ser o catequista mais jovem da Paróquia do Henrique Jorge, tinha onze anos e prossegui com estas aulas até os treze anos de idade.

#### ***4.4.1 Música no corpo***

As aulas eram aos sábados e num desses sábados dividimos o espaço com um grupo de jovens reunido numa das salas. Palmas, vozes, som de um violão amplificado, música alegre.

Meu contato com a Igreja era aos domingos pela manhã na missa das crianças e por mais que quisessem animar as pessoas com os cânticos, o ambiente do templo não parecia concordar com aquilo. O ar contemplativo se impunha a quem adentrava no local. Diferentemente, naquela sala havia uma revolução de comportamento. Era contagiante e eu queria estar ali. Os cânticos eram envolventes e o que mais me prendeu a atenção foi o estilo de tocar do violonista. Estava encantado com todos os movimentos, o violão preso por uma correia dava liberdade inclusive para acompanhar as coreografias. Lembro da música cantada neste momento:

“Mas os que esperam no Senhor  
Renovarão as suas forças  
Subirão com asas  
Como águias  
Correrão e não se cansarão  
Caminharão e não se fatigarão”

Domínio Público

Palmas, gestos, dança: a música tinha uma significação prática, pois estava no corpo das pessoas, elas incorporaram a música. Aquele jeito de praticar a música foi um marco para minha formação.

Aquelas reuniões chamavam-se Seminário de Vida no Espírito Santo e eram encontros de número determinado para a pregação de trechos específicos da Bíblia que giravam em torno da ação do Espírito Santo na vida do crente. Havia uma grande maioria de jovens, mas havia famílias inteiras nas reuniões. A Renovação Carismática Católica foi um movimento no seio da Igreja Católica Apostólica Romana que dava ênfase na manifestação dos dons espirituais descritos pelo Apóstolo Paulo de Tarso registrado em suas cartas, principalmente nas cartas aos Coríntios no Novo Testamento da Bíblia Cristã.

Naquelas reuniões conheci o Samuel e seu pai Antônio Garcia.

Samuel havia ganhado de seu pai um violão e estava a procura de aprender tocar. Ele fazia parte do grupo de acólitos ou coroinhas da capela do João XXIII, que são os meninos que auxiliam o padre no rito da missa. Um jovem chamado José Wilson que todos conheciam por Zezinho que era líder do grupo de acólitos também tocava violão nas missas. Com ele, Samuel aprendeu os acordes que me passou na dita creche escola no Bom Sucesso: La, Re e Mi e a música:

“Vive Jesus, o Senhor  
Vive Jesus, o Senhor  
Vive Jesus, o Senhor  
Vive Jesus, o Senhor  
Ele vive, vive, vive, vive  
Vive Jesus, o Senhor.”

Domínio público

Quando comecei a dezarnar nos acordes, passei a mostrar ao Samuel o que aprendia.

Minha experiência como músico ia se dando nas reuniões de grupos de jovens. Minha referência era o Alexandre (o violonista do grupo de jovens. Sempre o ia ver tocar no seu grupo que também se reunia às terças a noite).

As noites em frente à capela do Bairro João XXIII, que ficava também em frente à praça, era o nosso ponto de encontro. Sempre após as missas das dezoito horas ficávamos ali conversando. Era um ambiente aberto, descontraído e descompromissado com as formalidades da prática católica local.

#### ***4.4.2 Um tutor: um amigo***

Uma pessoa destoava em idade nesse espaço frente à capela às noites: Antônio Garcia, pai do Samuel. Ficamos muito amigos. Eu tinha perdido meu avô recentemente e de alguma forma eu o identificava com ele. Mas, de fato, ele era um intelectual e eu aprendia sempre algo ao seu lado. Dominava o latim, conhecia muito de história e seus assuntos



sempre me interessavam bastante. Antônio Garcia era assíduo na minha casa, meus pais o conheciam e gostavam do fato de eu ter também um adulto, um senhor de idade como amigo.

Antônio Garcia tinha uma história *suis generis*: Na juventude, estudou para ser padre, abandonou para se casar, conheceu missionários batistas e se converteu ao protestantismo, chegou a ser co-pastor em uma igreja pentecostal no Bairro João XXIII no início dos anos 1980, depois de uma breve temporada veio a sair da direção e ficou sem congregar durante um tempo. Seu filho, Samuel recebeu o convite dos primos, que eram de tradição católica, para fazer parte do grupo de acólitos<sup>34</sup> na capela local. Antônio Garcia sempre o acompanhava e nesse envolvimento receberam também o convite para participar do “Seminário de Vida no Espírito Santo” mediado por um grupo de oração da Renovação Carismática Católica, cujas reuniões iriam acontecer na escola onde eu era catequista. Lá conheci Samuel.

Pouco tempo depois, Antônio Garcia me fez um convite: fazer parte de um grupo de estudo da Bíblia em sua casa. O grupo se chamava Palavra de Vida e era composto por Antônio Garcia na preleção, Samuel, seus primos Francisco, Neto e Bosco; e eu acompanhando as músicas ao violão.

Duas coisas foram marcantes para minha formação na participação desse grupo de estudos: Uma foi a postura com a qual tratamos os textos da Bíblia, com uma atitude mais investigativa que contemplativa; a outra foi o repertório musical advindo de hinários Evangélicos como Cantor Cristão, Hinário para o Culto Cristão e outras canções avulsas que eram cantadas em comunidades cristãs evangélicas.

Em minha formação, este momento foi importante, pois senti nessa nova postura, em relação ao sagrado, uma semelhança em potência, parafraseando Aristóteles, com minha experiência descrita no capítulo 2.2 – Na Sintonia do Rádio, com a música Velha Roupas Coloridas de Belchior.

Avalio que essas duas experiências geraram uma postura de autonomia frente ao que passamos a conhecer. A diferença, no entanto, foi a figura de Antônio Garcia como mediador desse processo. Em nenhum momento percebi da parte dele uma postura proselitista, mas propunha sempre situações onde pudéssemos ter autonomia de análise com relação a tudo o que se passava nas reuniões. A própria intenção dos encontros: o estudo da Bíblia, colocamos diante de uma postura aberta e livre.

Após dois meses de reunião, Antônio Garcia nos convidou para visitar uma congregação Batista no Bairro Bom Sucesso. Fomos todos do grupo, mas na ocasião somente eu e Samuel “aceitamos a Jesus”<sup>35</sup>.

Não cabe aqui análise, justificativa ou juízo de valor desta fase de minha trajetória com relação à convicção religiosa. Serve o registro para compor análise da trajetória considerando variados aspectos onde se inclui aí também o religioso, para a formação de um

---

<sup>34</sup> Na Igreja católica, ministro que acompanha e auxilia o celebrante a conduzir os atos litúrgicos. Popularmente conhecido como “coroinha”.

<sup>35</sup> Vincular-se à partir de uma confissão pública de entrega da vida a Jesus Cristo. Após o batismo, o novo crente torna-se membro efetivo daquela comunidade local. Há pequenas variações de prática entre as muitas denominações evangélicas.

*habitus* através de capitais culturais adquiridos. No caso, a constituição de um *habitus* professoral/formador em música.

#### **4.4.3 Escola é festa**

Quando da minha conversão à nova corrente cristã, contando meus quinze anos, me lembro de um grande presente que ganhei de meu pai. Ao ver-me treinar dedilhados nos fios de uma mesinha de centro que havia em nossa casa, decidi presentear-me com um violão. Numa manhã de sábado chegou com um belo Di Giorgio<sup>36</sup>. E aí eu alegremente, agora com instrumento próprio, à congregação Batista do Bairro Bom Sucesso. Acompanhava os hinos do Cantor Cristão e os corinhos ensinados às crianças na Escola Dominical.

As crianças eram um capítulo à parte em nossa congregação. Podia-se dizer que era a vida da igreja nas manhãs de domingo. Algumas trazidas pelos pais e mães membros da igreja e outras, a grande maioria, eram trazidas por pessoas da comunidade que não tinham vínculo de pertença ao grupo.

Tia Terezinha, esposa do Pastor Augusto, sempre trazia bolo e pipoca para a criançada. Muitos já chegaram perguntando pelo bolo. Era uma festa. No templo orávamos, cantávamos um hino e logo os meninos e meninas dirigiam-se para as “salas” que ficavam no quintal do zelador, o simpático irmão Raimundo. A divisão em faixas etárias não era muito rígida, mas existia uma didática específica para cada grupo. A divisão das classes também não se dava de forma física. Todos sentavam ao longo de uma grande mesa. Depois das atividades de leitura e escrita que abrangiam também pintura, eram ensinadas histórias bíblicas através de cânticos. Naquele ambiente se deu a primeira experiência de alfabetização de muitas crianças da comunidade.

É considerável a diferença entre minhas experiências como ensinante aprendiz na matriz católica, onde o aprendizado era definido com prazos específicos para o cumprimento de ritos de passagem como primeira comunhão e Crisma e minha experiência na matriz evangélica, onde a Escola Bíblica tem um caráter formador e reformador contínuo e a música, de certa forma acompanha uma lógica formadora de traços identitários de variados grupos dessa dita matriz.

Durou um ano essa minha experiência como músico na congregação Batista do Bairro do Bom Sucesso até ser convidado ao batismo.

#### **4.4.4 Tempestade em harmonia**

Domingo, 1º de setembro de 1991. Chegamos cedo à Igreja Batista de Porangabussu, à rua Capitão Francisco Pedro, 731. Esse momento caracterizou-se como um momento charneira para mim. De toda a cerimônia, a parte musical ficou na memória. Um repertório do Cantor Cristão artisticamente acompanhado ao violão. Fiquei impressionado com o ecoar daquele som no ambiente, som límpido, graves, médios e agudos definidos num

---

<sup>36</sup> Marca de violões fabricados no Brasil desde 1908 pelo luthier italiano Romeo Di Giorgio.

equilíbrio fantástico. Impressionou-me a beleza da harmonização, acordes maravilhosamente bem colocados, um mergulho em sétimas maiores e inversões de baixo. Fiquei encantado com a riqueza de acordes e com uma música em particular cujo título me fez um bom efeito contrário

Sossegai.

“Ó mestre! O mar se revolta, As ondas nos dão pavor O céu se reveste de trevas, Não temos um salvador Não se te dá que morramos. Podes assim dormir Se a cada momento nos vemos sim prestes a submergir As ondas atendem ao meu mandar: sossegai! Seja o encapelado mar, a ira dos homens O gênio do mal, tais águas não podem a nau tragar Que leva o Senhor, Rei do céu e mar. Pois todos ouvem o seu mandar: Sossegai, sossegai Convosco estou para vos salvar; sim, sossegai”  
(Hino nº 328, Cantor Cristão, Estrofe 1 e coro.)

Essa experiência auditiva me fez interessar pelo estudo mais aplicado do instrumento. A experiência com o Alexandre, violonista do grupo de jovens da Igreja Católica, mexeu comigo no sentido do uso da música como expressão do corpo. A experiência na cerimônia do batismo me inquietou, pois me senti perdendo tempo em não conhecer mais ainda o instrumento maravilhoso que era o violão. Importante registrar que o violonista que me proporcionou essa experiência em setembro de 1991 foi Rogério Franco, com quem tive a alegria e honra de encontrar em 2017 para tocarmos em um projeto musical e literário do Poeta Henrique Beltrão<sup>37</sup>. Participaram também das gravações: Ellis Mário Pereira, Marcelo Kaczan, Rogério Franco, Rodrigo BZ e Lucas Jackson

#### **4.4.5 Um “K7” e um violão**

Em busca daquela riqueza harmônica, mergulhei nos mares da Bossa Nova. Nessa época, em 1992, Tínhamos uma certa dificuldade de acesso às músicas. Minhas fontes foram revistas de cifras e uma fita K7 do João Gilberto, além das músicas do gênero que tocavam esporadicamente na Rádio Universitária.

O método para o aprendizado era a escuta e tentativa de reprodução, quando não havia as cifras nas revistas. Confesso minha frustração ao verificar quão difícil era compreender a lógica harmônica da Bossa Nova somente de ouvido. Essa minha frustração foi o motor para buscas teóricas mais profundas para o estudo do violão.

A dita fita do João Gilberto foi o mote para o início de uma fase marcante de minha trajetória. Tudo se passou no Colégio Liceu do Ceará. Eu e Jocieudo Silvino entramos juntos no Liceu em 1992. Entramos no segundo ano do Ensino Médio no turno da manhã. As tardes eram de estudo, jogo de bola e muita música. Eram ótimas tardes, porém nas manhãs desse ano tivemos que aprender a lidar com uma certa liberdade que não tínhamos na escola

<sup>37</sup> Meia-Tigela, Poeta. Mutirão #3; Participação de André Dias, Bárbara Costa Ribeiro, Brennand de Sousa et al. Fortaleza. Expressão Gráfica, 2017. CD incluso.

particular de onde vínhamos. Muitos professores nos deixavam livres para escolher assistir ou não às aulas. Era como uma desobediência civil, onde infringimos, mas arcamos com as consequências. Foram muitos “ficam” na Praça Gustavo Barroso e num certo oratório numa parte escondida da escola. Havia um grupo que sempre estava nos intervalos com um violão, mas eu não me interessei em estar com eles. Curioso que minhas experiências musicais com toda a riqueza das interações que elas geram, não se deram comigo no ambiente escolar. Na escola eu era um músico anônimo. Definitivamente, meus espaços escolares enquanto estudante não foram musicais.

Na passagem do segundo para o terceiro ano do Ensino Médio, acabamos ficando em turmas diferentes, eu na ala de cima e Jocieudo na ala próxima à escada do pátio central, logo no andar térreo. Era costume de alguns alunos retirarem carteiras da sala para os corredores na hora do intervalo. Numa dessas cadeiras estava sentada uma linda moça de cabelos compridos cacheados, olhos pequenos e vivazes. Ela vestia a farda tradicional do Liceu: camisa branca de botão e estrelinhas nas ombreiras e saia pregueada. Era um charme aquela farda das meninas.

Aproximei-me para participar da conversa, pois meu amigo Jocieudo estava presente no grupo. Abusado, cheguei tocando em seus cabelos cacheados como quem elogia sem palavras. Perguntei ao meu amigo pela fita do João Gilberto. Ela interrompe dizendo que a fita já estava emprestada a ela. Achei estranha a situação, pois ele disse que a traria para eu ouvir. Findo o intervalo, despedidas com olhares paquerantes, volto à minha sala.

O retorno para casa no final da manhã passou a ser mais agradável, voltávamos eu, Jocieudo e minha nova amiga Eliacy Rodrigues. Compreendi o “lance” da fita. Eu não percebi, mas já estava sendo notado por ela sempre que descia para ficar com uma (naquele momento já ex) namorada, que também tinha amigos comuns na sala de baixo. Fazia pouco tempo que eu tinha terminado o namoro e Eliacy confessou estar “de olho” em mim.

Depois de cerca de uma semana, das conversas (paqueras) de retorno pra casa, ela pediu para que eu fosse buscar a dita fita do João Gilberto em sua residência. Fui num sábado de manhã. Ela ficou feliz em me ver, conversamos brevemente e então me fez um convite: uma festa de casamento em sua Igreja. Decidi ir, mas já com intenção de que acontecesse algo entre nós.

Burburinho na entrada do templo da Assembleia de Deus Ministério templo Central do João XXIII. Pensei ser somente a espera pela noiva com o seu tradicional atraso, mas não. O pastor decidiu não realizar a cerimônia, pois o casal ainda não tinha recebido a certidão de casamento civil.

Igreja ornamentada, noivo esperando, noiva por entrar, os padrinhos naquela angústia e toda aquela querela nos bastidores. Eliacy tinha ido com sua mãe e eu iria de casa, pois ela tinha me informado que seu pai não iria gostar de me ver. Ele já havia colocado outros pra correr e ela não queria que o mesmo passasse comigo.

Bate-boca e incerteza até a decisão do pastor: só se realiza o casamento com a certidão em mãos. E foi aquela decepção. A recepção estava pronta na casa da noiva e fomos todos para lá. No caminho já fomos de mãos dadas.

Na casa da noiva aquele mal estar, alguém chorando, outros consolando, alguns resmungando sobre a atitude do pastor e outros já se deliciando com os famosos pratinhos de creme de frango com arroz. E foi aquela festa na festa que não houve.

Estávamos conversando no jardim e eu não estava me importando nem um pouco com aquilo tudo. Estava vidrado em seus olhos, seu sorriso. No silêncio entre os olhares no jardim da casa, fomos nos aproximando, aproximando e selamos um beijo. Parecia só haver nós dois naquele lugar. O tempo pareceu parar. Começamos a namorar e pouco depois de dois anos, casamos.



Michel e Eliacy Barros, recém namorados. A. P.

#### ***4.4.6 Amor e responsabilidade musical***

Desde que começamos a namorar, passei a congregar na Assembleia de Deus do Bairro João XXIII. Os anos em que passei nessa comunidade foram de muito aprendizado musical, muitas experiências ricas como aprendiz ensinante (FREIRE, 1987).

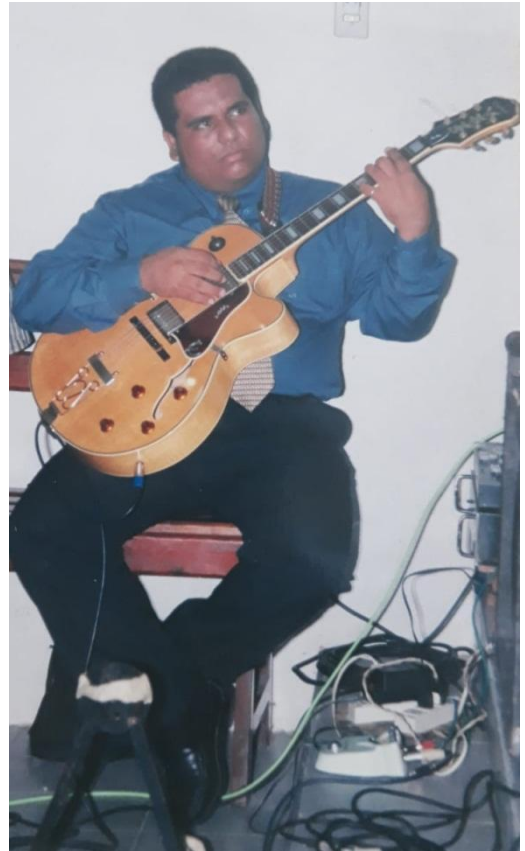
Começamos a namorar em novembro de 1993 e em março de 1994 comecei a trabalhar numa escola do Bairro chamada Instituto 13 de Junho, como professor. Tinha acabado o Ensino Médio. Nessa escola também eram professores das disciplinas ditas exatas os primos de meu amigo Samuel, Francisco e Neto. Eu fiquei com as disciplinas de humanidades, História e Geografia. Era um salário muito baixo de meio expediente e, como pretendia me preparar para casar com a Eliacy, comecei a procurar um trabalho que me rendesse mais algum dinheiro.

Alexandre, meu amigo/aluno de violão mais aplicado, disse que iriam abrir novas lojas no Shopping Center Iguatemi, ele já trabalhava como Office Boy numa das lojas há algum tempo. Consegui um emprego numa loja de roupas masculinas onde trabalhei por três anos, saindo quando comecei a trabalhar também aos domingos. Nesse ínterim adquiri alguns instrumentos musicais e comecei também a construir um apartamento no terreno da casa de

meus futuros sogros e sogra. Decidimos ficar próximos da família, pois Eliacy é filha única mulher e seus pais já têm certa idade. Nesse período de 1996 a 2000 compunha minha renda com aulas de História e Violão, por vezes em escola, como no Colégio Ebenézer, onde ministrava aulas de história, geografia e iniciação musical; por outras, aulas particulares de violão. Essa atividade contribuiu muito para meu desenvolvimento em teoria musical. Na igreja tocava nos ensaios de vários departamentos: jovens, adolescentes, senhoras e ainda cantava no coral.

Logo que passei a acompanhar Eliacy nos ensaios do grupo de jovens, vi que haveria dificuldades em me inserir no grupo de músicos. Havia um certo brilhantismo na função de guitarrista e além disso, a banda parecia ser composta de familiares. Senti portas fechadas ali, mas ao observar que havia ensaios dos departamentos em que a banda não comparecia por não poder atender a todos os conjuntos, passei a ocupar essas lacunas. Foi um “prato cheio” para mim. Havia adquirido uma guitarra e um violão elétrico e passei a me responsabilizar de acompanhar os hinos dos conjuntos com os quais ensaiava.

O fato de tocar sozinho promoveu um diferencial em mim. Eu tinha que fazer arranjos que deixassem claros os trechos de introdução, solos e finais além do acompanhamento, ou seja, fazia o papel da banda, mas sozinho. Aquele capital adquirido, o conhecido “Chord Melody” foi minha chave de entrada para o rol dos músicos. Outro capital adquirido no conjunto coral fez-me me movimentar nesse campo de forma positiva: a leitura musical. Todos os coralistas, com exceção do regente, cantavam os hinos de memória, memorizavam suas linhas melódicas. Procurei aperfeiçoar o solfejo, o que me deu condições de substituir o regente quando de seu falecimento. Permaneci como regente do coral até o ano de 2010.



Num dos cultos tocando só. A. P.

Iniciei na congregação cursos de música para leitura e prática do instrumento violão. Começou a se desenvolver uma cultura de aprendizagem musical entre os jovens e crianças. Havia depois de pouco tempo muitos instrumentistas na congregação. Uma fila de bateristas se formava para tocar nos cultos, bem como alguns novos baixistas e guitarristas. Alguns conjuntos como o de adolescentes passavam a ter seus próprios músicos. Foi um período muito frutífero, o curso de violão chegou a ser ministrado em outras congregações. Havia um costume nas Assembleias de Deus de visitarem-se mutuamente entre conjuntos e departamentos em cultos específicos. Nossa congregação logo passou a ser vista como uma de “boa” qualidade musical. Atribuo isso ao interesse pelo aprendizado musical.



Num dos cultos tocando acompanhado. A. P.

Uma experiência marcante foi também o da Cruzada Cristo é a Esperança. Tratava-se de um grupo de membros da congregação: homens e mulheres de todas as idades, incluindo crianças. Esse grupo era convidado por pastores dirigentes de congregações no interior do Estado para eventos de evangelização e cultos campais em suas cidades. Viajamos por muitas cidades realizando esse trabalho. No ônibus levávamos um equipamento de som e instrumentos. Durante o dia, enquanto preparamos o palco numa carroceria de caminhão ou no coreto de alguma praça, o restante das pessoas faziam visitas às casas com uma mensagem evangelística e fazendo o convite para o evento à noite. Foram momentos de muita música, muito aprendizado, muita troca com os músicos locais. Foi um período de experiências musicais riquíssimas.





Numa das viagens, a arrumação para o culto à noite. A. P.



Uma das bandas das viagens. A. P.

#### 4.5 O eu professor

Tornei-me professor, ou achei-me professor aos 17 anos, visto que ainda sinto-me em construção; mas não de música ou de violão, e sim de história. Ingressei na Universidade Federal do Ceará e, sempre trabalhando como professor de história durante o curso na rede particular, sempre estava em adendo em meu currículo a música, o violão, o ensino de música. Em minha prática pedagógica, o violão sempre estava presente e ainda se encontra, numa dinâmica em sala, numa gincana, em exemplos históricos musicados e, também, no ensino paralelo do próprio instrumento. Nas escolas<sup>38</sup> onde lecionei, sempre se formava um grupo de estudo do instrumento que conglomerava estudantes iniciados e iniciantes. As aulas sempre tinham um caráter bem prazeroso e informal com um repertório variado. Era uma iniciação musical com teoria básica e muita prática. Vários estudantes logo se tornavam multiplicadores e passavam a ensinar amigos e parentes fora do nosso círculo. Foi assim na Escola Y, no bairro João XXIII.

Entre os anos de 2000 e 2004 fui professor de história e violão numa escola da Fundação Batista Central chamada Kerigma, no Bairro Dionísio Torres. Minha experiência musical foi como facilitador em um clube de violão, uma atividade desenvolvida no contra turno. Conheço hoje vários ex-alunos do clube de violão que hoje tocam em Igrejas, tocam profissionalmente em restaurantes e em studios de gravação e outros que não desempenham atividade profissional, mas continuam tocando.



Ensaio em acampamento do Colégio Kerigma – A. P.

<sup>38</sup> À partir desta parte do relato, citarei os nomes reais das escolas em que lecionei que não existem mais na atualidade. As outras que ainda se encontram em atividade que são da rede particular de ensino resguardarei no anonimato em virtude de alguma interpretação mais ou menos negativa que possa vir a despertar. Chamarei as ditas escolas de Escola X e Escola Y.

Havia no colégio Kerigma um grupo teatral formado por professores chamado “Nem pisca”. Era um grupo de comédia. Eu fazia a parte de sonorização, efeitos e acompanhamento musical do grupo. Paródias, esquetes curtas, performances variadas, o grupo era composto de uma teatróloga, Rosa Ângela, que hoje é professora da Rede Estadual, Nílvia Rodrigues, Professora de Língua Portuguesa da rede particular, Claiton Barbosa, que é gestor na rede particular de ensino, André Luiz, hoje professor de artes da rede particular e o narrador que vos fala com a parte musical. Essa experiência me fez “olhar o violão com outros ouvidos”. Era preciso extrair bem mais que acordes do instrumento e isso foi muito enriquecedor para mim. Fomos até convidados para realizar apresentação numa festa de final de ano de uma grande empresa no Shopping Salinas. O pai de uma aluna viu uma apresentação do Nem Pisca num almoço de pais e nos contratou. Nós nunca tínhamos nos apresentado fora da escola, não sabíamos nem quanto cobrar de cachê.



Grupo “Nem Pisca” formado por professores do Colégio Kerigma. A. P<sup>39</sup>.

<sup>39</sup> Da esquerda para a direita em pé: Michel Barros, Eliacy Barros, Estelina Frago, professora de Letras, André Luiz, professor de Artes, Claiton, professor de Matemática, Raquel(atrás), professora de Biologia, Jofre(atrás), professor de Geografia, Nilvia( em pé na frente)professora de Letras, Gleyce, professora de Línguas Estrangeiras, Helder (agachado), professor de Química, Rosa Ângela(agachada), professora de Artes e Eduardo(agachado) auxiliar pedagógico.O Grupo Nem pisca foi um grupo de teatro de cunho humorístico que foi criado na escola para a realização de esquetes e outras pequenas apresentações em eventos da escola. O projeto foi tomando corpo e durou três anos. O grupo chegou a fazer uma apresentação no Shopping Salinas, em Fortaleza.

Foram quatro anos bem frutíferos em se tratando de variedade musical: projetos temáticos anuais, história da música brasileira, música regional, música autoral, música instrumental, teatro, acampamentos semestrais com jogos de roda musicados chamados “sociais”.

Paralelamente, durante esse tempo do Colégio Kerigma, lecionei violão num centro cultural de iniciativa privada chamado Cecran – Centro de Desenvolvimento da Criança. Foi fundado em 1986 por Maria Iracema de Sá (1930-2008). Hoje chama-se CECRAN Mandala e é dirigido por Diana Suassuna. Sempre foi um centro de artes, yoga e terapias. Lembro dos saraus realizados semestralmente. Eram apresentadas peças musicais ao piano, flauta e violão, leitura de poesia e mostra de quadros pintados pelos estudantes. A experiência vivida no CECRAN me fez perceber quão era importante a música no corpo da produção artística e como tudo aquilo compunha um rol de saberes para a sensibilidade. A intenção era a formação através da arte. Nisso, vejo agora uma diretriz clara da matriz informal curricular do centro. Maria Iracema de Sá, inclusive desperta com sua iniciativa, a necessidade de uma pesquisa sobre a formação desse subcampo artístico em Fortaleza voltado à formação.

Minha passagem pela Universidade Federal do Ceará como estudante do curso de História - Licenciatura Plena foi marcado por muito trabalho, fora e dentro da sala de aula. Entrei em 1995 e já trabalhava no Shopping Iguatemi como vendedor. Era difícil conciliar os horários das disciplinas obrigatórias, que sempre eram pela manhã, visto que o trabalho na loja que durou três anos para mim, era de horários alternados – uma semana pela manhã e outra semana à tarde. Meu histórico é marcado por muitos trancamentos parciais e totais em virtude disso. Meu curso se estendeu até o ano de 2005, beirando a jubilação. Consegui completá-lo após minha saída total do colégio Kerigma em 2004. Após a minha saída do Kerigma, passei a viver inteiramente do que a música me proporciona das aulas que ministrava. Foi um momento muito difícil, pois eu não tinha uma renda certa mensalmente e além disso estávamos com uma linda bebezinha de pouco mais de um ano de idade: nossa primeira filha, Gabriela.

2006 e 2007 foram anos onde respectivamente fui professor em duas escolas onde vivi experiências diametralmente opostas. A primeira, Colégio X, inaugurou meu ofício como recém licenciado. Como professor de História do ensino Fundamental II e Ensino Médio. Sinto a pressão da obrigatoriedade do cumprimento de uma (e aqui o nome realmente faz sentido) “grade” curricular. Minha experiência no Colégio Kerigma, que se propunha a ser uma escola construtivista<sup>40</sup>, com projetos transdisciplinares, que dava uma certa liberdade de ação para o grupo de professores, com formação para os profissionais todos os anos, seminários e parcerias interessantes, era o oposto total do que encontrava ali. Havia uma exigência no que a direção chamava de “controle de classe” ou “domínio de sala”, foi inclusive a primeira pergunta que me fizeram na entrevista para a contratação.

---

<sup>40</sup> Construtivismo é uma tese epistemológica que defende o papel ativo do sujeito na criação e modificação de suas representações do objeto do conhecimento. O termo começou a ser utilizado na obra de Jean Piaget e desde então vem sendo apropriado por abordagens com as mais diversas posições ontológicas e mesmo epistemológicas. Hoje é atribuído a abordagens da filosofia, pedagogia, psicologia, matemática, cibernética, biologia, sociologia e arte.

Nem preciso comentar que foi um ano, no mínimo, diferente. Ao ver as “tias” da educação infantil, confesso que sentia vontade de dar minhas aulas ali para aquelas turminhas pra lá de animadas. Definitivamente, não deveria haver esse corte que existe entre o mundo lúdico do Fundamental I e o modelo do Fundamental II onde reina a competitividade e o individualismo tão simbolizado na disposição de filas indianas das carteiras na sala de aula, para dar somente um exemplo.

O tempo era corridíssimo para nós professores conversarmos sobre qualquer tipo de projeto diferenciado. Aliás, a sala dos professores era um lugar tão pequeno, desconfortável e pouco frequentado que fui ficar sabendo da existência deste com três semanas de trabalho. Ficava no fundo da escola, subindo umas escadas que levavam para as salas do Ensino Médio, cujas turmas assumi dois meses depois de minha entrada. Nos momentos de intervalo, disputávamos a fila com os estudantes para adquirirmos algum lanche e perdíamos metade do tempo, a outra metade comendo. Não tinha como conversar sobre o desenvolvimento de algum trabalho.

A experiência que em minha memória seleciono como positivo foi a criação de um espaço como “sala de vídeo”, que a escola não tinha. Aliás, a escola tinha uma biblioteca, mas que não podia ser frequentada pelos estudantes, e era tão pequena que não dava pra receber uma turma para atividades no espaço. Ou seja, o que tinha, também, paradoxalmente, não tinha. Mas sobre o espaço que se tornou “sala de vídeo”: No afã de dinamizar as aulas de história, incrementando no currículo a mostra de uma série de filmes que seriam bastante úteis para a ampliação das impressões sobre variados assuntos do currículo, senti a grande dificuldade de levar uma TV com recursos de vídeo DVD para cada sala. Havia um espaço ocupado com alguns jogos de mesa, uma sinuca e outros materiais que nunca eram utilizados. O espaço era logo abaixo da sala de professores, numa área “morta” da escola. Resolvi pedir para instalar a TV de forma fixa, dois ventiladores de parede e a remoção dos materiais que se encontravam ali. Para minha surpresa, fui atendido. A primeira aula no local foi um sucesso. Inauguramos o espaço com um jogo de multitarefas: Caça-palavras, pintura de mural temático em cartolinas, “quiz”<sup>41</sup> com premiação, tudo referente ao assunto da turma. Foram duas aulas (100 minutos) muito divertidas e frutíferas. Sempre fazíamos aulas no espaço ou utilizamos para ver vídeos/filmes, ou documentários. Logo o espaço passou a ser agendado por outros professores. Esse ano de 2006 fui eminentemente professor de história e não vi espaço, e isso foi sem dúvida um defeito meu, para a utilização da música. Hoje vejo o quanto podíamos ter associado música às aulas, assim como utilizo atualmente.

No final desse ano foi o casamento de minha irmã na cidade do Rio de Janeiro e fomos toda a família para essa viagem. Ao regressar saí dessa escola. Entro na Escola Y.

O que houve de diametralmente oposto nessa escola foi o fato de eu ter entrado justamente pelo que eu tinha de músico. Havia uma proposta de diversificação das práticas do currículo da escola no contra turno. Eu era conhecido pelo sobrinho da diretora da escola, que há algum tempo atrás havia me convidado para uma consultoria musical para a formação de uma banda que tocaria nos eventos da escola. Já havia uma tradição no ensino de ginástica

---

<sup>41</sup> Série de perguntas simples sobre assuntos variados com alternativas para resposta rápida.

rítmica na escola através da professora de educação física que era atleta da ginástica rítmica no Estado e a escola queria ampliar as atividades extracurriculares.

Levei meu currículo e logo fui chamado para entrevista e, coincidência ou não, havia aberto carência para professor de história.

Assumi como professor de história no Ensino Fundamental II, turmas de sexto, sétimo, oitavo e nono anos e como professor de violão no sexto tempo de cada turno. Foram duas experiências interessantes: como professor de história, pude aproveitar o grande espaço que a escola proporcionava para tornar mais lúdico o momento da aula com jogos envolvendo história e geografia. Caça ao tesouro, trabalhos em grupo com produção artística em painéis, atividades envolvendo técnicas de orientação, construção de mapas. O espaço era uma imensa área interna coberta com possibilidade de barulho sem atrapalhar as outras turmas; como professor de violão, tínhamos uma sala para as aulas. O ponto negativo é que não havia instrumentos na escola e os estudantes precisavam levá-los. O bom é que apareceram flautas, violões e uma pandeirola. A nova experiência foi de aulas de musicalização com instrumentos variados num mesmo espaço. Tive que retomar o estudo da flauta, instrumento que ganhei por brincadeira quando tinha doze anos de idade. Senti o quão importante foi a flauta para a minha percepção musical, pois “pegava” as músicas de ouvido. Devo boa parte do senso melódico à flauta.

É importante o quanto de estudantes somos como professores e virse e versa com relação aos estudantes. Torna-se fator central na relação ensino aprendizagem. Como diz Freire:

(...) o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. (FREIRE, 2005)

O que se nota dessas experiências é que existe uma interação de significados que constroem epistemologicamente uma teia de (trans) formação dos sentidos. Multiplicamos e somamos enquanto dividimos, quase nunca subtraímos. Essa estrutura estruturante organiza as práticas e a percepção das próprias práticas. É o *habitus*. Constitui-se como relação e esse ponto de inflexão entre os agentes e o campo ou campos de atuação, um constituindo o outro nessa dinâmica. Conforme Bourdieu:

“O *habitus* permite estabelecer uma relação inteligível e necessária entre determinadas práticas e uma situação, cujo sentido é produzido por ele em função de categorias de percepção e de apreciação; por sua vez, estas são produzidas por uma condição objetivamente observável.” ( Bourdieu, 2007)

Passei um ano no Colégio Y. Diferenças entre mim e a direção levaram à minha saída.

Apesar de não muito traumática essa experiência no Colégio Y, de certa forma me senti impulsionado a respirar outros ares. Repensar minha vida profissional, buscar algo diverso para construir algo mais significativo financeiramente, dar mais suporte à minha família que estava crescendo. Enfim, mudar. Passo a procurar trabalhos que não estivessem ligados diretamente à função de professor, instrutor ou coisa parecida. Acho um anúncio de Consultor de mídia numa editora. Enviei meu currículo. Poucos dias depois, recebo a ligação

convocando para uma entrevista que poderia ou não ser seguida de um treinamento. Compareço no local e hora agendados. Na sala de espera converso com algumas pessoas que parecem já ser do ramo. Passo a entender um pouco mais o que de fato era. A editora realizava produtos impressos para instituições como Associação Médica Cearense. Eram anuários de listagem de profissionais, onde estes compravam espaços de anúncio. Ganharíamos comissões pela venda dos espaços.

Ao chegar a minha vez, a entrevistadora, Osternilde Feitosa, uma senhora de olhar perspicaz, vai logo tecendo o seguinte comentário: “Chamei-o por curiosidade, pois queria perguntar o que uma pessoa com o seu tipo de currículo estaria fazendo numa empresa como a nossa. Ao mesmo tempo achei interessante o quanto pessoas com o seu tipo de currículo podem acrescentar a ela”. Fui fisgado pela curiosidade dela, pois vi naquele momento um mundo de possibilidades que esse tipo de postura gera. Tanil, como era chamada, dava o treinamento aos novos consultores. Formadora que era, sabia todos os meandros que a função exigia e magistralmente fazia-nos compreender a dinâmica daquele novo campo de atuação. Fui convidado a participar do treinamento. Teríamos que vender publicidade numa mídia impressa anual em vários Estados para profissionais médicos e afins. Primeiramente no Ceará, em nossa capital, depois no Pará, no Rio Grande do Norte e no Piauí.

A experiência em Fortaleza foi muito boa: depois dos cinco primeiros meses ganhei um prêmio de Consultor Revelação. Financeiramente parecia muito promissor, apesar de não assinar a carteira de trabalho, o contrato dava todos os benefícios, menos FGTS. Tínhamos plano de saúde extensivo à família, diárias extras ao salário e comissão nas viagens. O ruim era a distância da família: passávamos quatro meses em Fortaleza e o restante do ano viajando com intervalos curtíssimos em casa entre uma viagem e outra. Sei que nessa história, passaram-se seis anos e no pesar dos prós e contras, acho que não saí ganhando. Nesses anos, criei novos produtos para a empresa, tive possibilidade de abrir uma agência de publicidade, tive outros parceiros comerciais, mas por inexperiência gestora multipliquei dívidas e resolvi deixar tudo e voltar ao magistério. Ainda estava ativo na empresa quando prestei o concurso para professor do Governo do Estado do Ceará, passei e assumi em setembro de 2014.

Um registro interessante nos últimos meses de viagem na editora foi o fato de eu estar dando treinamento para novos consultores, no final de tudo, eu estava fazendo o que sempre fiz até ali, sendo professor. Não faço esse registro para deixar subentendido que a profissão, a função de professor é algo como um dom. E que, de forma como que cumprindo alguma faceta do “destino”, estivesse fadado ao cumprimento de uma sina. No decorrer de minha trajetória, acumulei determinados capitais culturais, sociais, simbólicos que constituíram em mim um *habitus* professoral/formador, que naquele campo, em circunstâncias tais, me fizeram mobilizá-los para minha distinção nele. Segundo Bourdieu:

“(…) é preciso lembrar a existência de um capital cultural e que este capital proporciona lucros diretos, primeiramente no mercado escolar, é claro, mas também em outros lugares, e também lucros de distinção” (BOURDIEU, 1983).

Retorno então a fixar-me em Fortaleza e volto ao magistério.

#### 4.5.1 O retorno

Foi uma grande alegria meu retorno ao magistério. Alegria para mim, pois parecia o retorno do viajante Comeniano (COMENIUS, 1952). Alegria para minha família que teria minha presença dioturnamente. Alegria em função de uma certa estabilidade em virtude do concurso público.

Fui lotado com duzentas horas na EEFM Antonieta Siqueira e minha experiência nessa escola foi como professor de história, filosofia e educação religiosa. Como sempre utilizava a música como ponte para os assuntos, logo recebi o convite para assessorar um grupo de estudantes que fariam vocais em apresentações de um projeto desenvolvido pela gestão do multi-meios da escola. O projeto se chamou Rimando e Cantando. Unia literatura, poesia e música tanto em língua portuguesa como em línguas estrangeiras. Os ensaios já foram um tremendo sucesso: Muitos estudantes de séries variadas com um potencial incrível para desenvolver o projeto: vontade. A música, realmente tem um potencial agregador gigantesco. A arte tem um potencial libertador gigantesco. De apenas um grupo para fazer vocais nas apresentações principais, os estudantes sugeriram a criação de um coral.



Culminância do Projeto Rimando e Cantando na EEMTI Antonieta Siqueira. A. P.





Apresentação do Coral Rimando e Cantando na EEMTI Antonieta Siqueira. A. P.



Apresentação do Coral Rimando e Cantando num evento do Hemocentro do Ceará - HEMOCE. A. P.

Grande desafio pelo tempo para a culminância do projeto e pela dificuldade em si de se construir um grupo coral. Mas a vontade de fazer, o prazer de se encontrar e a coragem de enfrentar coletivamente o que não se tem coragem de enfrentar sozinho, foi o que levou o grupo ao sucesso desejado.

Reestruturadas as apresentações, agora para o grupo, tudo foi um sucesso. O grupo foi convidado após essa apresentação na escola a dois eventos do Hemoce – Hemocentro do Ceará, um evento da Paróquia de Messejana e uma apresentação com cachê no Shopping Deo Paseo além de uma apresentação na EEFM Eudoro Correa. A apresentação envolvia arranjos para grupo vocal de músicas em português, inglês e espanhol e éramos acompanhados por violões e percussão. O que chamava a atenção era a alegria das apresentações: estudantes de séries diferentes e aquela pluralidade que é sempre encantadora na juventude. Riquíssima experiência. Projetos envolvendo o aprendizado de língua estrangeira deveriam partir de projetos como esse. E também de literatura brasileira e estrangeira, história e um “mar” de possibilidades.



Apresentação do Coral Rimando e Cantando na EEFM General Eudoro Corrêa. A. P.

Situações específicas de uma portaria de lotação acabaram me tirando da escola. Felizmente, o esforço da Diretora Rita Cirino da EEFM General Eudoro Correa garantiu-me uma lotação completa na mesma, inaugurando uma situação singular na matriz curricular da SEDUC: O Eudoro Correa foi a primeira escola no Estado a ter no currículo do ensino Fundamental a disciplina de Música separada da de Artes (Kaczan, 2017). Fui lotado como professor de música com cinco turmas de musica, dois oitavos e três nonos. Este ano (2017) estou com três turmas de nono ano, mas desenvolvo também oficinas de violão e canto no contra turno para os estudantes do Ensino Médio. A escola recebe estudantes das disciplinas de Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Ceará.

Na Escola Eudoro Corrêa conheço o professor Marcelo Kaczan em nossa sala para o planejamento das aulas. Semanalmente, um grupo de professores integrantes de cada área têm um dia específico para o planejamento de atividades. Neste dito dia estava eu com um violão a escolher um repertório para as próximas aulas de música. Marcelo puxa assunto falando de sua banda Salt que canta o repertório de Raul Seixas, um pouco de sua trajetória e sobre sua experiência na Orquestra Escola do Ceará e logo me faz um convite que para mim foi irrecusável: “venha e traga seu instrumento.” Esse convite desfaz vários preconceitos construídos em torno do fazer orquestral como uma “arte musical elitizada”. Um deles é o da utilização de qualquer instrumento musical para fazer parte; outra é a da participação de qualquer pessoa independente do seu grau técnico e teórico da música em si e do instrumento, e isso acaba com qualquer outro tipo de impeditivo para que qualquer pessoa em qualquer faixa etária e formação prévia pudesse participar. De fato, a formação da Orquestra Escola conta com professores, estudantes de música e de outras áreas, nem sempre afins, além de outros amantes da música de todas as faixas etárias.



Convite do Recital Janela Aberta da Orquestra Escola do Ceará. A. P.



Recital Janela Aberta no Auditório da ADUFC. A. P.

“Venha e traga seu instrumento” carrega em si um quê de grandioso e ao mesmo tempo simples que quebra barreiras conceituais e práticas. Trazem em seu arcabouço a valorização do conhecimento prévio e significativo (Freire, 1987) que pode ser tão diverso

singular como plural; a marca da cooperação, pois vejo nos que estão na orquestra, pelo tipo de convite feito, meus pares aprendentes e ensinantes; a quebra do paradigma conceitual de orquestra como um conjunto musical profissional com um nível técnico esperado para a reprodução de um repertório também paradigmático como sendo – de orquestra; e por fim o próprio repertório: a música cearense ou “cearensiada”, aproveitando a tipicidade neologística desse povo. A Orquestra Escola é um laboratório do fazer musical coletivo com muitas potencialidades que tem como uma de suas principais finalidades uma orquestra em cada escola e a formação de professores (Release em Apêndice B).

## 5 TRAJETÓRIA DE AUGUSTO PONTES

Para facilitar a compreensão do leitor, todo o relato de Augusto Pontes neste capítulo estará disposto em negrito, para que as incursões analíticas do pesquisador, dispostas em outro formato, não se confundam com o texto.

### TRANSCRIÇÃO DE SEU RELATO AO PROGRAMA VIVÊNCIAS DA TV UNIFOR (2009)

“Revisitar sua história, juntamente com o que guia, no momento presente, esta retrospectiva, por extrair dela o que pensamos ter contribuído para nos tornarmos o que somos, o que sabemos sobre nós mesmos e nosso ambiente humano e natural e tentar compreender melhor, é o primeiro desafio da pesquisa dos elos que nos deram forma.(Josso, 2010)

**Bom, eu não me conheço direito. Eu sou uma pessoa há muito tempo, não sei desde quando, já tenho uma certa idade, mas há muito tempo eu sou implicado com a realidade que me cerca implicado e implicando com ela. Sou uma pessoa insatisfeita com a realidade, não muito assim...não doentamente, mas de certo modo desejando um mundo melhor. Faço parte dessa comunidade que, aspira isso e tenho sorte, porque tenho muitos amigos, inclusive vocês que conheci um certo tempo e vejo que também participam disso e o Felipe<sup>42</sup> que já sei há mais tempo que é uma pessoa também aspirando por um mundo melhor. Eu sou integrante dessa gente.**

Consegue-se observar neste primeiro trecho uma tentativa de cercar objetivamente o conceito de si. Começa com uma conclusão que não se fecha, mas abre possibilidades para o interlocutor. Mais ainda, nos lança um desafio crítico sobre o interpretar outrem. Se ele próprio diz não se conhecer direito, o que me dá direito de dizer quem ele é? Continua a narrativa mostrando aspectos cognitivos de interpretação de si com relação ao próximo, ao mundo que o cerca. Reforça isso dizendo fazer parte de uma comunidade com interesses específicos, num mundo melhor. O aspecto que pesou nessa fala de Augusto foi o coletivo. Esta marca acompanhará todo o seu relato. Também uma postura aberta ao novo mais no sentido de ser diferente, dinâmico, não estático. Não satisfeito. Em aberto.

**Eu nasci aqui em Fortaleza, meu pai era ferroviário, no tempo que os ferroviários tinham uma certa atuação e visibilidade social no sentido de fazerem parte de um tipo de operário mais elitizado mas, operário de qualquer maneira. Era escriturário. Minha mãe costureira, tenho uma filha que continua essa vocação da minha mãe, mas ela já não é mais costureira ela é: estilismo e moda que é o novo designativo dessa função tão íntima da humanidade: cobrir nossas vergonhas. Tenho quatro irmãos, somos cinco. O mais velho, que foi-se embora apressadamente, mas, enfim, ele era bancário do Banco do Nordeste do primeiro concurso, uma pessoa também com essa religião de praticar os bons costumes que as famílias transmitem para**

---

<sup>42</sup> Felipe Barroso, Diretor do Programa Vivências da TV UNIFOR.

o, você conhece bem isso, transmitem a seus membros que ficam um pouco menos atrevidos do que os demais, então a vida se torna uma luta e uma conquista e então tem que estudar tem que ser solidário com os demais, então esse meu irmão mais velho e os outros todos são irmãos. Tenho uma irmã casada que mora em Caucaia, tem lá os filhos dela onde cria a família dela é, normalmente, sem nenhum destaque maior e tenho duas filhas duas irmãs, filhas, seriam... é, que também moram aqui em fortaleza. Uma mora no Rio de Janeiro foi pra lá e, morreu lá. Era casada com uma pessoa pacata e também interessada na humanidade, todos somos, cada qual a seu modo. Somos uma família comum dessas pessoas que têm 75 anos que é a minha idade então todos os meus contemporâneos e os mais novos até mais ou menos as pessoas que têm 40, 45 anos tem esse infortúnio existencial que é grande felicidade da vida: são irmãos dos outros, o próximo ame ao próximo.

Nessa descrição, Augusto fala sobre sua família, primeiramente o seu núcleo familiar, o pai, que não cita neste relato, mas que morreu precocemente, quando ele tinha menos de 10 anos de idade. Fala sobre o pai associando-o primeiramente à sua atividade profissional e fazendo uma breve e mordaz análise da circunstância de ser um operário elitizado, por ser escriturário, “mas, operário, de qualquer maneira”. Isso reflete claramente uma visão política com relação ao mundo do trabalho; à mãe também refere-se à partir de sua atividade profissional, costureira e logo faz uma associação às novas concepções da função: hoje, estilismo e moda. Não faz diferença o fato de o segundo ser um curso superior, pelo contrário, coloca o primeiro em pé de igualdade de importância: cobrir nossas vergonhas.

Ao falar sobre o irmão, percebe-se um tom de crítica à citada religião dos bons costumes que tornam seus membros menos “atrevidos”, mas resguarda-se a não passar deste ponto. Somos todos interessados na humanidade, cada qual a seu modo. Estabelece novamente um conceito ao fazer coletivo: “infortúnio existencial que é a grande felicidade da vida”. Neste trecho um aspecto pontuado por duas vezes foi uma postura ético-política com relação as pessoas e suas funções no mundo do trabalho, o primeiro referindo-se à condição de operário com toda a carga que o termo possa carregar e outro da mãe costureira equiparando-se à sua filha que faz um curso superior.

**A minha primeira imagem da infância era uma escola que a gente ia, com certo prazer, porque nessa escola tinha divertimento, tinha futebol, tinha trabalhos manuais, tinha arte, tinha cultura, tinha os padres que iam apaziguar o nosso espírito mais acirrado para as diversões, as atrações da vida e tinha essa coisa da praia. Eu sempre vivi perto da praia. Tinha também as frutas, às vezes brinco com meus amigos de lembrar as frutas, nomes de bananas, nomes de mangas, nomes de cajás, cajarana, siriguela, embú, caju, jaca, conhecemos muito, tinha até uma brincadeira: o médico aconselhou para o pai de um amigo nosso a comer só uma fruta por dia, e ele comprou uma jaca, pensando que estava cumprindo a obrigação. Uma brincadeira...hoje não tem isso, comprar uma jaca, onde? Não é? Não tem. Não tem mais as frutas, não é? As mangas, eram muitas mangas, jasmim, rosa, tamaracá.**

Neste trecho, Augusto associa sua infância à escola. Deixa-nos compreender que para aquela era com certo prazer, pois havia diversão. Entendemos que dali em diante o ambiente escolar

não tenha sido muito agradável. Falamos dos anos 40. Observa-se também que Augusto sempre fala coletivamente: a gente ia...;o nosso espírito mais acirrado...Fala sobre a praia e sua constante proximidade com o ambiente praiano. Natércia Pontes, sua filha mais velha cita no documentário Os Cearenses, como de suas primeiras imagens do pai, ele a levando à praia: *a primeira lembrança que eu tenho do meu pai é na praia ele de sunga marrom branco e comprido, Assim... ele segurando minha mão para me levar até o mar. Eu devia ter, sei lá, uns três anos.*<sup>43</sup>

Cita também a relação com as coisas simples da vida cotidiana, as frutas e em brincar com os nomes das frutas. Brincar com os nomes das frutas. Depois conta uma brincadeira sobre a prescrição médica de um amigo. Lembrei de um trecho de uma canção de Belchior, na qual translitera um trecho de outro escritor: “Ora direis, ouvir estrelas... certo perdeste o senso e eu vos direi, no entanto, enquanto houver espaço, corpo, tempo e algum modo de dizer não, eu canto<sup>44</sup>. Comenius em sua Didática Magna fala sobre a metodologia do aprender brincando. É uma postura de Augusto com relação ao como fazer, ao aprender, ao ensinar, ao produzir. É importante o prazer, as boas sensações.

**Bom, eu estudei no grupo escolar Rodolfo Teófilo que hoje é a Faculdade de Ciências Econômicas. É um prédio hoje, se você olhar, muito... meu Deus... aquilo era uma escola pública? E todos os grupos escolares eram assim, tinha uns no Joaquim Távora, rua Dom Manoel, muitos grupos escolares, muito bem equipados com quadra de esportes, bons professores. Tem uma grande dívida com esses professores do curso primário. Eles me ensinaram o Português, a Aritmética, as categorias gramaticais, a História, Geografia. Isso pra mim foi uma coisa muito, muito importante. Depois eu tive a sorte de entrar em bons colégios também. Eu fiz escola particular, fiz o Sete de Setembro que era do Professor Edilson Soarez, depois fui pro Seminário e teve até um certo atrito porque o Dr. Edilson era de uma religião protestante, né, assim chamava e eu ia para um seminário católico, e ele, tentando de um modo muito discreto, disse que eu tinha mais futuro se continuasse no colégio. Fui para o Seminário, demorei pouco, não demorei nem um ano, foi um ano no Seminário. Muito rígido, mas lá me encaminharam muito para essa coisa de novo do latim, do português, das raízes. Fiquei viciado nisso. É, mais ou menos, aí aos 11 anos de idade eu senti o apelo da rua, a rua me chamava, não me neguei, fui. Muita discussão com minha mãe e outros parentes, mas enfim, eu fui para a rua. Na rua aprendi muito.**

Neste ponto salientamos a importância com que Augusto Pontes estabelece uma relação de dívida com os professores do primário. Cita as disciplinas dando ênfase à categoria da linguagem e à História e Geografia. Elogia o fato de ter estudado em boas escolas como o Sete de Setembro, que era o Professor Edilson Brasil Soarez. Há um comentário discreto do Professor que ele se daria melhor permanecendo lá. O que nos leva a compreender que ele era um aluno aplicado. Confirma Conceição Pontes, segunda esposa de Augusto em documentário Os Cearenses. Augusto tece um comentário crítico à rigidez da nova escola: O

<sup>43</sup> APÊNDICE

<sup>44</sup> Divina Comédia Humana, Belchior.

Seminário da Prainha<sup>45</sup>. O que o marca é o ensino aplicado de latin e as ditas raízes, os sentidos primevos das palavras e, apesar, da crítica, a disciplina, mesmo fazendo-nos compreender que foi por causa da rigidez disciplinar, saiu de lá. Pontuamos aqui um **momento charneira** na vida de Augusto Pontes, pois comenta: "Fiquei viciado nisso". Esta marca de apego com as palavras, com as frases, com os sons será sua até o fim de sua vida e o acompanha de forma instigante e contagiante. Vemos em muitos registros jornalísticos, quando de seu falecimento que era reconhecido por sua sabedoria frasista. Os mais aplicados, assim como ele, conseguiram identificar na sua relação com as palavras o contato com o Haikai japonês<sup>46</sup>.

**Quando voltei para a escola, vi que o que eu sabia da rua era apenas meu, de pouco valor, que hoje em dia temos esse defeito: as pessoas que estudam silenciosamente em casa, em gabinete. Esse estudo, ele é muito precário diante das necessidades do circuito do conhecimento no mundo. É muito diferente você produzir um conhecimento com esforço pessoal do que você estar numa classe de 30 colegas 40, 50 em que todos estão buscando, bem ou mal estão buscando, e você aprende com os erros de todos e tem que superar os erros de todos pelo que a gente aprende é um conjunto de erros, de palpites, de o que será cada coisa, explicação de cada coisa e isso se torna mania, você faz todo dia, tem uns que, daqui a pouco ou quando descobre, estão cientistas. Tenho alguns amigos assim. Continuaram essa pesquisa, alguns são juristas. A rua me chamou de muitas maneiras. Eu descobri o companheirismo, não é? Uma igualdade sem estar pensando em igualdade.**

Aqui temos uma intervenção epistemológica de Augusto Pontes quando compara o saber da rua e o saber escolar. Linhas atrás percebemos uma dicotomia entre a forma da educação escolar vivida por Augusto nas suas primeiras experiências no ambiente escolar e uma educação mais solta, mas voltada à não institucionalidade. Apesar do comentário positivo acerca da herança do Seminário da Prainha, ao que parece, a rigidez disciplinar foi em grande medida, motivo para a saída de Augusto Pontes. O chamado da rua, à primeira vista nos aponta uma situação de abandono da vida escolar, ou mesmo até o desvínculo da família. Mas vemos à partir de análise de entrevista em outra fonte<sup>47</sup>que não foi assim." *Augusto— É, depois do Seminário fui fazer técnica de contabilidade, e virei perito contador. Mas até hoje tenho dificuldade em fazer imposto de renda, como todo mundo (risos).* Augusto optou por uma educação profissional de contabilidade. Começou também a trabalhar muito cedo, desde os onze anos. Mas o ponto central daqui é a análise que Augusto faz do

<sup>45</sup> Os padres Lazaristas ficaram responsáveis pelo Seminário no período de 1864 a 1963. Os nomes que inicialmente recebeu foi: Seminário Episcopal do Ceará e Seminário Provincial da Prainha.

<sup>46</sup> Haikai é um vocábulo composto por duas palavras da língua japonesa: hai = brincadeira, gracejo; e kai = harmonia, realização. É um tipo de poema bastante diferente daqueles que sugerem nossa memória, já que à primeira vista sua forma e disposição na página pouco lembram o modelo literário tradicional. "Vida, vento, vela, leva-me daqui" que é uma frase icônica utilizada por Fagner e Belchior em seu clássico Mucuripe, Tem um formato semelhante ao Haikai japonês. A frase é de Augusto Pontes, apesar de Fagner a creditar ao poeta português Guerra Junqueiro.

<sup>47</sup> Entrevista a Dalton Moura para o Caderno 3 do Diário do Nordeste pelos 70 anos de Augusto Pontes. <diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/o-guru-aos-70-1.544064>última visualização em junho de 2018



conhecimento da rua e da escola, que , na explicação, ele troca por Universidade. Importante notar a importância do coletivo, da aprendizagem coletiva. O individual não atende às necessidades do circuito do mundo. Diferente é o aprendizado onde há 30, 40 estudantes e têm-se que aprender com os erros seus, dos outros. O aprendizado é por um conjunto de erros. Essa matriz de construção do conhecimento tem referência, apesar de eu não identificar nesta pesquisa com Augusto Pontes, Gilles Deleuze, numa concepção rizomática de filosofia como um exercício de criação de conceitos<sup>48</sup>.

**Eu ia muito na Gentilândia, ali exatamente defronte à Escola Padre Anchieta, que ainda hoje tem. E lá tinha um futebol jogado de 10 horas da manhã até quando escurecia. E lá tinha os grandes jogadores da época: Moésio, Mozart todos, todos, Josias, Jeová, muitos, muitos, estou me esquecendo de muitos, jogavam lá. Grandes jogadores se tornaram depois, Aristóbulo, de todos os times. Então jogavam. E uma coisa fraterna, não é? E era no pátio da escola e a escola não se incomodava com isso, Hoje... Outra coisa que eu frequentava muito era a Praça do Ferreira, a Praça José de Alencar, a Praça da Bandeira o Jardim América que era um bairro que todos íamos e nessa época então apareceram essas coisas de teatro, quermesse, circo, clube de cinema, discussões, política.**

Neste trecho os aspectos refletidos no relato de Augusto diz respeito ao lugar. A relação com o espaço geográfico, o movimento. Faz parte da trajetória formadora de Augusto Pontes essa relação com o espaço da cidade. Os espaços citados nesse trecho estão próximos aos Centro Acadêmico da Arquitetura onde começou a se forjar o eu veio a ser pouco depois o Pessoal do Ceará(soou bem para o Augusto, mas nem tanto para o próprio pessoal, mas é uma longa história). Próximo à casa da Monavon, mãe de Rodger Rogério, próximo ao estratégico Bar Balão Vermelho, entre a Praça da Bandeira e a Praça José de Alencar, por sua vez meio caminho até a Praia de Iracema e o tão festejado Bar do Anísio. Essa cartografia da trajetória também se faz uma trajetória singular. Espaço da construção dos saberes, espaço dos fazeres. O espaço, a cidade, o lugar está tão inscrito em Augusto como está em cada um dos que fizeram junto esses percursos formativos. *“Amanhã, se der carneiro, o carneiro. Vou-me embora daqui pro Rio de Janeiro. As coisas vêm de lá( mas não as espero chegar) eu mesmo vou buscar(e o melhor) E vou voltar em vídeo tapes e em revistas supercoloridas e a menina meio distraída vai ouvir a minha voz. E Deus salve todos nós. E Deus salve todos vós.”* Fausto Nilo comenta em entrevista<sup>49</sup>: *Eu fiquei amigo dos dois eu, ele e o Rodger. E andávamos a essa cidade toda a pé. Muitas vezes viemos da beira mar de madrugada e o dia amanhecendo. A pé até a praça José de Alencar aí pega lá o ônibus e íamos dormir lá no fim*

<sup>48</sup> Para Deleuze, "a filosofia é criação de conceitos" (*O que é a filosofia?*), coisa da qual nunca se privou ("máquinas desejanter", "corpo sem órgãos", "desterritorialização", "rizoma", "ritornelo" etc.), mas também nunca se prendeu a transformá-los em "verdades" a serem reproduzidas. A sua filosofia vai de encontro à psicanálise, nomeadamente a freudiana, que aos seus olhos reduz o desejo ao complexo de Édipo (ver *O Antiédipo - Capitalismo e Esquizofrenia*, escrito com Félix Guattari), à falta de algo. A sua filosofia é considerada como uma filosofia do desejo. Com a crítica radical do complexo de Édipo, Deleuze consagrará uma parte de sua reflexão à esquizofrenia.

<sup>49</sup> Os Cearenses, 16 – Fundação Demócrito Rocha – TV O Povo. Transcrição em Apêndice.

*de semana na faculdade e ele compartilhava com a gente isso aí embora tivesse o hábito de dormir na casa da mãe dele lá no campo do pio.*

**A política chegou pra mim é de uma coisa muito espontânea, quase como uma necessidade havia os partidos políticos havia os centros estudantis dos partidos políticos todos, havia o comunismo que era uma forma de pensar político mais atrevida, mais corajosa de enfrentar os problemas mas os partidos políticos também tinham essa mesma, esse mesmo pendor de discutir essas questões apenas no fim amenizavam um pouco e os comunistas, continuavam dizendo: é, mas não está muito bom. E eles ficavam satisfeitos com o conhecimento produzido, né? UDN, PSB, PTB, PSP que eram os partidos mais... o próprio PRP que era o partido dos integralistas. Mas tinha curiosidade na sociedade, né?**

Neste trecho, Augusto fala sobre a forma como incorporou a política em seu fazer cotidiano. Uma época difícil no pós 64, mas que foi precedido por um momento que Augusto chama de Alvorada do Brasil (ROGÉRIO, 2006)

**É. Há um certo tempo, já nos vinte e seis anos, vinte e sete, meu colegas todos tinham terminado um curso acadêmico. Aí eu resolvi. Eu também tenho que entrar nesse negócio. E eu tinha abandonado o curso científico chamado na época. Abandonei no segundo ano, então voltei, fiz o segundo ano e o terceiro e entrei na Faculdade de Filosofia, que era o que me cabia, naquele tempo eu tinha muitas questões então eu tinha que estudar Filosofia mesmo, que é tudo e nada, com a qual e sem a qual, você continua tal e qual. Então eu entrei na Filosofia. E me dei muito bem porque tive muitos companheiros: Eusélio Oliveira, Arnaldo de Vasconcelos, Osvaldo Evandro Carneiro Martins. Eram colegas, Amaral, o Roberto Alves do Amaral Vieira, o outro Amaral, era muita gente, o Dalcher, Ester Barroso, a Glícia Sales, José do (...) eram umas trinta pessoas, e no meio dessas trinta pessoas tinha bem umas seis mulheres, estranho, né? Porque hoje é mais raro assim a mulher se dedicar à Filosofia. E criamos um grupo que pensava, que discutia. Era muito confundido né a vida acadêmica e a não acadêmica, eu vinha da rua, e já tinha essa propensão, mas os centros acadêmicos eram muito ativos, muito preocupados com a vida social, muito, muito às voltas com polícia, com repressões e procurando, naquele tempo havia uma preocupação muito grande uma preocupação muito grande de expressar o que pensávamos livremente e conseguindo essa liberdade não apenas expressar, mas nós não nos satisfazíamos em apresentar um protesto e indignação com comum mas sim apresentar soluções fossem discutidos nós tínhamos interesse que aquilo que nós pensávamos fosse discutido. Hoje há uma tendência, não condeno, mas observo, de apenas apresentar o protesto e isso já está bom. Dar uma vaia no governador, no prefeito, no presidente da assembléia ou no síndico do edifício já era um grande feito. Nós fazíamos isso, éramos até talvez mais mal-educados mas nos interessávamos em que a sociedade compreendesse e participasse da discussão do ponto de vista que nós introduzíamos. A gente tinha um pensamento independente de idade. Procurávamos compreender a juventude, não compreender apenas por uma devoção,**

por um sentido de prestar contas, mas porque sentíamos que a juventude precisava de participar da discussão e queria. Sim e, e isso, é nessa época eu já trabalhava desde os onze anos de idade. Quando eu entrei na universidade eu já trabalhava mas isso não me atrapalhava muito, porque eu tive a sorte de ter patrões que achavam muito interessante eu estudar e aí me davam folga. Hoje não tem essa compreensão. Essa compreensão tem que ser concedida pelo ministério, acaba sendo uma esterilidade. Os patrões apenas compreendiam e o ministério abençoava isso então eles deixavam que não assinasse um ponto na hora, saísse mais cedo, e tudo era verdade porque nós estudávamos mesmo, aqui e acolá um malandro, mas a malandragem é muito necessária numa organização social, os camaradas se desviam, dizem que fazer, mas não fazem, é muito bom. Hoje só os ricos praticam isso: dizer que vão fazer e não fazem. Os ricos e os poderosos. Os pobres não podem fazer isso. Logo denunciam, sai no jornal, ora, os ricos fazem todo dia. Você chega lá e: sim, mas aqui no contrato... mas não sei o que e tal...advogado... aí você fica numa confusão. Então tinha isso nesse tempo. Essa confiança recíproca. Nós não éramos bem comportados, mas nós tínhamos um comportamento visível, esperado e os patrões também e havia uma melhor compreensão e visibilidade de que todos queriam um Brasil, Hoje Brasil, falar em Brasil, a pessoa fica meio encabulada Brasil ninguém impõe, a não ser esses Deputados mais espertos, né? Mas uma pessoa normal não vai falar o Brasil porque alguém logo no Brasil ninguém acredita realmente de verdade. Mas aí você vê o avanço das leis, das leis trabalhistas, das leis de inquilinato que vencer leis apareceu hoje a lei do inquilinato é a favor de quem aluga claramente tinha muitas leis, a lei das mulheres conquistando, os jovens conquistando espaços isso a gente via acompanhava anualmente. Isso tinha sempre propostos eram sendo discutidas e iam para o parlamento.

Eu trabalhava no comércio. Trabalhei no Conrado Cabral que era uma grande empresa de ferragens, mas ferragens naquele tempo vendia automóvel, por exemplo: Romiseta eles vendiam. Vendiam trator também, tudo ferragem, ferro. Hoje não, né...ferragens: ferrolhinho, parafuso, dobradiça....umas coisinhas. Mas, naquele tempo era vasto. E eu fazia curso de comércio. Então eu estudava contabilidade, o método das partidas dobradas, essas coisas todas e era útil na empresa. Tornei-me contador, sou perito contador como se dizia. Hoje, não sei declarar nem meu imposto de renda, mas nessa época eu era um contador, trabalhava nisso, depois passei a trabalhar em rádio, em jornal. Essa participação política me levou à comunicação. E aí é que vem o jornal, a rádio, a televisão e a música popular e o teatro e o cinema, as artes e toda essa coisa fácil de fazer, digamos.

Você quando está com esse conhecimento da rua, é um conhecimento muito bom, muito farto, qualquer conhecimento, vamos dizer, que o esforço é pessoal. Não vai mais ter um Câmara Cascudo, nem um Gilberto... como é o pernambucano? Gilberto Freire. Não vai ter mais isso, né? Hoje são todos cientistas de uma Universidade. Por que? O que é que o camarada na rua descobre? Tudo. Tudo ele se interessa fica com um vocabulário imenso, com preocupações grandes com relações grandes. O que é que a Universidade dá pra ele? Quando dá... já deu muito fartamente. Hoje parece estar

descuidada disso. Ela dá pra ele um armário onde ele guarda as palavras que lembram as relações que descobriu que é a tal metodologia a metodologia é um armário onde você põe as palavras próximas não na ordem alfabética, mas na ordem de sentido de significado de semiologia. Então, as palavras, uma coisa lembra as outras, todas elas estão arrumadas de modo a serem solicitadas em função do sentido, do significado. Isso é de tal modo a coisa mais importante da universidade, que você conhece logo um homem sábio porque o armário dele é danado demais ele tem aquelas gavetinhas aqui na frente mas de repente e puxa assim e tem outras gavetinhas atrás; Nosso armário é muito simples, é na nossa cabeça a gente quer resolver então o estudo da universidade é insubstituível é esse: É que você cria um móvel onde você guarda o seu conhecimento de modo a ele expandir- se por isso que a universidade pode te dar autonomia e você levanta a mão e diga agora vou estudar e tal ... a seguir porque você tem um armário e a Universidade Compreendeu que você tem essa metodologia, tem essa capacidade de levar o conhecimento avante e colaborar para comunicar às próximas gerações descobertas que fez. Que são descobertas relacionadas com tudo que o mundo sabe e não apenas com o que você teve sorte de ver na rua, no seu delírio pessoal.

Depois da filosofia eu, naturalmente fiquei com as palavras precisando de uma comunicação mais popular, digamos mais abrangente, mais para todos porque a filosofia, um pouco mais fechada, exige de quem escuta, que tenha uma iniciação; à comunicação deseja iniciar quem não ouviu falar daquilo e é por isso que às vezes faz um mal danado porque comunica errado. Então me fui para a comunicação. Então fui para Brasília. Primeiro trabalhei em publicidade, propaganda, propaganda política, né? Na.... aqui em fortaleza no comunismo como se dizia anteriormente, né? No tempo que o comunismo era uma prática disseminada que tem até a ideia de que quase todos passaram por isso. Disse até que: quem não foi comunista até os 30 anos não tinha coração e quem continuou Comunista depois dos 30 anos não tinha juízo. É a brincadeira que se dizia, né? E hoje tem muito velho aí sem juízo, né? Prestando um grande serviço; e muita gente sem coração fazendo essas coisas que a gente vê.

Então a comunicação me atraiu muito, inicialmente em Fortaleza no rádio. Eu trabalhei na rádio Dragão do Mar, Na Ceará Rádio Clube, muitas rádios depois eu fui para a televisão também fiz alguns programas e jornal, pratiquei poesia essa coisa toda aí fui para Brasília fazer o curso de Comunicação. Porque fui convidado para ser professor da universidade lá. Então quando cheguei houve dificuldade negócio de professor ficou meio obscuro eu, pá, fiz o curso de comunicação, aí fiz todas as modalidades que tinha na comunicação rádio, TV, cinema, publicidade, propaganda e relações públicas me formei nessas coisas todas aí se voltou contra mim um apelido que eu botei no dileto amigo Osvaldo Evandro Carneiro Martins que ele era agrônomo, formado em direito, em filosofia e tinha doutoramento nessas três coisas eu o apelidei de doutores Osvaldo Evandro depois eu fiz seis faculdades e fiquei com o peso do apelido também então lá na comunicação cheguei a professor, fiz o concurso para a universidade de Brasília, passei de aula de iniciação à comunicação de o bloco de jornalismo cheguei a dar lá jornalismo, é verdade, em bloco, né então era como se fosse

uma redação rádio, TV, jornal então no bloco de publicidade e propaganda também que era como se fosse uma agência, então cheguei a praticar isso tudo depois fiz o mestrado em comunicação para o desenvolvimento que hoje não sei o que é isso, mas na época tinha comunicação para desenvolvimento e aí veio aquela greve de Brasília e então eu por índole, má criação, um mal comportamento continuado não consegui ficar na universidade onde era professor e portanto com algumas vantagens e os alunos punidos, eu fiquei do lado dos alunos e aí fui punido, então sai da universidade não me arrependi, nem foi uma coisa muito drástica comigo, nenhum heroísmo, nem nada, apenas descanso pessoal da mente, né. Apenas eu fiquei do lado dos estudantes. Marcamos uma reunião com os estudantes, professores e estudantes. Aí a reunião foi proibida. Aí os professores me comunicaram: Augusto, parece que não pode ter mais. Eu disse: pra mim vai ter. Como é que eu vou dizer pros alunos? Agora é que precisa de reunião mesmo. A gente vai, faz com os alunos e depois a nossa. Aí só uns dois toparam, nós fizemos a reunião com os estudantes, aí eu fiquei sendo assim um corpo meio estranho, renovaram meu contrato 22 dias para que eu pudesse das aulas para terminar o semestre quando houve a greve fui despedido da universidade. Recebi o fundo de garantia até dei uma grande entrevista lá de duas páginas, eu era muito querido na cidade, as pessoas gostavam de mim. Eu então fui entrevistado eu disse que ia, voltava para o Ceará. E agora professor, como é que vai ser? Como todo pobre a garantia está no fundo. Então eu tenho um fundo de garantia e volto para Fortaleza onde lá vou tentar a vida. Chegando aqui meus amigos, tal continuei a vida.

Eu vinha anualmente aqui, continuei e me liguei com esse pessoal de música popular, de teatro, aí fizemos Liberdade Liberdade, fizemos Bodas de Sangue com o Bem de Paiva e outras pessoas e João Falcão Aderbal Junior que hoje é Aderbal Freire Filho e então nós é que criamos esse núcleo depois veio os... vieram os festivais de música popular do Centro Popular de Cultura e aqui da UEE onde nós fizemos um grande estardalhaço com Petrúcio, Rodger, Mona Gadelha, Ednardo, Fagner, Belchior em épocas diferentes mas o resultado é mais ou menos essa gente. Éramos mais ou menos umas 300 pessoas em volta disso e nos dedicamos a isso.

Lá foi toda minha vida, minha, meus amigos, minhas mulheres, meus filhos, no meio dessa vida aí tenho quatro filhas todas, por uma, por um vício de família e sorte todas na universidade três já terminaram os cursos e ainda pegaram universidade que elas aproveitaram muito. Eu não influenciei muito nisso, não tenho culpa do sucesso que elas possam ter, tenho uma filha que é escritora, mas eu não colaborei em nada disso e também alguns sustos ao ler os contos dela que realmente tem valor e achei ainda hoje me assusto com ... Inda ontem ela telefonou pra mim e queria de madrugada ler um conto que tinha mandado para o Diário do Nordeste aí como já era uma e meia e eu estava meio emocionado com outras coisas.... Não...amanhã você lê pra mim. Porque eu sempre me emociono muito é uma coisa bonita né a criação de uma pessoa da gente não consegue ficar neutro fico orgulhoso e meio sem jeito, né? Então hoje ela deve me ler esse texto que deve ser muito, muito bonito. Tenho outra filha que dedicou se como eu disse essa coisa de estilismo e moda puxou a avó, minha mãe. Tem uma filha que fez a

arquitetura até o 3º ano desistiu e foi fazer filosofia até pediu minha opinião... eu disse é ótimo, pra ganhar dinheiro é muito melhor do que arquitetura achou que tinha sido uma ironia... depois compreendeu, né. Tomei um susto... pelo menos vai conseguir um emprego ali na... Filósofo, Valha-me Deus...e , e a outra filha é advogada está sendo professora na UNIFOR. Direi que tive alguma sorte nesse, nesse trajeto familiar de amigos o meu grande patrimônio são minhas amizades e eu conheço muitas pessoas das quais eu sou preso afetivamente, gosto, quero inclusive amigos mais jovens tenho essa sorte né. E tudo isso adquiri ao redor da universidade e ao redor dessa vida política de estar insatisfeito com a realidade queria colaborar com ela essas coisas me deram esse patrimônio de amigos e de referências pessoais de ideias não vem de outro lado, esse meu lado cauteloso, que também tenho e pragmático, isso só me deu mesmo alguma tranquilidade pro caminho de casa e para não ter inimigos, mas a fertilidade da vida vem mesmo desse desassossego pessoal com a existência.

Logo que eu cheguei à fortaleza vinha de Brasília eu me associei com alguns amigos e espontaneamente e fizemos algumas músicas e logo descobrimos que isso era preciso: uma coisa mais organizada era preciso quem tivesse mais compromissos que hoje os compositores e os praticantes de arte não tem muito isso a cada qual por si não é então uma mas nós fizemos o Centro Popular de Cultura fizemos o Teatro em Preto e Branco e apresentou muitas peças de teatro, fizemos muitos grupos de teatro e neles é que praticamos essa coisa da música, tudo, aí nos associamos com patrúcio, com Rodger, com Ednardo, com Belchior, com Ieda Estergilda, com Tânia Cabral, com muita gente com umas trezentas pessoas e era um convívio, assim estimulado pela existência de objetivos. Estávamos fazendo música acreditando naquilo era uma parte importante da nossa vida, era muito bom encontrar ainda hoje tem um restinho disso com o Pessoal do Ceará, a Massafeira que agora está completando trinta anos e as pessoas estão muito voltadas para ela mas a Massafeira e o Centro Popular de Cultura foram dois exemplos mas têm muitos outros que nem participei: o grupo Cactus que era um grupo de Leão Júnior, Iracema Melo e outras pessoas, que fez muitas coisas bonitas e outros grupos. A Massafeira foi um conjunto enorme de gente nessas trezentas pessoas e mais outras tinha aí unidos com artesanato, culinária, roupas tinha muita gente o Lúcio Ricardo que é um excelente cantor e era do Perfume Azul ele mexe com essa coisa de confecção e muitas outras pessoas, o Ciro Gomes era artesão. É fazia artesanatos, fazia bolsas. Então, é esquisito, você pensa que ele seria um intelectual das letras? Não, ele fazia bolsas nessa época, jovem nenhum talento ao ar livre não ele fazer mãos nessa época jovem e participava, foi à Massafeira toda. Nem o conhecia na época da Massafeira, a não ser assim de longe. Depois me tornei amigo dele mas, uma pessoa muito inteligente, muito preocupada com a vida. A Massafeira realizou-se no Teatro José de Alencar mais de uma semana, uns dez dias no Teatro José de Alencar, veio muita gente de fora, veio a direção da CBS, veio o Walter ... que fazia umas músicas muito estranhas... Walter Franco, que até brincando a gente chamava Walter Fraco, mas só por brincadeira, Walter Franco, tinha o Walter Silva que é um produtor, veio a direção da CBS, veio muita gente, muita. Aí depois vieram Torquato Neto, Gilberto Gil, Capinam. Vieram

aqui, depois foram até o Conservatório de música. O Conservatório de Música não gostava muito da nossa atividade, não. Mas também não tinha muita força pra ser contra, não. O pessoal do Ceará era praticamente, Rodger, Teti e Ednardo. Aí, eu, Dedé Evangelista, grande compositor, mas o conjunto que cantava e de fazer é Ednardo, Rodger e Teti e Petrúcio também como compositor, e aí eles tiveram desempenho que chamou a atenção de algumas produtoras e algumas gravadoras e foram para Rio, São Paulo, foram para o Piauí, Maranhão e Brasília aí fomos morar em Brasília, tivemos uma época em que voltamos a Brasília aí já depois de ter... o Rodger também foi professor em Brasília antes, e o Dedé também foi professor em Brasília antes. Quando voltamos lá já foi como artistas para apresentar a coisa, júri de festival.

Quando nos estabilizamos na atividade artística musical e teatro não tínhamos um nome, éramos um grupo de pessoas, mas ao chegarmos em São Paulo para uma primeira gravação naquele disco, chama: Meu Corpo Minha Embalagem Todo Gasto na Viagem. Pessoal do Ceará, o Walter Silva disse: O Pessoal do Ceará. Ele disse isso e o nome pegou. Alguns deles não gostaram. Preferiam os próprios nomes deles: Ednardo, Teti. Foi ficando, foi ficando e até hoje, Pessoal do Ceará.

Quanto à minha produção pessoal ela é pequena assim é assim como obra até como por uma convicção pessoal eu nunca quis ser o autor das músicas. Mas têm umas doze, treze músicas e fiz alguns dez, doze espetáculos de Teatro. Agora eu tinha muita participação no movimento no grupo, na ideia de manter vivo o pessoal não acreditava que podia ir ao Rio, em São Paulo e gravar então não acreditava e eu acreditava, eu via que era claro que sim e então fomos né? Até naquele fomos para Santa Tereza, a primeira investida foram umas cento e cinquenta pessoas se hospedaram no hotel e gravaram dois discos, três discos gravamos dois discos: do Meu corpo minha Embalagem que é o Pessoal do Ceará, gravamos o disco Orós que o Fagner inventou lá na hora e fez eu colaborei também, ajudei a selecionar as coisas do Orós e fizeram outro disco que é do Rodger e da... não, é da Teti e do Petrúcio. O Petrúcio aparece assim sentado com as pernas cruzadas, eu não me lembro o nome do disco, mas é o nome de uma música dele, um disco muito lindo, mais ou menos esses três discos e mais aquele Rodger e Teti, quando eles cantam algumas músicas, quatro discos feitos nessa época. E aí a coisa desenrolou, andou por si, aí carreiras individuais e aí tudo isso que a gente vê. Minha produção, como eu disse, foi pequena, mas as músicas conhecidas é o Carneiro<sup>50</sup>, aquela: amanhã se der o carneiro, o carneiro, vou embora daqui pro Rio de Janeiro, Lupiscínica<sup>51</sup>: vamos adiar essa briga... essa música é um bolero e todos tinham resistência a fazer bolero imagina fazer bolero. Depois vários boleros Doroty Lamour do fausto Amante, amada, amiga outro bolero, fizeram muitos boleros depois de Lupiscínica, e fiz outras, fiz o Mundo mudar<sup>52</sup>, que o mundo não é sempre assim, o mundo é sempre mudar, o Rodger vai gravar agora. Depois fui ao Piauí morei no Piauí lá fizemos músicas com Clodo, Climério e Clésio que seria o pessoal do Piauí e fiz

<sup>50</sup> Capítulo 3.3

<sup>51</sup> Iden.

<sup>52</sup> Capítulo 3.3

algumas músicas com eles que são algumas conhecidas, né? Tem uma música sobre São Paulo<sup>53</sup> e é: Da primeira vez que eu vi São Paulo passei um tempão parado esperando que a Cidade parasse, enquanto apreciava a pressa da cidade, à praia de Iracema e por aí vai. Com o Clodo fiz uma música que até foi para uma novela que é Folia ou Pressa, brincadeira também, fazia muito isso, temos uma série que é: Também sei fazer. Você acha uma música bonita aí faz uma música em homenagem a ela não esses plágios que a turma faz. Mas é assim: o Garoto esse grande compositor Garoto tem uma música chamada duas contas: seus olhos são duas contas pequeninas... aí fiz : Feito de contas é esse olhar, faz de conta que é pra mim abra o seu sorriso mais que possa quero entrar, não tem nada haver com a música do Garoto, é uma homenagem assim temos muitas, muitas músicas feitas assim. O Fausto Nilo tem uma penca, várias pencas, músicas muito bonitas e que homenageiam outras músicas, mas que não tem nada a ver com a música apenas lembra, apenas o mote, apenas o tema. Uma coisa pela qual eu fiquei conhecido é uma certa facilidade de descrever a realidade com uma frase que gruda nas coisas, que refere, que toca. Aí fiz muitas, né? Brincadeiras desde as mais simples, naquele tempo dos cabeludos, eu inventei uma frase besta que dizia assim: se barbeiro fosse mudo não tinha tanto cabeludo. Porque o barbeiro conversa como todo, aí o sujeito não vai cortar o cabelo. Tinha essas brincadeiras né fiz muito no tempo do comunismo, né por exemplo agite agite mas prepare meu jipe, em passeata nunca vou a pé, Mao Tsé. Era meio perigoso, né. Também outras brincadeiras, com o Ho Chi Min, né. Lembra o Ho Chi Min, Eu não tinha essas ideias, mas deram um arrocho em mim. Quer dizer, eram brincadeiras. Então eu fiz muitas frases que inspiraram músicas e tal, algumas utilizadas em algumas músicas, mas eu acho que isso é íntimo da música brasileira. Aí eu pensei sobre isso. O que é que eu acho? Eu acho que o plágio é a maior confissão de humildade, a maior prova de humildade. Eu não consigo plagiar, eu sou muito pedante eu acho as minhas frases melhores, então nunca eu vou copiar de outro. Então quando copiam a minha eu acho que é mais uma homenagem do que um furtozinho. Opa, gostou da minha frase.

Tem também essa brincadeirinha quando fui pra Brasília fazer o mestrado: todos, cada qual diz alguma coisa sobre si para se apresentar os outros, né? na minha vez disse: sou apenas um rapaz latino americano, sem parentes militares<sup>54</sup>. Ficaram logo todos com medo porque isso era em 1965, então ninguém queria dizer isso, mas era o meu caso: sou apenas um rapaz latino americano sem parentes militares. Ele pegou e botou na música dele aí militares não botou não: sem parentes importantes. Ora, eu sou Pontes, tinham seis Deputados Estaduais Pontes, meus primos.

Uma coisa que se fala muito é que poesia uma coisa e letra de música é outra que a letra de música é uma coisa mais simples. Eu não vejo assim a música é um produto humano como qualquer outro pensamento. Tem músicas desde Noel Rosa e antes de Noel Rosa que as músicas são filosóficas quase, são filosóficas. A verdade meu amor mora num poço e é pilatos lá na Bíblia que nos diz e também faleceu por ser

<sup>53</sup> Água Grande

<sup>54</sup> Apenas um rapaz latino americano, Belchior



pescoço... o Caetano Veloso, o Gilberto Gil: um copo vazio está no lugar . E várias que são fundadas na vida da pessoa, de reflexão. A música é uma explosão, a música, a letra da música é uma explosão de vontade, de desejo, de insatisfação, ela já vai com a forma de reclamo. Eu acho que esses movimentos existem, agora o desenvolvimento do capitalismo não permitiu nem permite qualquer junção de pessoas até na política nos partidos políticos então essa é a política não tem mais aquele grupo de pessoas como aquele que representava os movimentos o movimento de cinema escape pela escola de artes plásticas muitos onde saíram os grandes pintores cearenses hoje não tem mais, não tem mais. Roberto Galvão sobrevive aí e o Guedes quem mais se Siegbert Franklin, tantas pessoas isoladamente não há um a sociedade não deixa mais a sociedade de consumo a organização tornou tudo produto vendável e que nada tem a ver com o grupo ter uma existência: essa é a manifestação de um grupo, da padaria espiritual, da padaria francesa, da Massafeira, do Cactus, da Ceará Rádio Clube, dos programas de auditório. Os programas de auditório criaram muita música. A música popular brasileira existiu um grande tempo dos auditórios e do teatro de revista, o teatro de revista criou muitas músicas. Hoje não há um ambiente ele não está imerso numa cápsula de criação, não é uma expressão da cultura popular, são a expressão de valores individuais. Os próprios baianos estão lá Caetano Veloso, Gilberto Gil, quem mais não é um grupo antes eram muitos Capinam, Torquato Neto, Sérgio Sampaio.

Sobre o amor, né comum a todos nós o amor é assim: o amor é sujeito à interferência de toda ordem mas o conhecimento também mas parece que a ser o conhecimento não, não é muito adequado para a convicção para a certeza aquele conhecimento que sabe ter certo que alguns professores esse conhecimento ele é frágil porque o desejo do conhecimento é ser falsificado, é evoluir descobrir uma nova forma. Assim também o amor. Até que tem uma frase que diz assim: O amor que não se põe à prova não se prova que é amor. Uma frase que fiz. Um pouco pra desculpar por alguns deslizes, né. Então você diz: No, mas... um amor que não se põem à prova não se prova que é amor. É preciso que fuja um pouco daquela rotina de amor, daquela, daquela manifestação, aí você tem com outra e o amor é exatamente o retorno e você se pôs a prova de que amor é aquela volta, né. Quer dizer, quanto mais você sabe, menos você conhece, no conhecimento. Quando você sabe, o saber nubla o conhecimento, nubla a curiosidade. Satisfaz. Aí você deixa de ver o que você não viu ainda, porque já sabe. Então tem esse contato de mediação. O amor é exatamente igual, né. Por isso tem tanta gente que sai às ruas todas as noites, tantos rapazes principalmente rapazes, mas mulheres também estão avançando nesse setor que é sai tanto de casa, sai tanto a rua, se enfeitam se ajeitam para encontrar uma coisa do amor mas aquilo não é o amor, é um sucedâneo do amor, né. Quanto mais você está indo em busca do amor, menos você o encontra. O amor é produto de uma distração, de não estar atento, quando você nota, está amando, está envolvido. Você só nota muito tempo depois. Às vezes não tem mais jeito. O que é bom, né?

04:15 · 30.12.2005



( André Lima )

*Jornalista, publicitário, compositor, ex-secretário de Cultura, Francisco Augusto Pontes chega hoje aos 70 anos. Em entrevista ao Caderno 3, rememora passagens da infância na Fortaleza das lâmpadas pintadas de preto, em plena Segunda Guerra, dos tempos de universidade, da reunião dos que viriam a ser conhecidos como “Pessoal do Ceará”. A publicidade na década de 70, a Massafeira Livre, os caminhos da cultura e os encontros e desencontros dos músicos cearenses - entre o sucesso nacional e o desconhecimento no próprio quintal - também entraram na prosa, bem-humorada e saborosa pelas tiradas características que fazem de Augusto um referencial para várias gerações. Com a palavra, o guru:*

**Caderno 3 — Vai ter festa para essa data especial, ou você prefere ficar mais tranquilo nessas ocasiões?**

Augusto Pontes— Não, não vai ter festa não (risos)... É um dia normal. Às vezes o pessoal aparece, a gente se encontra. Mas não tem começo certo não.

**— Fazendo 70 anos, que lembranças você tem da sua infância em Fortaleza? O que mais marcava na cidade, naquela época?**

Augusto— Eu nasci na antiga Vila Maciel, perto da Serrinha, no caminho de Maranguape. Papai tinha lá um sítio. Acho que ainda deve ter o lugar, um nome tão simpático. Mamãe veio pra cá, morar em Fortaleza. Sempre morei por aqui. Só morei aqui e, já bem depois, nos anos 70, por ali, em Brasília e em Teresina. O que me lembro mais de Fortaleza naquele tempo é que a gente tinha que pintar de preto as lâmpadas incandescentes, do lado que dava para o mar, por causa do negócio da guerra. Eu morava na praia, ali na Tenente Benévolo, e as casas usavam esse artifício. Todo mundo tinha que fazer isso. Papai, muito habilidoso, gostava de fazer essas coisas. Lembro dos primeiros passeios na Praça do Ferreira e na Gentilândia, onde tinham os pontos de encontro, a turma do futebol. Tinha os times do Gentilândia, do Peñarol, o próprio Ceará ficava perto, o 24 de Maio, que a sede era na Marechal Deodoro. Do outro lado, o (estádio) Presidente Vargas.

**— E os primeiros contatos com os livros, como se deram? Por influência da família?**

Augusto— É, os primeiros contatos foram muito cedo, em casa, com meu pai, que me apresentou Machado de Assis, Monteiro Lobato, Humberto de Campos... Lembro de ter lido bastante no Seminário da Prainha, onde passei um ano só, mas também foi o suficiente. Fiz o primário no 7 de Setembro e de lá fui pro Seminário. Passei só um ano, por incompatibilidade de gênios (risos)... Sempre fui muito à vontade, e com aquela disciplina não consegui continuar. Mas valeu o ano que estudei lá, valeu pelo primário bem feito. Aí a gente não precisa estudar mais nunca, né? Você aprende a ler e a saber o que está lendo.

— **E como foi que você descobriu a música?**

Augusto— Nas serestas. Tinha muitas serestas naquele tempo, muitas. E o rádio também, os auditórios de rádio, que eu gostava de ir, a PRE-9, a Rádio Iracema... O rádio tinha um “cast” grande de cantores, músicos. As rádios tinham orquestra. Tinha muito também as quermesses, e muitos regionais, muitos cantores. A música era muito presente na vida de Fortaleza. Tinha os trios, os grupos vocais que se formavam, os Vocalistas tropicais, Quatro Ases e um Coringa, Trio Nagô, Trio Jangadeiro, até o Trio Irakitan tinha um integrante cearense. Já os discos só vieram depois que o comércio, o “marketing” trouxe. O primeiro toca-disco em casa, lembro que foi muito tardiamente. Tinha mais era rádio, as novelas de rádio, como “Penumbra”, “Renúncia”, “O Direito de Nascer”, com trilha.

— **Você trabalhou em rádio...**

Augusto— É, depois do Seminário fui fazer técnica de contabilidade, e virei perito contador. Mas até hoje tenho dificuldade em fazer imposto de renda, como todo mundo (risos). Mas eu trabalhei em rádio sim, muitos anos. Escrevia programas, fui diretor artístico da Uirapuru, da Dragão do Mar, trabalhei na Rádio Nacional de Brasília. Por conta disso até eu fui fazer o curso de jornalismo, pra poder ter o direito de ser jornalista. Não engolia muito bem esse negócio de ser jornalista prático.

— **E a publicidade, Augusto? Você trabalhou naquela que é considerada por muitos uma espécie de “época de ouro” da publicidade cearense, em que havia mais romantismo, mais charme na atividade. Era isso mesmo, ou há uma certa mitificação nisso?**

Augusto— Acho que não. A década de 70 foi realmente a melhor época da publicidade aqui. A Scala, a Mark, a Slogan, a Terraço, em todas as grandes agências eu trabalhei. Lembro de trabalhar inclusive com o grande Gilmar de Carvalho, muito modesto, que a custo se tornou redator, porque achava que não era, apesar de ser gênio, de ser um grande escritor. Agora, tinha mais romantismo na publicidade daquela época. Era muito mais intuitiva, muito mais artística. E tinha muitos casos curiosos também. Lembro de um deles, em que mandaram retirar uns outdoors do óleo Pimentel, que diziam “Quem assina o que faz garante muito mais”. E o Moisés Pimentel era candidato nas eleições. O outdoor mostrava um carro de

supermercado e uma lata. Era quase uma urna e um voto (risos). Tinha aqueles anúncios famosos do Bento Alves, do Macarrão Fortaleza, “Quando a comida é boa, ninguém quer largar”... Esse quase vai proibido também. Outro, de TV, tinha uma cozinheira cantando: “É só uma pitada de sal nesse programa insosso”, e anunciando o sal Marissol. A TV queria proibir, porque mangava da própria TV. Ficaram chateados, reclamaram, e aí gentilmente, tiraram o anúncio. Uma coisa tão inocente! Lembro que a Coelce, a Teleceará anunciavam muito nessa época. Tinha também o sabão Pavão: ‘Uma mão lava a outra com perfeição e as duas lavam tudo com Pavão’. Enfim, a publicidade era uma atividade muito romântica, era uma alegria fazer. Eu fiz muitos textos, muitos jingles. Hoje, os publicitários se acham muito geniais. Naquele tempo a gente saía pra beber, convivia mais.

**“Não sinto saudade do futuro”**

**Caderno 3 — Não sei se isso veio a partir da publicidade, ou se foi o inverso, mas uma das suas maiores características é a facilidade para bolar “slogans”, títulos, frases. Como surgiu esse hábito?**

Augusto Pontes — Eu atribuo essas coisas à proximidade com o povo, com a vida. Acho que não é nada especial meu não. Era uma característica não só minha, mas de muita gente. É uma coisa da nossa cultura.

**— Mas frases clássicas como “Quando a mesa cresce, a cultura desaparece”, que se conta que você dizia quando juntava gente demais no Bar do Anísio, têm uma assinatura sua...**

Augusto — É verdade... Nos coquetéis de lançamento de livro era “A cultura em álcool imersa, logo dissipa e dispersa” (risos). Essas frases sintetizam as coisas. “O sertanejo é antes de tudo um forte. Avalie no Rio Grande do Norte” (risos). Agora, o pessoal inventa muita coisa e atribui a mim. Tem muita coisa que dizem que eu dizia, e eu nem pensei.

**— E as frases usadas no meio musical, como “Meu corpo, minha embalagem, todo gasto na viagem”?**

Augusto — Essa, que acabou dando título ao primeiro disco dos cearenses (o LP conhecido como “Pessoal do Ceará”, lançado em 1973 por Ednardo, Tėti e Rodger Rogério), era de uma letra enorme que eu tinha, e que só musicaram algumas partes. “Vida, vento, vela, leva-me daqui”, o final do “Mucuripe” (clássico de Fagner e Belchior). Tinha algumas frases que eram usadas pela turma, “Eu sou apenas um rapaz latino-americano”, na música do Belchior... Eu considero isso uma homenagem, não faz mal nenhum terem usado não. Nunca pedi parceria por isso. São todos grandes amigos, é natural que um use uma frase ou outra. Sempre digo que o plágio é um atestado de humildade. Porque, se eu vou fazer uma canção, eu não consigo usar uma frase de outro. Agora, o nosso amigo Aldir Blanc fez uma música e chamou

“Lupiscínica”, e não colocou “Lupiscínica 2”. Aí é outra coisa. É chato, dói, porque ele inclusive grafou igualzinho. Aí fiquei chateado.

— **O Rodger Rogério e o Petrúcio foram os primeiros parceiros?**

Augusto— O meu primeiro parceiro foi o Rodger sim. Depois o Petrúcio. Com o Rodger fiz inicialmente “Mundo, mudar” e “A pancada do mar”. Acho que eu tinha uns 26 anos por ali. Ele entrou na universidade cedo, eu entrei tardiamente. Tinha ficado muito tempo sem estudar, abandonei ali no primeiro ano colegial. Depois voltei e fiz de tudo.

— **Que impulso te levou a ser compositor popular?**

Augusto— Não teve nada assim... Eu achava bonitas aquelas músicas e queria fazer também. Tive a sorte de encontrar parceiros, e acho que levava jeito. Lembro de toda aquela música, do rádio, das quermesses, dos cantores. Depois, a bossa nova foi uma grande influência pra gente. Fazer música passou a ser um interesse não só meu, mas de muita gente em Fortaleza.

— **Chama a atenção a diferença de linguagem, o salto estético daquela geração. Se não eram propriamente um grupo, como muita gente faz questão de lembrar, vocês compartilhavam dessa intenção de fazer uma música diferente, moderna?**

Augusto— Era, havia essa vontade. Isso vinha muito da literatura. Graciliano, Guimarães, Clarice Lispector, aquela invenção de palavras. Tanto que, como criadores de música, somos anteriores aos baianos. Mas quando os baianos surgiram, aconteceram (fizeram sucesso), ficamos entusiasmados. Havia esse desejo de fugir daquela coisa mais antiga da canção popular. Um desejo de incluir outros sentimentos, cantar o amor, a terra e a vida misturados... E fomos incentivados por muitas coisas, havia um movimento de criação em todo o Brasil, com o Cinema Novo, o teatro... Isso refletiu em toda a turma de cantores e compositores que se chegou entre a Universidade, a Praça do Ferreira, o TJA e o Bar do Anísio.

— **Mas quando é que o ato de fazer música deixa de ser apenas essa criação mais descompromissada e passa a ser uma pretensão artística e profissional?**

Augusto— Acho que desde muito cedo a gente tinha intenção. Tem a música, né: “Amanhã se der o carneiro, carneiro / Vou-me embora daqui pro Rio de Janeiro”. Agora, quando todo mundo foi, em 74, por ali, essa parte é um pouco triste. Eu até me ausentei da composição, dei um recessozinho. Porque tornou-se uma coisa mecânica, meio de vida. Aí tinha todos os ingredientes dos interesses. Éramos uns 300, né, mas ficaram resolvendo as coisas só com uns três ou quatro. Aí não dava, né? Três ou quatro eram os baianos, que agora são 300. É o contrário.

— **Havia, então, muita desunião entre os integrantes do chamado “Pessoal”?**

Augusto— Não sei se desunião, acho que nem hoje tem desunião não. O que houve com os cearenses foi que, antes deles ganharem dinheiro, brigaram. Brigaram, se separaram. Aí diminuiu da turma toda pra três rapazes. Três rapazes não davam conta! Começa a pintar cachê, a vaidade de aparecer, uns se achando melhores que os outros. Qualquer canção, quando desponta, é muito bonita, toca mais que outra que ninguém conhece. Isso é o que me salva um pouco, porque “Carneiro”, “Lupiscínica” nunca saem de moda.

— **Você se ressentido de não ser mais reconhecido pelo público, não ter sua obra mais visitada?**

Augusto— Ao contrário: eu me acho mais conhecido do que mereço. Não me ressinto disso não. Acho que é isso mesmo. Acho que tá tudo bem, tá tudo certo. Não tenho saudades do futuro. Fiz até uma brincadeira: digo que não tem presente, ou é passado ou é futuro. Até na Secretaria de Cultura, usava esse eixo: passado, presente, futuro.

— **Você recebeu muitas críticas na sua gestão na secretaria. Faz uma autocrítica, ou se sentiu perseguido?**

Augusto— Ali, qualquer pessoa que se debruçar vai compreender. A secretaria era muito ligada a negócio de coquetel, beletismo. Aí mudou: entrou a culinária, a música popular, o folclore, o artesanato. Virou cultura mesmo, e a arte foi pro seu lugar de crítica da cultura. Os meus amigos mais chegados ficaram decepcionados, um até me disse que eu desconheci os amigos. E eu explicava: “Você é meu amigo, mas não é amigo do secretário”. Mas eu acho que valeu a pena meu sacrifício ali, minha dedicação. Eu não soube fazer direito, mas quem veio depois soube fazer. Quando o Ciro (Gomes) me convidou, senti a responsabilidade: “Mas rapaz, secretário de cultura, eu nunca fui”. E ele: “E eu nunca fui prefeito”. Aí calou minha boca. Eu era muito crítico, mas acho que me dei bem. Muitos compreenderam, elogiaram. Mas críticas tinha que haver, pelo rumo da cultura no País.

— **E a Massafeira: seria possível algo semelhante hoje?**

Augusto— A Massafeira foi um movimento que explodiu. Ninguém é autor dele. Todos participaram. Era uma explosão da vida. Era muita gente criando, muitas coisas lindas, uma vontade de fazer. Esse é outro papel que eu acho que deve caber a uma secretaria de cultura: não querer programar, e sim incentivar. Deixar que as pessoas programem. Dali saíram vários artistas, Lúcio Ricardo, Mona Gadelha, Stélio Valle, grandes nomes, mas que ficaram espremidos. Como atualmente tem muitos intérpretes e instrumentistas incríveis no Ceará, mas a tendência é ficar só um fazendo sucesso. Agora, independente disso, com certeza poderia haver hoje em dia algo parecido com o que a Massafeira foi em 79. Só falta alguém coordenar, sem ser pra mostrar só as suas obras. Daria pra fazer uma coisa forte nacionalmente, pra dar um sossegozinho aos baianos. Eles trabalham demais (risos).

— **Pra completar, como é que você lida com esse título de “guru”? E o que o guru tem como objetivo, daqui por diante?**

Augusto— Que guru, nada! Nunca ocupei esse lugar. Ao contrário: gurus são esses homens cultos do Ceará. Eu soube me aproximar deles. Mas nunca me achei guru. Eu sempre tive foi tendência a ligar as pessoas, aproximar quem nem sonhava em se encontrar. Os amigos de hoje são os de sempre, o Rodger, o Francis (Vale, cineasta e produtor), o Fausto (Nilo, compositor), que é minha grande inveja. Eu queria ser o Fausto Nilo, quando eu crescer (risos). Hoje, com 70 anos, moro com duas das minhas quatro filhas, e quero é viver mais. É muito bom estar vivo nesse momento, o País sendo feito, as pessoas reclamando, mas sem parar pra entender, né? Se houver uma crise de sinceridade, aí melhora tudo. Imagina as pessoas confessando que não sabem fazer tudo, admitindo que precisam do outro. Olha que sonho! Antigamente era assim, e a gente fazia as coisas. (DM)

***Dalwton Moura***

*diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/o-guru-aos-70-1.544064*

## 6 COMPREENDENDO O HABITUS INTELECTUAL FORMADOR

Até entrar no Programa de Pós Graduação em Educação eu nunca tinha ouvido falar de Augusto Pontes. Para ser mais preciso, até fazer a Disciplina de História da Música Cearense com o Professor Pedro Rogério, eu nunca havia ouvido falar de Augusto Pontes. Isto me causou estranheza, pois desde minha mais tenra adolescência, treze para catorze anos de idade, em casa o rádio era meu domínio às tardes. Eu era assíduo ouvinte da Rádio Universitária Fm. Ouvia tudo o que rolava ali e com muito prazer. O ecletismo era uma das marcas do repertório da rádio e eu amava isso, como ainda gosto muito. Outra marca do repertório da Rádio Universitária é o seu compromisso com a produção artística local, tanto atual quanto histórica. Não era raro ouvir clássicos do cancionário cearense, que não se faziam de rogados em também serem chamados de universais: Belchior, Ednardo, Teti, Rodger Rogério, Fausto Nilo, Petrúcio Maia, Fagner, Pingo de Fortaleza, Calé Alencar, Eugênio Leandro, Kátia Freitas e outros: Luiz Gonzaga, Paulinho Pedra Azul, Elomar, Xangai, Geraldo Azevedo, Dominginhos, Gonzaguinha, Sivuca, Hermeto Pascoal e uma infindável lista de músicos, cantores e cantoras dos quais eu gosto muito. Mas nunca tinha ouvido falar de Augusto Pontes.

Meu primeiro contato com Augusto Pontes foi através de uma aula com o Professor Pedro Rogério que, ao tratar sobre o Pessoal do Ceará, objeto de sua pesquisa de Mestrado, punha em evidência essa figura tão importante para o movimento musical e não somente, mas também cultural, partindo da cidade de Fortaleza e transbordando para onde quer que fosse: Brasília, Rio de Janeiro, Piauí. Ora, como eu, professor de História, amante da cidade de Fortaleza e das coisas do Ceará, admirador da música, músico, altamente influenciado pela obra musico-literária de Belchior<sup>55</sup>, passo “lotado”, no bom dizer cearense, de uma pessoa como essa? Isto me incomodou profundamente. Foi, inclusive, um dos motivos pelos quais eu decidi mudar o objeto de minha pesquisa com a qual passei na seleção para o Mestrado em Educação. Lida então a Dissertação do Professor Pedro Rogério, que não era especificamente sobre a pessoa de Augusto Pontes, o objeto era outro, mas a atuação deste na trajetória dos agentes que ficaram conhecidos como “Pessoal do Ceará” foi de uma importância sem igual.

A morte de Belchior em abril de 2017 trouxe à tona a atuação de Augusto Pontes como autor de frases importantes para a produção de Belchior como a “eu sou apenas um rapaz latino americano sem parentes militares”, que foi adaptada para o clássico, além de outras como, “vida, vento, vela, leva-me daqui” da também clássica Mucuripe de Fagner e

---

<sup>55</sup> Vide o capítulo Trajetória do Pesquisador.



Belchior, apesar de Fagner dizer que a frase é do poeta português Guerra Junqueiro<sup>56</sup>, certamente ouviram de Augusto. Independente das controvérsias, uma coisa é certa, é praticamente uma unanimidade a presença e atuação de Augusto Pontes como um incentivador das potencialidades criativas e de ação, um agitador cultural.

Como historiador, meu desejo foi biografá-lo. Primeiro porque ainda não havia sido, segundo, seria uma justiça histórica trazer ao conhecimento das pessoas um agente tão importante da cultura cearense que ainda não era tão conhecido. Tudo parecia muito óbvio, mas havia controvérsias nessa ação: além de historiador, sou também educador e músico, então tinha que ver também o que havia de educador, de formador e não só de artista no fazer de Augusto Pontes. Quantas pessoas fazem o que fazem tão brilhantemente em várias frentes de ação e continuam no anonimato? Há ações cujo brilho está exatamente no anonimato do ator. Bem, achava que podia ter um pouco disso, mas não completamente. A importância da minha pesquisa não estaria em biografar uma pessoa muito importante e notável que não tinha recebido os louros devidos do reconhecimento pelos seus feitos. A importância da minha pesquisa estaria em identificar quais fatores levam pessoas a serem extraordinárias em seu fazer cotidiano. Longe de esgotar a temática, mas de refletir sobre novas perspectivas da ação incentivadora, criadora, formadora para o empoderamento de outros e outras.

Existe toda uma tradição e reflexão acerca do gênero biográfico na historiografia, mas não vamos enveredar por estas paragens. Serve-nos mais uma perspectiva de abordagem (auto)biográfica, (auto) formativa dentro das abordagens de Histórias de Vida e Formação (HIVIF) com o auxílio eficaz dos conceitos Bourdieusianos: *habitus*, campo e capitais.

Esta pesquisa tem dois textos fonte principais para, através e a partir deles respondermos as indagações que se colocaram como problemas. O primeiro é o relato de minha trajetória como professor de Música. De História, de Violão e de Música. O segundo é o relato de Augusto Pontes para um programa chamado "Vivências. Cada narrativa traz aspectos da formação de si como sujeito num campo de ação social, deixando entrever nos fatos narrados, nos silêncios, seleções e possíveis direcionamentos temáticos. Sobre os dois formatos nos diz Delory-Momberger:

“Do ponto de vista epistemológico e metodológico, os pressupostos teóricos que inspiram as tendências de formação de história de vida podem ser apresentados sinteticamente sob dois aspectos: o primeiro atém-se ao estatuto da narrativa na experiência que o sujeito faz de si mesmo, mediante a produção de sua história; o segundo, à dimensão de projeto constitutivo da história de vida e do processo de formação.”

( DELORY-MOMBERGER, 2009)

---

<sup>56</sup> Abílio Manuel Guerra Junqueiro foi alto funcionário administrativo, político, deputado, jornalista, escritor e poeta. Foi o poeta mais popular da sua época e o mais típico representante da chamada "Escola Nova". 1850-1953

Nessa análise buscamos responder às nossas indagações ou despertar outras questões que impulsionam outras pesquisas.

Como se constitui o *habitus* intelectual formador na trajetória de Augusto Pontes?

Quais disposições cognitivas, motoras, afetivas e ético-políticas foram capitalizadas e mobilizadas na trajetória de Augusto Pontes para a constituição deste *habitus* intelectual formador?

Essas disposições abrangem minimamente todas as dimensões da formação do ser humano. Apesar disso não tenho a pretensão de abranger toda a vida e todos os processos formativos vividos por Augusto Pontes. Creio ser impossível até para ele mesmo identificá-los e quantificá-los, mas como educador, me sinto à vontade de analisar de forma qualitativa, a trajetória de uma figura muito importante para a formação de tantas outras num meio onde as vaidades individuais podem se tornar tônicas.

Augusto Pontes mostrou em sua trajetória e não somente ele, mas o Professor Marcelo Kaczan, o Professor e Maestro Ellismário Pereira e muitos outros integrantes da OEC quando fizeram o convite: venha e traga seu instrumento, a você que pode simplesmente não tocar nenhum, mas sente-se incentivado a ir, pois um músico, professor lhe convidou, e tenho certeza que houve exemplos assim na OEC e não somente lhe convidaram, mas estavam lá para lhe recepcionar, estavam juntos para aprender e ensinar naquela complexidade que Morin-freireanamente<sup>57</sup> conhecemos.

Augusto Pontes mostrou em sua trajetória e não somente ele, mas o Senhor Antônio Garcia<sup>58</sup> quando, mesmo tendo bem mais idade do que eu, se fez meu amigo e abriu minha mente para ver de outra forma, mais investigativa, a produção humana, mesmo no campo religioso, assim como Augusto tinha mais idade que o Pessoal<sup>59</sup>.

Augusto Pontes mostrou em sua trajetória e não somente ele, mas o pai da aluno do Colégio Kerigma que contratou o Grupo de teatro de professores Nem Pisca para uma apresentação num evento de final de ano de uma grande empresa no Shopping Salinas<sup>60</sup>. Assim como Augusto fez com o GRUTA. Assim nos conta Beatriz Bracher<sup>61</sup>

“nessa ocasião eu fazia colegial lá que era o pré-universitário e vi um anúncio no jornal que era chamando pra quem quisesse fazer uma peça de teatro. Não era nenhum curso de teatro eles iam fazer uma peça de teatro e precisavam de pessoas que quisessem fazer a peça e um dos requisitos era que nunca tivesse atuado”.

---

<sup>57</sup> Referência à Edgar Morin e Paulo Freire.

<sup>58</sup> Antônio Garcia foi o pai de meu amigo Samuel, do violão de lindo som médio-grave. Vide capítulo 4.

<sup>59</sup> “Eu conheci o Augusto num programa de auditório mas eu não fiquei amigo dele. Eu era mais jovem do que ele e ele ia pra minha sala de aula na faculdade ele era aluno igual aos outros sem ser aluno. Eu ia fazer aqueles trabalhos na faculdade de madrugada, ele ia com o Rodger. Eu fiquei amigo dos dois eu, ele e o Rodger.” Fausto Nilo em Os Cearenses.

<sup>60</sup> Grupo Nem Pisca, vide capítulo 4.

<sup>61</sup> Escritora. Em relato para Os Cearenses.

Augusto Pontes mostrou em sua trajetória e não somente ele, mas Tanil Feitosa<sup>62</sup> quando olha meu currículo completamente destoante do que se esperava para aquela empresa, mas tece o seguinte comentário:

“Chamei-o por curiosidade, pois queria perguntar o que uma pessoa com o seu tipo de currículo estaria fazendo numa empresa como a nossa. Ao mesmo tempo achei interessante o quanto pessoas com o seu tipo de currículo podem acrescentar a ela”.

Fui fígado pela curiosidade dela, pois vi naquele momento um mundo de possibilidades que esse tipo de postura gera. Assim como Augusto fez com os novos compositores. Assim nos conta Fausto Nilo:

“apareciam uns jovens que tocavam violão que faziam música eu nunca tinha conhecido ninguém que dissesse: olha, essa música é a minha. Então começou aquilo que o pessoal chama pessoal do Ceará. Começou um pouco ali e tudo tem haver com ele porque ele é que provocava, ele era o cara que dinamizava aquele cotidiano pra gente ele dizia que você era bom. Eles saíram todos daqui com essa corda que o Augusto dava de que vocês são melhores e vão arrasar”

A dimensão cognitiva para a constituição do *habitus* intelectual formador em Augusto Pontes foi entender o mundo ou seu campo como um grande coletivo, mas não no sentido estrutural, mas vendo o outro como sendo tão importante quanto a si mesmo. Assim fala Natércia Pontes:

“uma postura de mundo, muito, muito especial que ele tinha que era sempre se colocando no lugar do outro e isso era uma ideia muito forte que guiava todas as relações dele. Assim, sem ser falso, sem soar como um santo, mas uma postura de mundo muito humana”

Ainda com relação ao cognitivo, entender o conhecimento como não pronto, com uma postura frente a ele de indefinição, não em nome de um relativismo extremo ou infértil, mas no sentido de que podemos refazê-lo, repensá-lo, Deleuzianamente.

“Quer dizer, quanto mais você sabe, menos você conhece, no conhecimento. Quando você sabe, o saber nubla o conhecimento, nubla a curiosidade. Satisfaz. Aí você deixa de ver o que você não viu ainda, porque já sabe”.(Augusto Pontes, 2009)

A dimensão motora para a constituição do *habitus* intelectual formador em Augusto Pontes mostrou-se em desbravar os espaços, incorporar a cidade, desterritorializar também Deleuzianamente os mitos dos lugares, estar disposto. Assim nos fala Conceição Pontes<sup>63</sup>:

“mas ele achava que o mundo todo podia ser aqui daqui ele podia falar pro mundo todo e o mundo todo podia ser o Ceará”.

<sup>62</sup> Osternilde Feitosa. Vide capítulo 4.

<sup>63</sup> Primeira esposa de Augusto Pontes. Vide Apêndice C

E também Fausto Nilo<sup>64</sup>:

“eu fiz meu curso de arquitetura paralelo a um curso com o Augusto o tempo toda a minha média foi muito baixa na faculdade porque eu tinha que me dedicar muito tempo a madrugada e às explorações da cidade que nós fazíamos juntos. Muitas horas foram consumidas com isso, coisa que eu agradeço a ele.

A dimensão afetiva para a constituição do *habitus* intelectual formador em Augusto Pontes está em todos os momentos de seu fazer. No afã de superar a dicotomia entre razão e afetividade, atrevo-me a não separar no fazer de Augusto pontes qualquer dimensão da afetividade (CASTRO, 2011). Mas demarco assim mesmo trechos desse aspecto que é de todos nós.

“Porque eu sempre me emociono muito é uma coisa bonita né a criação de uma pessoa da gente não consegue ficar neutro fico orgulhoso e meio sem jeito, né?”(AUGUSTO PONTES, 2009)

Neste sentido de valorizar ou rever o lugar dos afetos, Martine Lani-Bayle reflete sobre a produção escrita ou narrativa na construção de si na pesquisa biográfica:

“Nenhum texto se presta a ser lido se ele é percebido como desafetado, isto é, não investido por seu autor. Em toda forma de escrita, a afetividade é absolutamente tão necessária e atuante quanto às funções intelectuais (que aliás não se manifestam isoladamente) e isso tanto para aquele que escreve quanto para aquele que lê” (LANI-BAYLE, 2006)

Fernando Pessoa em seus versos, declara: “O que de mim, sente, está pensando”. (PESSOA, 1980)

A dimensão ético-política para a constituição do *habitus* intelectual formador em Augusto Pontes é o engajamento com afeto. Uma fala sua com relação aos comunistas diz assim: “quem não foi Comunista até os trinta anos, não tem coração, e quem continuou sendo depois do trinta, não tem juízo”. Mas termina dizendo que “hoje (2009) tem muito velho sem juízo fazendo proezas e jovens sem coração”.

Francis Vale<sup>65</sup> faz um relato acerca do engajamento de Augusto Pontes:

“ele era o diretor do centro popular de cultura ligado à união Estadual dos Estudantes tinha o CPC que era ligado à UNE Centro popular de cultura da UNE Geral e tinha em cada estado as uniões estaduais tinham um núcleo do CPC e o Augusto era o diretor do núcleo aqui. O CPC participou de campanha de alfabetização. Também fazia teatro de rua”

A dimensão ético-política não se refere unicamente a questões político-partidárias, mas também responsabilidades ético solidárias, postura democrática e defesa das individualidades. Fala-nos também Fausto Nilo:

“ A Praça do Ferreira era um lugar de discussões políticas e eu ia muito à noite e ele sempre estava nas discussões. Eu passei a acompanhar as discussões que ele

<sup>64</sup> Vide Apêndice C

<sup>65</sup> Francis Vale em Os Cearenses.

participava, aquela dialética que ele sabia, digamos assim, conduzir a análise de qualquer assunto me impressionava muito sendo jovem.”

E ainda Fausto:

“Ele tinha muita experiência Augusto foi uma pessoa que viveu aquela juventude do pre golpe de 64 sempre teve uma posição de visão social de enfim isso influiu muito no grupo da minha geração que vem em seguida aqueles que ficaram amigos dele sendo mais jovens”

Refere-se à participação direta pela coletividade.

## 7 CONCLUSÃO E DESAFIOS

Concluir dizendo que aprendi com Augusto Pontes, para mim é um atestado de sucesso, pois a proposta da pesquisa era exatamente desvelar em sua trajetória as disposições que nos ensinam, nos mudam, nos formam de alguma maneira. Encontrar esses dispositivos práticos em sua história foi um exercício reflexivo muito prazeroso, principalmente por verificar que as atitudes, práticas incorporadas nele, o *habitus* nas várias dimensões cognitiva, motora, afetiva e ético-política, não estão longe de nós. Estão ao nosso alcance, depende-se de uma postura, como a dele, de abertura ao novo, amor ao próximo, disposição de fazer, ir junto e ter um senso mínimo de solidariedade ética, como nos fala Vanessa Andreotti.

Concluo mostrando que Augusto Pontes foi singular exatamente por ser plural, num mundo que apontava para a crise das coletividades que vivemos hoje. Ele soube juntar mais pelo fato de saber que sozinho não se faz.

Os desafios que ficam são os referentes ao Augusto das Comunicações e do projeto humano pedagógico Ecoa – Escola de Comunicação, Ofícios e Arte. As idéias eminentemente pedagógicas de Augusto Pontes. Este é o meu desafio como pesquisador. E como dizia Augusto Pontes:

“Sorte e coragem. Vai dar certo”.

## REFERÊNCIAS

- AIRES, Mary Pimentel. **Terral dos Sonhos: o cearense na música popular brasileira**. 2ª Ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil/ Gráfica e Editora Arte Brasil, 2006. (Coleção Teses Cearenses).
- ARENDDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1987.
- BONNEWITIZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.
- BOSI, Isabela Magalhães. **Bar do Anísio: casa de liberdades**. Fortaleza: Edições UFC, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1987, 361p. (Coleção Estudos; 20).
- BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 183-191.
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de autoanálise**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007 311 p.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas-SP: Papirus, 2001.
- CASTRO, Wagner. **No tom da canção cearense: do rádio e TV, dos lares e bares na era dos festivais (1963-1979)**. 2007. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Fortaleza, 2007.
- COMENIUS, Jan Amos (1638). **Didática Magna**. São Paulo: Calouste Gulbenkian, 1952.
- COMENIUS, Jan Amos (1638). **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografía y educación: figuras del individuo-proyecto**. Buenos Aires: Clacso, 2009. 147 p. ( Narrativas, autobiografias y educación ).
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica**. Revista Brasileira de Educação v. 17 n. 51 set. - dez. 2012
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografía y educación: figuras del individuo-proyecto**. Buenos Aires: Clacso, 2009. 147 p. ( Narrativas, autobiografias y educación ).
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo, SP: EDUSP, 2009.

- FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico**. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: PAULUS, 2010.
- FINGER, Matias (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: PAULUS, 2010.
- FORMENTI, Laura. *La formazione autobiografica. Confra modelli e riflessioni tra teoria e prassi*. Milano: Guerini Studio, 1998.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. **Aprendendo com a própria história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREITAS, Marcos Leandro de. **O Guru de uma geração: Augusto Pontes, o “Pessoal do Ceará” e Ação Cultural (1963-1979)**. In: Bilros, Revista de História. V 2, N 3, p 45-57, jul-dez 2014. Seção Artigos.
- GUEDES, Jordianne Moreira. **O fazer musical de Rodger Rogério: o singular e o plural do pessoal do Ceará**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico em História, Fortaleza, 2012.
- JOSSO, Marie Christine. **As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras**. Educação e pesquisa, São Paulo, 32(2); Educação & Linguagem, 13(22): 132-152, jul.- dez. 2010.
- KACZAN, Marcelo. **Entrelaçando caminhos: Histórias de Vida dos Professores de Música em Fortaleza**. Dissertação de Mestrado. 2017
- LANI-BAYLE, Martine. **Histórias de Vida: Transmissão intergeracional e formação**. In: PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008. Col. Pesquisa (auto) Biográfica/Educação.
- LANI-BAYLE, Martine. In: PASSEGGI, Maria da Conceição (org.). **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- MICELI, Sergio. **Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura**. Tempo social, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 63-79, abr. 2003.
- MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MORAES, J. J. **O que é música**. 7 ed São Paulo: Brasiliense, 2001.
- OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Arte do fazer: trajetórias de vida e formação**. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2010. 335 p. (Diálogos Intempestivos, 89)
- PASSEGGI, Maria da Conceição. **PIERRE BOURDIEU: DA “ILUSÃO” À “CONVERSÃO” AUTOBIOGRÁFICA**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 23, n. 41, p. 223-235, jan./jun. 2014.
- PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1980.



PINGO DE FORTALEZA. **Pérolas do centauro: 40 anos da música cearense, 30 anos da musicalidade de Pingo de Fortaleza (1972-2012) compositores e interpretes.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora e Associação Cultural Solidariedade de Arte (SOLAR)

ROGÉRIO, Pedro. **Pessoal do Ceará: formação de um campo e de um *habitus* musical na década de 1970.** 2006. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Fortaleza, 2006.

SILVA, Marilda da. ***Habitus* professoral e *habitus* estudantil: uma proposição acerca da formação de professores.** Educ. rev. vol.27 no.3 Belo Horizonte dez. 2011.

SOUSA, José Ednardo Costa (organizador). **Massafeira 30 anos.** Som, imagem, movimentos, gente. 1a 2d. Fortaleza, CE: Edições Musicais, 2010.

WACQUANT, Loïc. **Esclarecer o *habitus*.** EDUCAÇÃO & LINGUAGEM • ANO 10 • Nº 16 • 63-71, JUL.-DEZ. 2007. International Encyclopedia of Economic Sociology (Jens Beckert e Milan Zafirovski, eds.). London: Routledge, 2005, p. 315-319.

## SITES

ALVAREZ, Klaudia. Augusto Pontes - Personagem da cultura cearense. Data de publicação: 06 jun. 2008. Disponível em: <http://www.musicadoceara.blogspot.com/2008/06/augusto-pontes.html>. Acesso em: 10 mar. 2018.

CAVALCANTI, José Maria. Mucuripe. Qual delas? A canção contada. Data de publicação: 02 mai. 2017. Disponível em: <http://qualdelas.com.br/mucuripe-2/>. Acesso em: 12 mar. 2018.

HOFFMANN, Bruno. Inimigos não tinham chance com Augusto Pontes. Brasil - Almanaque de cultura popular. Histórias do Brasil. Data de publicação: 12 nov. 2017. Disponível em: <https://almanaquebrasil.com.br/.../inimigos-nao-tinham-chance-com-augusto-pontes/>. Acesso em: 10 mar. 2018.

IBIAPINA, Wilson. A morte do Augusto Pontes, o homem que brincava com as palavras. Foi-se o guru. Data de publicação: 05 jun. 2008. Disponível em: [http://www.casadoceara.org.br/index.php?arquivo=pages/blog/perfil\\_wilson/e0609.php](http://www.casadoceara.org.br/index.php?arquivo=pages/blog/perfil_wilson/e0609.php). Acesso em: 10 mar. 2018.

LOPES, Chico. Assessoria de imprensa do Deputado Federal Chico Lopes. Chico Lopes lamenta perda de Augusto Pontes, ex-secretário de Cultura do Ceará. Data de publicação: 15 mai. 2009. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/52788-1>. Acesso em: 10 mar. 2018.

PONTES, Augusto. O que é a cultura do cangaço? **FJ Repórter**. Data de publicação: 10 jul. 2017. Disponível em: <http://www.reporterfranciscojose.com.br/2016/07/augusto-pontes-disserta-acerca-da.html>. Acesso em: 10 mar. 2018.

SOARES, José Teodoro. Pontes em Sobral. **O Estado**, Fortaleza, Opinião. Data de publicação: 20 mai. 2009. Disponível em: <http://www.oestadoce.com.br/opiniaio/pontes-em-sobral>. Acesso em: 12 mar. 2018.

## APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA FEITA COM MICHEL BARROS

Transcrição de entrevista feita a Michel Barros pelo então mestrando Marcelo Kaczan Marques como pré-teste para sua pesquisa de Mestrado **Entrelaçando caminhos: Histórias de Vida dos Professores de Música em Fortaleza**. A mesma se encontra em anexo em seu trabalho, deixando no anonimato o entrevistado. A semelhança do relato com eventos descritos neste trabalho não são mera coincidência.

**Pergunta deflagradora:** Pesquisa histórias de vida de professores de música da cidade de Fortaleza. Para conhecê-lo melhor e sua realidade peço que narre sua experiência como professor de música considerando a importância da música em sua história de vida e para o currículo escolar, sobretudo no contexto das leis que trouxeram a reinserção das músicas nas escolas. Leve o tempo que quiser. Conte como quiser. Peço apenas que conte livremente o entrelaçar da música em sua vida. Não vou interrompê-lo, apenas avise quando terminar.

**Resposta:** Na minha família, pelo que eu recordo, eu não tenho assim nenhuma referência musical forte, eu sei que a gente ouvia muito rádio, a minha mãe ouvia muito rádio. Lembro que nas minhas primeiras séries da escola sempre ouvíamos rádio pela manhã, ouvia rádio no final da tarde. Eu lembro que quando eu era muito criança, que às vezes a gente dormia lá na minha avó. Eu lembro que o meu vô muito cedo às cinco da manhã nós éramos despertados de manhã por aquele cheiro de café e eu ouvindo rádio, um programa chamado Guajará no Varandão, tocava música dos anos 30, 40, regionais, muito violão, muitos bandolins, muito acordeon, flautas, muito Pixinguinha. Eu lembro dessas raízes melódicas do meu avô quando eu dormia lá na casa dele. Isso sempre me vem na memória, o cheiro do café e um programa muito famoso que tinha aqui em Fortaleza, Ceará: Guajará no Varandão. Mas assim, o meu contato com a música, especificamente, ela se deu a partir dos 14 anos de idade mais ou menos, entre 13 e 14 anos. Eu sempre fui assim muito religioso, ligado assim a Deus institucionalmente, muito cedo. Eu fui catequista com 11 anos idade fiz a primeira comunhão na igreja católica cedinho, acho que tinha uns 9, 10 anos idade. Eu sempre fui muito envolvido, as músicas sempre me atraíam muito. Eu lembro que nas reuniões de catequese a música era o que eu mais gostava. Já os LPs eram muito bonitos, o ambiente era muito agradável, eram sempre aos sábados pela manhã, e a sala, aquele monte de menino e menina, tudo da mesma idade, as cadeiras escolares antigas, muito velhas. Mas era um negócio muito aconchegante. Hoje eu avalio como sendo ruins, mas, de repente era até muito bom por que as cadeiras eram coletivas, sentavam de 2, 3 pessoas na mesma mesinha e era muito legal aquilo. E eu lembro que sempre a gente chegava e a recepção era música, umas músicas muito bonitas, sons só instrumentais, ou algo cantado, muito leve, e quando era pro fim também sempre tinha música, e eu lembro disso, desse período. E o que me marca é essa música lá. Nesse período, a partir dos 11 anos, eu me envolvi com grupos da igreja católica e achava muito interessante a parte musical era só com um violão e uma pandeirela e eu achava muito interessante aquilo, da forma que se 100 resolvia tudo, e aquela multidão de pessoas nas reuniões, todos animados por aquele violãozinho e aquela pandeirelinha, e o camarada lá se garantindo e tudo. Eu achava aquilo o máximo. A música sempre esteve presente na minha

vida. Eu não avaliava como sendo algo que fosse secundário, mas também não fazia a avaliação que fosse algo que me desse direção. Era um coadjuvante muito presente. Eu sei que um amigo meu ganhou do pai dele um violão. Mas esse violão que esse meu amigo ganhou foi fundamental, porque tinha um amigo nosso que tocava, e ele ensinou três acordes pra esse meu amigo e ele foi me mostrar o violão com esses ditos três acordes: um Ré, um Lá7 e um Mi menor. Muito legal aquele som do violão, o som muito perto assim dos meus ouvidos, assim natural. Era um som médio grave assim aveludado, sabe, nunca me esqueço desse negócio, aquilo ali me encantou, aí eu quis pegar nele, quis tocar nele entendeu. E desde então eu aprendi esses ditos três acordes: um Ré, um Lá7 e um Mi menor. E aí fui aprendendo só. Isso eu já tinha uns 14 anos. Sem falar que lá no lugar onde nós ouvíamos esses grupos, tinha uns grupos lá pelo Bonsucesso ali, tinha um grupo que tinha uma catequese, tinha um grupo de jovens, tinha essa parte musical, o amigo que sabia mais tocava. Esse meu amigo que tinha ganhado o violão levava também, ficava aprendendo na hora lá. Ai você vê essa questão de como é o aprendizado, tem muito a ver com o prazer de fazer aquela música, com a sua vontade de adquirir aquele capital ali. Porque lá, o músico que tocava não estava nem aí para as meninas, mas as meninas ficavam lá vidradas olhando para o sujeito tocar, e a gente queria aquilo ali. Porque as meninas ficavam olhando os meninos tocando, e nós queríamos aquilo também. Ai o meu amigo aprendendo lá e eu ficava naquela de querer também, porque pra nós era importante aquela hora, as meninas ficarem interessadas por aquele capital que tínhamos. Eu comecei de forma autodidata mesmo, não tinha internet, no rádio não ensinava ninguém, a gente adquiria aquelas revistinhas com músicas cifradas, ía no “pau” mesmo, ali tentando, no erro, e as impressões não saíam os acordes encima exatamente da letra. Isso era interessante porque ao ouvir a música percebia que ali não estava condizendo com o que tinha que ser. Ficávamos autônomos de certa forma em avaliar os compassos, as contagens dos tempos, as batidas, isso pra mim eu achei interessante. Sofríamos muito para pegar uma música, duas músicas, eu lembro que avaliávamos o quanto tocava pela quantidade de músicas que estava tocando. Então os meninos que estavam aprendendo diziam, e aí quantas músicas você já toca? 5! égua eu ainda toco só 3. Depois eu soube de um curso de violão e eu fui fazer com minha irmã mais nova que eu num CIES, um centro comunitário e tinha uma sala imensa, os violões todos pendurados nas paredes, eu achei aquilo incrível. Eu não tinha violão e nos matriculamos e o professor era um do cabelão, camisa colorida, aquele bem assim com o estereótipo de artista. Ele já era cantor, já tinha gravado uns negócios e era conhecido e dava aula lá. Como eu era esforçado eu via que ele ficava, de certa forma assim, se escorando um pouco, e eu ajudava os alunos a aprender também, botar o dedo direitinho no braço do violão. Eu estava aprendendo, mas acabava ensinando também. E por um momento eu avaliei, rapaz que sujeito escorão, em vez de ele dar aula aqui pra gente ele fica usando nós aqui. Mas hoje eu percebo o quão rico foi aquilo, porque eu estava vendo recentemente uma pirâmide, um quadrinho que demonstrava o nível de aprendizado das pessoas: quando elas leem o quanto que elas aprendem 5 por cento, 10 por cento, quando leem e falam ao mesmo tempo aí vai aumentando, vai aumentando. Eu sei que o último estágio que aprendemos mais é quando ensinamos. Então quando há essa troca também de passagem vamos notando que aprendemos mais, e nessa história eu acho que eu levei jeito de apoiar alguém a aprender

também um instrumento. Isso eu tinha 14 pra 15 anos. Eu saí porque era longe, era difícil a ida, não tinha quem nos levasse, então essas dificuldades todas. Saí mas continuei aprendendo, minha irmã desistiu e com o passar do tempo, era difícil, também o violão não tinha. Mas meu pai deu um jeito quando ele me viu treinando um dedilhado numa mesinha de sala de área que tínhamos lá em casa feita com aqueles tipo macarrão, a pessoa chama macarrão, aqueles cordões de plástico. Eu estava dedilhando ali bicho, treinando um dedilhado na mesinha, quando ele viu aquilo ali eu acho que ele chorou. Ele disse, meu filho você quer um violão. Eu disse quero pai, eu queria. Rapaz no outro dia ele apareceu com um Di giorgio. Um rapaz da outra rua estava vendendo. Não sei como ele soube. Eu sei que ele apareceu com um Di giorgio, o instrumento mais lindo e me deu. Eu sei que tinha na época, no interior também, tinha um violão por lá que um cavalo pisou, e o bicho era cheio de massa corrida, sei lá, alguém consertou com massa. Eu sei que eu matava meu verme nesse violão lá também quando íamos para o interior. A maior história. Mas o meu primeiro violão foi esse que o meu pai me deu, que era um Di giorgio, também com um som lindo, gostei de mais do som porque se assemelhava muito ao som do violão do meu amigo lá, esse médio grave aveludado, e foi isso. Entre os 15 e 17 foi a época de maior aprendizado, essa época do tempo livre, a gente estudava pela manhã, os amigos na calçada, eu lembro que era um período de muito Legião Urbana, e tinha muita gente envolvida, inclusive na rua lá de casa, um pessoal que tinha uma espécie de fã clube, tudo, era um pessoal com a idade bem mais avançada que nós, mas sempre ficavam antenado naquilo. E as músicas da Legião Urbana eram fáceis de tocar, interessante porque tinham uma harmonização assim meio impactante, com acordes de empréstimo modal. Eu não explicava desse jeito lá na época, mas eu sei que aquilo impactava exatamente por causa dessas peculiaridades. E muita música estrangeira também: Guns n' roses, nirvana. E é isso, jovens nessa idade entre 15 e 17 anos, meninas, namoradas na calçada, ficar, festinha na pracinha do João XXIII. Ali as festas do São João, e tudo isso era regado à violão, música, igreja, grupos de jovens. O violão era uma peça chave e agora 101 avaliando eu noto o quanto o violão esteve presente na minha juventude desde os 14 anos, estava sempre presente e nunca dediquei a ele uma diretriz com relação ao aprendizado. Simplesmente fui fazendo, fui tocando, fui me envolvendo. Quando eu terminei o ensino médio eu fui fazer História na UFC, e continuei com a música ainda mais de forma assim secundária. Terminei. Demorei um tempo, demorei uns dez anos para terminar, porque sempre trabalhei como professor de história, e paralelamente nas escolas se houvesse a possibilidade de ter uma oficina, algo de violão, eu é que estava lá engendrando esse negócio. E eu lembro que todas as escolas que eu lecionei desde a minha primeira escola, sempre havia atividades com música e eu estava lá com o violão, tanto nas comemorações, como também em oficinas. Usava na aula direto, dando exemplos com música, usava muito, ainda uso, mesmo em outras disciplinas como Filosofia e Sociologia, uso bastante, interessante os livros didáticos hoje trazem muito já isso, atreladas dentro do próprio livro, tudo. Mas não era muito comum, e eu lembro que isso era um diferencial também. Como eu sempre fui autodidata e fui levando a sério essa questão do aprendizado do instrumento, é tiro e queda das pessoas quando me veem tocando aqui, acolá e de repente pela experiência vai galgando outros degraus, assim outros níveis e tudo o pessoal vai perguntando rapaz você toca bem e tudo,

quanto é que você cobra pra ensinar. Então nessa história, eu acho que logo cedo, assim com uns dezoito anos eu já vi que dava pra dar aula de música, mas nunca na escola efetivamente assim, sempre tinha umas oficinas, mas não era assim oficial. Eu notei que tinham uns colegas, no decorrer dos 15 aos 17 anos, que estavam sempre comigo lá, que aprenderam comigo, e eu não tinha me lembrado disso, tinham dois amigos na rua que aprenderam a tocar comigo, e de repente me viram tocar e adquiriram um instrumento e eu não levei em consideração daquilo como aula, mas íamos junto e fazendo assim, foi indo, foi indo, e dois camaradas aprenderam assim. Depois que eu fui notar essa questão. Ainda como professor de história na escola. Eu lembro que no ano 2000 quando eu entrei na escola, no colégio Kerigma que é da fundação Batista. Lá eu fui ser professor de história, mas existia também uma parte musical efetiva no currículo escolar no contra turno, não era na chamada grade curricular, nome horrível, mas era no contra turno e eu também assumi essa parte como sendo o professor efetivo da musicalização, tinha uma professora de musicalização, professora muito interessada ensinava os meninos do fundamental I e no infantil, e eu fiquei com o fundamental II e ensino médio, o que tivesse de aluno pra essa parte musical eu assumi. Ai era musicalização. Tinha introdução à flauta, ah! havia esquecido, o meu primeiro instrumento musical de fato foi uma flauta, eu lembro que eu comprei como um brinquedo e comecei a pegar as músicas. Olha só, eu acho que tinha uns 12 pra 13 anos, um instrumento muito intuitivo que você começa a pegar as músicas de ouvido, vê que é fácil pegar as músicas numa certa tonalidade, e em outras é difícil porque as notas são mais complicadas em outras escalas diatônicas como a do Ré, que já tem sustenidos, Lá que tem sustenidos, Mi que tem quatro sustenidos. Eu vi essas dificuldades e isso aí me fez pensar nessas escalas, em tudo, e foi também um instrumento muito interessante pra mim. Inclusive hoje, também aqui na escola que eu leciono temos três oficinas por ano. Começa com uma de flauta, passa pra uma de violão e faz uma de teclado. Todos eles fizeram parte assim da minha vida, sendo que o principal foi o violão. E aí as aulas de violão na escola, oficiais, muita gente, muitos alunos. E lá também muitos alunos se tornaram profissionais, inclusive músicos. Têm uns alunos lá os irmãos Fares que um deles toca na igreja, a gente já se encontrou num evento tocando e ele falou: professor você lembra de mim! era ele tocando baixo. Interessante demais. Outros na igreja também durante este tempo todo. Com 15 anos eu fui me congrega na Assembleia de Deus. Eu me batizei na igreja Batista e tudo. Lá conheci a minha esposa, aos 17 fui para a Assembleia de Deus e lá também pra ser músico eu sofri um pouquinho, porque já tinham uns músicos lá no esquema, e aí como é que eu vou entrar nessa? Eu sei que nessa história eu já estava me preparando pra casar, fazendo minha casa. Aí eu entrei no Iguatemi, eu saí de uma escola que eu trabalhava, logo eu tinha uns 18 anos, 17 pra 18 anos, antes de entrar na universidade eu já ensinava numa escola. Ai quando passei na universidade, cursando e tudo, decidi me casar e saí dessa escola pra poder arrumar um emprego que ganhasse mais dinheiro e ai fui trabalhar no Iguatemi como vendedor. Eu sei que no meu primeiro salário adivinha o que foi eu que eu comprei? Um violão, um violão novo, um violão elétrico e tal, bonitão. No outro mês, o que foi que eu comprei? Uma guitarra. E essa história da guitarra foi que me levou a tocar na igreja evangélica Assembleia de Deus. E lá porque já tinha um esquema todo formado dos meninos e tudo, e não era assim vem tocar comigo, tá aqui um canal, bota aqui tua guitarra,

não é assim. Então os meninos ficam observando ali de longe, aquela história toda, aquele rapaz chegando da igreja batista, aquelas diferenças doutrinárias, e tudo, eles olham meio torto pra gente e tudo. E aí onde é que eu vou entrar nessa história. Eu entrei nas lacunas, nos espaços em branco, eu notei que os conjuntos musicais da igreja padeciam por falta de músicos nos ensaios e aí eu comecei a ir para os ensaios. Escutava as músicas, pegava as músicas, como estava só no ensaio pegava os arranjos de introdução, os meios, os finais, fazia transposições, fazia arranjo para tocar só, eu fazia tudo na guitarra, tocando sozinho, fazendo chord melody, tocava a harmonia junto com a melodia do que precisávamos. Isso era diferente lá, por que os meninos que tocavam em conjunto, um fazia um solo, outro fazia harmonia, outro tocava teclado, não sentiam a falta de fazer tudo junto, e como eu tocava só nos ensaios, sentia a falta disso e dava qualidade a isso fazendo chord 102 melody. E aí fui aparecendo. Nos cultos o conjunto aparecia, mas não tocava porque quem tinha ensaiado, o gordinho ali, chama ali o gordinho, aí eu ia com a minha guitarrinha e o cabo e botava. Já na primeira vez que aconteceu isso no culto aí já fiquei, já me integrei na banda, foi um tempo de muito aprendizado. Porque pra tocar em conjunto precisamos aprender algo e foi bem interessante essa parte. Nisso aí, quando eu saí do Iguatemi, retornei ao magistério, comecei de fato já como professor formado e sempre a música em paralelo. Dei aula em numa escola chamada CECRAN, que era um centro de cultura onde ensinavam artes plásticas, ensinavam música e tudo. Eu ensinava musicalização e violão, passei dois anos lá. Precisei sair do Kerigma e também fiquei dois anos mais ou menos assim vivendo de música, dando aulas particulares. A relação era sempre com o pessoal da igreja. Eu ia para as igrejas, me convidavam pra tocar, pra cantar. Os conjuntos quando viam um músico acompanhando sozinho um conjunto que visitávamos, sozinho acompanhando e fazia aquilo tudo num instrumento. Começou a chamar atenção, e o pessoal perguntava se eu não dava cursos, eu comecei a dar cursos nas igrejas e nessa história eu passei uns 2 anos dando cursos de violão. Aí era assim, o valor não era alto e as pessoas não tinham muito compromisso e tudo, e faltavam. Mas aqueles que realmente queriam, acabavam ficando. Às vezes eu dava um curso pra uma pessoa, aí ela se tornava o músico da congregação lá. Isso ainda é interessante porque mesmo começando com muita gente e terminando com um, mas o fruto ainda fica lá. A música foi ficando seria na minha vida e eu fui dedicando cada vez mais tempo a ela e sempre atrelando a ela a minha profissão de professor, ao professor de música também, passei um tempo sem lecionar, 6 anos, e retornei em 2013. Então, passei 6 anos, de 2007 a 2013 sem ensinar em escola. Eu trabalhei numa editora, trabalhando com publicidade, e sempre viajava, levava os instrumentos, tocava nas igrejas lá onde eu ia, não dava mais aulas assim, era raro, muito raro. Lembro que aconteceu um aluno, que era o que eu tinha tempo de dar essa aula pra ele, hoje ele faz educação física numa universidade e está quase se formando aí, mas ele é instrumentista, ele tem vários instrumentos. Eu acho muito parecido comigo na minha época, só que eu fui um professor pra ele já. Um rapaz que tinha problemas auditivos, que não escutava bem as músicas, se esforçou demais pra poder aprender a tocar, ele não ouvia direito ele não conseguia cantar, hoje ele canta e toca afinadíssimo. A música foi por onde ele se encontrou como sendo alguém de valor. Interessante isso pra esse rapaz. Onde ele me encontra ele para, se ele vai de carro ele para o carro e vai conversar comigo, quando ele

compra uma guitarra nova ele me chama pra dar uma olhada lá na casa dele, pra ver, pra fazer ajustes. Temos essa ligação ainda, um grande amigo. E acho interessante isso, olhando agora pra trás e olhando a quantidade de estudantes, aluno é uma palavra tão ruim, pejorativa a quantidade de pessoas com quem tive o contato do ensinar, do aprender juntos, que foram assim estudantes de verdade, mas de forma não institucional, de forma não oficial, de forma fora da escola, do espaço específico do aprendizado, e quão firme são esses aprendizados, e quão verdadeiros eles foram e se tornaram e modificaram a vida dessas pessoas. É um embate em que lutamos pela institucionalização para dar segurança a elas, mas ao mesmo tempo vemos que nem sempre precisa. E às vezes é até ruim. Hoje eu dou aula de música nessa escola, a minha lotação esta lá como professor de música também, tem outras lotações como professor de música. Vemos aí como não existe uma linearidade na história da gente. Eu tenho notado esta questão das trajetórias e o meu trabalho é com biografia. Quer dizer a história das pessoas assim não é linear, não só porque temos a memória seletiva, vamos lembrando do que a gente considera que seja relevante, importante, e tudo. A ausência de memória é uma avaliação que fazemos da importância dos eventos, das pessoas, assim. É interessante notar, não é desconexão, mas não é uma linearidade, não conta assim de forma linear. Conta uma experiência da frente, conta algo lá de trás, mas a trajetória da vida é assim mesmo. Quando eu entrei agora no concurso para professor do estado, fiz em 2013, eu passei como professor de história, a minha formação é como professor de história. Eu sou músico autodidata, a minha vida inteira eu lidei com música, assim da adolescência até essa minha idade 41 anos, mas não tenho assim oficialmente uma formação em música. Mas achei interessante o fato de que determinados trabalhos que realizamos, eu sou mais conhecido pela minha formação, que é “não formação” em música, do que na minha formação em História. Quando eu passei nesse concurso eu fui lotado nessa escola que eu estou também, mas numa outra escola que fica ali no Pici. A experiência lá foi muito legal. Tinha um projeto lá chamado “Rimando e Cantando”, que o pessoal do multimeios elaborou para incentivar a leitura a produção de textos. Enfim, a culminância desse projeto seria a apresentação que poderia ser musical também, já que boa parte da literatura estudada, muita dela foi musicada, e tudo. Então o projeto foi interessante porque o pessoal do multimeios queria formar um grupo vocal pra poder fazer “backs”, “back vocal” das apresentações que estavam pontuadas pra acontecer no final do projeto, na culminância. E esse pessoal que acabou sendo minha responsabilidade também, de fazer essas questões, virou um grupo vocal, um grupo coral, a gente dividia, chegou a dividir as vozes. Menino esse negócio deu tão certo que ficou legal, no projeto ficou legal, que a gente se estendeu, recebeu convites, fomos cantar duas vezes em eventos do Hemoce, uma vez no Deo Paseo, lá num evento da igreja católica lá da Messejana. Então, a gente teve uma agenda de lugares, foi muito interessante. O que chamava a atenção era a vivacidade dos jovens, dos estudantes, muita gente nova cantando músicas novas e não tão novas, mas de um jeito interessante, diferente, usando o corpo e eu acho que o diferencial desse grupo vocal foi isso, essa vivacidade, esse movimento dos 103 jovens, outra também que cantávamos músicas tanto em português quanto em inglês, em italiano, em espanhol, isso chama muita a atenção do pessoal e foi bem interessante. Lá eu dava também aulas de vilão. Só que lá não andava muito bem porque as pessoas tinham que levar os instrumentos, e nem



todo mundo tinha. Não caminhava muito bem porque a escola não tinha os meios materiais para que as aulas acontecessem. Também não tinha na grade curricular a música institucionalmente. Tinha artes, mas era aquele jeito que conhecemos, como tem se desenrolado nos últimos anos, tem artes plásticas, artes visuais, tem a música, mas dependendo da formação do profissional a disciplina de artes caminha mais pra determinado lado. E lá foi muito interessante esse projeto, mas não tinha a música assim. Enfim, foi muito marcante lá. A diretora dessa escola a qual eu estou agora conseguiu uma lotação de todas as minhas horas pra cá, resolveu me puxar todo pra cá. Nisso foi interessante porque ela viu a possibilidade. Ela me trouxe todo pra cá, não foi porque eu era um brilhante professor de história, foi também por causa da música. Por que ela vislumbrou uma possibilidade aqui de ter no currículo aqui, pelo menos do fundamental, dentro da grade curricular a música e é um diferencial. E se não me engano foi a primeira escola no estado que colocou a música no currículo oficialmente. Eu achei ótimo, achei muito bom, e nós vamos falar dessa experiência agora como professor de música durante esse tempo aqui na escola. Passamos por uma greve e uma das reivindicações era um projeto de lei do governo que fazia modificações no currículo do ensino médio, e uma delas fazia referência ao profissional chamado de notório saber. Hoje nós estamos falando no dia 10, mas foi dia 7, ou foi dia 8 agora, ela passou, já foi votada, foi aprovada e o texto diz que o notório saber está exclusivamente pra as disciplinas do técnico, daquela parte técnica, não é do acadêmico, menos ruim. Mas eu me sinto o professor do notório saber tomando o espaço do professor que é formado em música que deveria estar aqui na escola. Ao mesmo tempo, acho que a gente não deve se prender a essas histórias, é uma questão política pra a valorização do trabalho da docência, da formação do docente e tudo. Mas acho injusto também de uma pessoa que tem a trajetória de vida que tem a música como elemento fundante, e ela não poder, vamos dizer de forma oficial trabalhar com aquilo. Enfim são outras questões. Mas a minha experiência aqui como professor de música, aqui no fundamental. Eu tive turmas do 8º ano, 2 turmas de oitavo, 3 turmas de 9º ano, alunos que variavam de idades entre 13 e 18 anos. Tinham alguns alunos fora de faixa. Foi uma experiência assim interessantíssima, porque era diferente pra os alunos, pra os estudantes, de ter 1 aula na semana que fosse música, eu queria que fossem 3, 4. Mas tinha a música uma hora-aula por semana, mas aquela história, sempre esperada. \Os alunos perguntam, hoje tem aula de música? O que é que nós vamos ver hoje? O que é que a gente vai aprender hoje. Boa parte da turma, dependo do horário, por que se for sexto tempo a negada queria ir pra casa. Então tinha um 9º ano aí, o 9º C, que a turma tinha uns 30 alunos à tarde, mas como a aula era sempre uma 6ª aula de sexta-feira, imagina. 6, 5 alunos, eu já cheguei dar aula pra 2 alunos, o resto fugia, entendeu. Mas interessante, que dos que ficaram um estudante está me pedindo o violão todo dia aqui pra tocar na escola, sempre que eu estou a tarde aqui na escola ele está pedindo o violão e tá tocando já, e eu sei que é fruto disso. Ele veio de outra escola e quando chegou aqui se encantou pelo fato de os violões estarem disponíveis. Isso daí é um diferencial também. Aqui eu não sabia, quando eu iniciei, tinha aqui um armário com quase vinte violões, três teclados e um monte de instrumento de percussão. Por falar em percussão aqui a fanfarra da escola funciona muito bem, tem um sujeito que é fera demais que ensina aqui a fanfarra. Ele se garante, é um daqueles tipo o mestre da arte. No interior não tem os mestres da cultura,

eu acho que ele podia ser um, e se garante demais ensinando a percussão aqui. Faz sucesso, eles são chamados por outras escolas, a banda daqui, a banda marcial, politicamente é uma coisa horrenda porque nos remete a um tempo horrível, mas musicalmente, e é isso que interessa aqui aos alunos que participam, eles não têm nenhuma intenção política de retornar a um regime como aquele, eles também nem lembram disso, não viveram aquilo, graças a Deus. Mas tem sido interessante pra eles. Tem sido inclusive um instrumento de resgate pra muitos que estavam envolvidos com drogas e tudo, e vemos que bom a música os trouxe de volta viu. Mas eu tinha esses instrumentos todos, mas que eram trancados aí. Não tinha uma sala de música. Nós estamos fazendo essa entrevista numa sala que era chamada sala de vídeo, e os instrumentos estavam todos aqui, e eu passei a dar minhas aulas de música aqui também. Tem uma bateria completa, têm estantes, tem 1 computador à disposição, TV, vários instrumentos de percussão, temos violões, 19 violões, 1 cavaquinho que eu afinei como ukulele, por causa da moda do ukulele, tem sempre alguém tocando ali, um violão canhoto e algumas flautas. Apesar de todo esse material eu decidi começar com a flauta pela verificação da minha experiência com a flauta como foi. Eu montei a estrutura curricular pra esse ano assim. A gente começando com flauta, fazendo violão e depois teclado. Deu certo a flauta e o violão. E paralelamente a isso a percussão. Descobrimos aqui ótimos percussionistas, por que sempre nas aulas precisávamos de uma marcação, nem que fosse de metrônomo o estudante estava trabalhando ali na bateria, de metrônomo, pa,pu,pa,pu,pa.. Descobri alguns bateristas, um pessoal que não tocava mas via uma facilidade tremenda, aquela estória do Gardner das inteligências múltiplas, ele se descobriu nessa daí e realmente pode apostar que vai dar muito bem. Não eram oficinas, não eram aulas de percussão, mas eu acabava ensinando a tocar alguma música, como fazer um ritmo, como é que vai a marcação e tudo. Eu decidi fazer esse primeiro contato já com os instrumentos, 104 experimentando a música, ouvindo, fazendo jogos mais práticos de ritmo, sabe, de reconhecimento de notas, escutar as escalas, fazia tudo isso com o violão de base. Vendo a percepção musical de cada um, os gostos musicais. Fornecendo à classe outros estilos pra que eles escutassem também, então tem muita gente aí que aprendeu a gostar de outros ritmos, porque só ouvia funk, só funk, só funk, mas agora tem ouvido pra outros estilos musicais, também, ele pode continuar gostando de funk, mas ele precisa experimentar outros, também. Nesse primeiro contato não tínhamos flautas suficientes, eu comprei as flautas e conversei com as turmas se elas aceitavam pagar três reais na flauta, e aí foi o preço que consegui, comprei as flautas, todas as turmas concordaram apesar de, acho que 10% de todas as turmas me pagaram, mas não tem problema, eu fiquei com o ônus das flautas, mas as que levaram, levaram, e eu fiquei, resguardei ali 36 flautas para servir de turma, flautas para turma. Sempre que um não trazia eu tinha sempre a flauta ali pra poder usar, e depois das aulas tem essa história de lavar os bocais, pra guardar tudo. Então, mas é pouco, então, vale a pena o trabalho. Alguns alunos se dedicaram mais a flauta. Eu acho que eu conto nas turmas talvez 10%, em uma turma de 30 pessoas, talvez uns dois ou três ficaram com a flauta como um instrumento mesmo. Eu lembro que nos 9º anos têm um menino, tem mais duas meninas que eu não estou recordando aqui o nome, que decidiram ficar mesmo com a flauta, aprendendo, tocando. Outros tinham esse instrumento em casa como um brinquedo e passaram a levar um pouco mais à sério. Então assim o que eu tenho notado em

quantificação, em números, é que parece que gira em torno de 10% da turma, de um aproveitamento no sentido da continuidade daquilo, como algo mais sério, entendeu, de aceitação da turma é muito bom, a aceitação da turma é sempre muito bom, mas que vai levar realmente a sério, até agora eu tenho quantificado 10% por turma, é um número que eu tenho verificado, espero que se amplie, que se aumente. A Orquestra-Escola do Ceará, que é um projeto da Universidade Federal com a SEDUC, da qual comecei a fazer parte a um ano atrás, um ano e pouco atrás, ela também foi importante, porque criou um elo de funcionalidade pras aulas, eu trazia as músicas do repertório da orquestra. E como eram músicas do Ceará, também despertou a curiosidade pra saber de outras músicas. É interessante assim, que independente de dizer de onde seja, quando os estudantes se apaixonam por alguma música. Tinha uma música a Flor de Maracujá, de um acreano, é um consenso, todo mundo ama, todo mundo gosta, inclusive quando a orquestra veio aqui pra escola, muita gente conhecia o repertório, isso foi muito bom. Terral, Asa Branca, enfim, outras músicas do repertório da Orquestra Escola foram importantes pra dar um Sul, pra não dizer o Norte, vamos usar aí o Boaventura e dizer que é o Sul, deu um Sul pra o nosso estudo. Nisso aí passamos um tempo na flauta, veio o violão. Dos 19 violões que temos aqui uns 10, 11 utilizamos, o restante pedi cordas desde o início do ano mas temos a dificuldade em ter o material, Às vezes assim nem é difícil, é burocrático, o fornecedor que ganhou a licitação pra poder fornecer as coisas, recebe e não dá o material, fica maçando, sabe, é difícil, muda pra outro, o fornecedor consegue, e tudo mas, ou seja, o ano está acabando, o ano letivo e não tive cordas, não tive. Se eu não faço aquele lance das flautas eu também não vou ter as flautas, porque demora. Então, ou fazemos ou não acontece, isso é uma crítica. E não é por falta de convivência com pessoal, está todo mundo muito bem articulado, mas é porque é maçante mesmo, o negócio demora mesmo, é moroso mesmo, então, é horrível isso. Fontes para os teclados estavam todas queimadas. Os teclados eu verifiquei, todos funcionando por que eu coloquei pilhas. Trabalhamos esse ano só com flautas, violões e a bateria, e algumas percussões adendas aqui, triângulo... Todo mundo pergunta pelas aulas de música, acho que entrou pra ficar. É interessante por que os alunos, têm aqueles preconceitos dos estudantes, vamos pra aula de música pra ouvir música! vamos pra aula de música pra ouvir o que gostamos! porque queremos! ah! essa música eu acho feia! eu não gosto dessa música! aí não quer participar. Então assim, temos que estar sempre colocando aquela questão da ordem, de classe, da cultura escolar. Não é assim algo muito amarrado, mas temos que ter o mínimo de institucionalidade, da cultura escolar pra poder dá uma segurada também nisso. Imagine você com vinte e tantos alunos numa sala, se formos ter que ouvir a música que cada um gosta, ou ter que aprender uma música dele. E se fosse colocar na fila, mesmo que todos concordassem, quando o último iria aprender com a turma a sua música. Sempre coloquei isso, gente estamos aqui aprendendo música, estudando música pra aprender tanto a técnica, como a fricção da música, a percepção musical, verificar os tipos, ter uma noção de ritmos, ter a noção de escalas, ter a noção de tipos, de timbres, de variação de instrumentos. E você aprende a técnica, aprende a música, aprende a literatura musical pra você poder tocar o que você quiser com o tipo de música que você quiser. Isso aí muitos pegaram. Além das aulas de música que era uma hora, é muito pouco, sentimos a necessidade, vi um espaço de horários na sexta-feira, sexta-feira de manhã vinha o pessoal da tarde, sexta à

tarde vinha o pessoal da manhã pra oficina de violão. Passávamos aqui 2 horas, bem mais tempo, e aprendíamos a técnica do violão aplicada, aprendia mesmo a música, a notação musical. Terminamos agora o curso com quatro alunos que já estavam lendo peças de semibreves, de mínima, de semínima, de colcheia, até colcheia eles já estavam lendo legal. Sem parar, sem errar, com as pausas. Então, isso aí também é interessante, vemos que aconteceu. E tem aquele pessoal que é muito prático, aquele pessoal que não quer aquilo ali agora, quando for no futuro ele vai ver que vai precisar daquilo. Mas aquele pessoal que é muito prático e me ajudou bastante nas oficinas pela praticidade que eles já tinham de eles aprenderem juntos. Fazíamos a primeira parte da aula teórica que era pra todo mundo, passava a parte 105 teórica também para o pessoal que já estava mais adiantado e aí dávamos o tempo para o pessoal tocar, treinar, fazer, realizar. Não precisa pedir, fatalmente todos eles vão se fazer em grupos, eu notei isso, eu tirei fotos pra mostrar que eles se agrupam naturalmente, por interesse, por áreas de interesse, por áreas de dificuldade. Os estudantes que já estão mais adiantados ajudam com destreza. A linguagem que eu uso pra minha parte da aula não é a linguagem que ele como estudante usa pra poder ensinar, mais eu vejo que às vezes é muito mais frutífero o jeito que ele faz. Então eu acho isso interessantíssimo. Eu vi aí a aprendizagem cooperativa, vi que o coletivo é importantíssimo para o desenvolvimento do individual, vi que pessoas que não eram integradas de jeito nenhum. Tem a história de um menino do 9º ano tarde, ele tem um laudo de retardo, ele não conversa muito, ele tem pouquíssimos amigos, ele tem uns dois companheiros na sala, mais ou menos, mas é muito esforçado, ele estuda bastante, e a maior nota da última prova de história foi a dele, e a anterior também. Ele fechou os bimestres com 10, 9, 10 e 10, em história viu mestre. Então o estudante é muito fera e ele é laudado com retardo, tu acredita nisso! Na aula de música e ele não se integra direito porque tem muita gente. Mas quando eu conversei com ele particularmente o rapaz conhece de tudo: Fagner, conhece Belchior, conhece Zé Ramalho, conhece Fábio Júnior, Amado Batista, Waldik Soriano, o menino é eclético demais, ele escuta de tudo e conhece as letras. O último instrumento que ele comprou agora que a mãe dele comprou pra ele, que ele pediu, foi uma gaita. E ele está aprendendo também a tocar gaita. Eu acho isso aí tremendo, eu tenho certeza que aquele menino tem um futuro como músico. Tem coisa que não descobrimos na sala, que você descobre na relação extra sala, como é importante a pessoa se integrar assim, é aí que vemos que de verdade, de verdade. Burs Skinner que disse que a educação é aquilo que fica quando você esquece de tudo o que aprendeu na escola. É uma frase interessante, mas não é totalmente verdade. Mas é uma coisa interessante pra gente notar o quanto essas áreas não institucionais, essas horas não curriculares, as horas que não estão na obrigatoriedade de um horário de ser cumprido, elas são importantes pra gente notar o que de verdade elas são, às vezes são mais do que as outras, são mais do que estas que são institucionais, são mais do que essas que são obrigatórias pela hora. Aquela hora da espera, de uma aula pra outra, esperar o resto da turma, de repente o estudante senta ali na bateria e faz uma marmota, ele pensa que eu não estou ouvindo, ele pensa que eu não estou observando, ele pega num instrumento despretensiosamente, então nessas horas do despretensiosamente eu notei muitas experiências boas, nessas horas do despretensiosamente. Vai chegando aí, o resto da turma está vindo aí. Pois tá bom. Pronto.

Enquanto eu esperava. Mas enquanto eu engomo a calça eu vou lhe contar... É essa historinha aí que acontece nessas entrelinhas. Eu notei que esses espaços são às vezes mais importantes do que os espaços curriculares. Essa hora da espera. Porque que eu decidi disponibilizar os violões, os violões trancados na sala, trancados no armário, eu vou deixar isso ali e o aluno que quiser pegar numa hora que se justifique como livre para ele, ele pode vir aqui pegar o violão. Agora institucionalizamos uma listinha porque sumiram dois e não apareceram mais, então aí foi necessário institucionalizar uma lista. Mas durante todo o semestre, esse segundo semestre, ocorreu de maneira normal, agora semana passada sumiram os dois. Mas estava caminhando tudo bem. Então eu achei isso interessante porque esses espaços ali, quando eu vejo um aluno com o outro, um estudante com o outro, um com um violão outro também aprendendo com outro, é aquilo de verdade que está acontecendo a aprendizagem ali. Eu posso dar um apoio, uma orientação, dar um sul pra ele seguir, mas eu tiro por mim, o que acontece de verdade, o que ele vai lembrar é daquela hora que, sei lá, a menina passou e olhou pra ele enquanto ele estava ali, aquilo e que vai marcar, aquilo é que ficou. Sinceramente eu não lembro qual foi a aula que o professor, quando eu fui pra aquele curso ali no centro comunitário, eu não me lembro qual foi folhinha que ele me deu, o que foi que ele me ensinou, mas eu lembro de muito de quando ficávamos nas calçadas, eu lembro de muita coisa quando estávamos no centro comunitário do Bonsucesso. Eu lembro dos aprendizados lá, e eram despretensiosos. O Sérgio Buarque de Holanda, no livro Raízes do Brasil, ele conta dessa “despretensiosidade” brasileira herdada talvez por um senso português, avalia a colonização, uns veem de uma forma positiva outros veem de uma forma negativa. O que é fato é que ela acontece aqui, parece que nós damos muito valor a essas coisas que não são oficiais, nós damos muito valor a elas, não sei, eu não sei explicar, eu também não vou entrar em detalhes na tentativa da explicação deste fato sociológico brasileiro, mas que ele acontece, ele acontece. O que é importante é que a gente note isso e deixe acontecer. Porque o aprendizado acontece muito e mais nesses momentos despretensiosos do prazer. Na verdade devia ser assim. Olha, essa sala está pronta, as carteiras estão todas enfileiradas, esse é um formato horrível de sala de aula, não existe isso, o formato de sala é aquele ali, de círculo, de mesas em círculo, em semicírculo, de pessoas perto umas das outras, ajudando umas às outras, tendo liberdade de atuação, tendo os prazos estabelecidos para serem cumpridos, ele tendo a responsabilidade de gerenciar o seu tempo, a forma como ele vai fazer aquilo e tudo se realiza da melhor forma possível. A minha experiência como professor de música foi enriquecedora demais pra mim, eu tenho certeza que foi interessante para os estudantes, que foi uma experiência nova, que há o que se mexer, eu sei exatamente o que não vou fazer nesse próximo ano, eu sei exatamente o que eu não vou fazer na aula de música, vai ser diferente, 106 alguns elementos vão ser diferentes, e esse dinamismo tem que acontecer sempre, pra mim foi um aprendizado também porque a gente também estuda mais, uma pergunta que um estudante faz e você não sabe responder na hora, não sabe demonstrar na hora, e também acabamos tendo que estudar mais pra não ficar numa dessa, de ficar sem resposta, de um nome de acorde, de o aluno não compreender porque que ele pode ter mais de um nome, e aí você está sabendo que está explicando, mas o estudante não está entendendo, então tem alguma coisa errada, então tem que explicar de novo de uma outra forma, não é repetir a informação, tem que fazer de novo

de outro jeito que é pra compreender. Isto são incentivos também pra gente Senti falta de espaços na escola que pudéssemos aproveitar os meninos. Apesar de a gestão pedir esses espaços não tinham objetivamente como acontecerem, não tinha como disponibilizar lugar pra ensaio, os alunos caminhando por aí ou no pátio são vistos como não estão fazendo nada, estão vagabundando, de fato estão trabalhando também. Verificamos uma coisa muito positiva principalmente nessa relação do estudo com a música aqui na escola foi a realização de um projeto que aqui que era um projeto super fechado no formato, os trabalhos científicos tinham que ter a ABNT, era um negócio surreal sabe, a avaliação era muito maçante e os alunos, eles não eram principal, o saber de certa forma era o ator principal e o aluno era só coadjuvante. Eu disse vamos refazer isso. Eu acho interessante porque pessoas, não é assim puxando a sardinha para a minha brasa, mas pessoas que tem a sensibilidade artística e musical também, elas são mais abertas para mudanças, para a reestruturação, pra fazer pelo prazer também, pelo achar bom, pelo ser prazeroso, por ser interessante. Então eu trouxe pra mim a responsabilidade de refazer o edital dessa mostra cultural e científica, e reescrevi, enxuguei o máximo possível e coloquei tudo nas mãos dos alunos pra fazer, dos estudantes. E o resultado foi uma experiência impressionantemente, na avaliação de todos os professores, na avaliação de todos os estudantes, foi infinitamente melhor do que as outras que foram passadas. Tivemos uma perca porque o período da greve nos cortou um tempo de realização, e o que faríamos em dois meses tivemos que fazer em duas semanas, mas mesmo assim foi bom, você imagina se tivesse sido com dois meses a escola tinha se revolucionado aqui em junção com a comunidade e tudo. Os professores que mais se destacaram na ajuda, na execução, na avaliação foram os professores de artes a professora artes. As professoras de Literatura fizeram assim, concomitantemente no multimeios, tivemos uma reunião na semana passada para premiar os alunos que participaram desse projeto, que mais leram livro na biblioteca, que mais pegaram livros, e também que produziram textos para poder expor, e durante o ano todinho foi exposto. Nós descobrimos vários escritores. Aqui dois alunos participaram esse ano, mas já participaram ano passado de um projeto do Jornal o Povo do Demócrito Rocha que e eles publicam e sai nas colunas do domingo, e os alunos daqui publicaram, dois alunos. Porque que eu estou citando esta parte da importância da leitura, da literatura, desses projetos que acontecem pra gente se integrar neles, porque eu estava lá parabenizando os meninos e vi que tinham lá dois dos meus alunos de violão que não são meus alunos do currículo, e também não são meus alunos da música porque eles fazem o 2º ano da tarde e não tem nada a ver , mas eles estavam lá um deles com o violão na mão pra tocar lá, dos outros que tinham, dos outros 8 alunos, 4 eram meus alunos da oficina, e um deles era aluno mesmo do currículo do 9º ano, de música. Quer dizer na prática 80% que estava ali tinham a ver com o que tínhamos trabalhado aqui o ano todinho com música. Estavam lá sendo premiados com outra coisa. Então é interessante isso. A escola tem que se abrir mais pra isso. Eu não quero perder meu lugar aqui, eu não queria, mas realmente aquela história do notório saber, eu me sinto assim pouco à vontade por não ter uma formação em música. Ao mesmo tempo me sinto assim orgulhoso, de poder estar, e as pessoas confiarem, a gestão confiar um projeto de música na minha mão. Eu creio que é o que eu mais gosto de fazer é tocar. Eu gosto. E a música pra mim tem sido uma maravilha. Uma maravilha. Apesar de não ter dado

reconhecimento a ela que eu devia ter dado a mais tempo no que diz respeito a institucionalizar o meu trabalho que eu faço agora, mas eu noto o quanto ela foi importante mesmo sem eu perceber, hoje eu me vejo músico mais que historiador. E agradeço também o fato de ter entrado nesse mestrado que eu estou fazendo aqui na educação. Contato com amigos que foram fundamentais nessa entrada, o convite, o convite do Marcelo Kaczan. Outro amigo de outra escola, o Robson que faz doutorado lá na mesma instituição, no mesmo programa no PPGE, ele disse vamos lá e tal, mas assim, enquanto eu estava lá na escola que ele lecionava também eu não fui, mas o pouco contato que eu tive com o Marcelo Kaczan eu acabei indo porque a ligação era também musical. E vi que tinha tudo a ver. A minha trajetória de vida tem tudo a ver com o que eu estou fazendo agora. As pessoas com quem eu tenho me relacionado nesse período de um ano, um ano e pouco, aqui da escola, o Marcelo, o pessoal da orquestra, o professor Pedro, professor Henrique, professor Botelho, as pessoas da Orquestra-Escola, Izaira Silvino em intervenções geniais que ficamos lembrando das intervenções geniais, Didi Moraes, o maestro Ellismário. São pessoas assim que penso puxa vida, porque não nos conhecemos antes! Mas tudo tem o seu propósito, no tempo, não sou dos que pensam mais ou menos desse jeito, mas eu creio que tudo tem sua hora, nada se perde, não se perde, nós aprendemos em todos os momentos e eu creio que seja isso.

## **APÊNDICE B – SOBRE A ORQUESTRA ESCOLA DO CEARÁ.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC INSTITUTO DE CULTURA E ARTE - ICA. CURSO DE MÚSICA. PROJETO DE EXTENSÃO CASA DA MÚSICA DO CEARÁ ORQUESTRA ESCOLA DE MÚSICA POPULAR DO CEARÁ - OEMPC

### RELEASE

A Orquestra Escola de Música Popular do Ceará é mantida pela parceria entre a Secretaria de Educação do Estado do Ceará - SEDUC e a Universidade Federal do Ceará - UFC. É Coordenada pelos Professores Ellis Mário Pereira (Professor de Artes da SEDUC, Aluno do Mestrado Profissional em Artes da UFC, Regente e Arranjador da Orquestra), Pedro Rogério (Professor Dr. do Curso de Música da UFC, Coordenador do Mestrado Profissional em Artes, Violonista da Orquestra) e Izaira Silvino (Professora Ms, Aposentada e Professora Voluntária da UFC, Regente do Coral da ADUFC, Bandolinista da Orquestra).

### UM POUCO DO COMEÇO

A UFC inaugurou em 22 de novembro de 2015 (Dia da Música) a “Casa da Música do Ceará”, localizada em uma Sala da Casa de José de Alencar, com um acervo sobre a Música Cearense; uma Exposição de Painéis Sonoros (montado com materiais reciclados, pelo Luthier, Percussionista e Contador de Histórias, Marcos Melo) e uma Exposição de Fotografias sobre os Maracatus de Fortaleza (acervo fotográfico cedido pelo compositor Pingo de Fortaleza, da Associação Cultural Solidariedade e Arte – SOLAR). A Casa da Música é uma Atividade de Extensão do Curso de Licenciatura em Música, diretamente ligada à Disciplina “História da Música Cearense”. Além das Exposições e do Acervo, na Festa de Inauguração foi lançado o CD “Plural”, do Poeta, Radialista e Professor Dr. Henrique Beltrão.

Após a abertura da Casa da Música do Ceará um grupo de professores, artistas e pesquisadores reuniram-se para traçar os Planos e Programas de Ação para o espaço recém-inaugurado. Foi desta reunião que surgiu a ideia de criação da Orquestra Escola de Música Popular do Ceará - OEMPC (que remonta ao Projeto de criação da “Ópera Nordestina” e de escola que cuidasse da formação dos músicos deste Projeto, idealizado pelo Cantor Cearense Paulo Abel do Nascimento e que contou com o apoio de Izaira Silvino, então Regente do Coral da Universidade. Projeto da década de oitenta, teve como fruto, para além da iniciação à vida musical de muitos dos atuais regentes e professores da UFC, a Ópera “Moacir das Sete Mortes ou a Vida Desinfeliz de um Cabra da Peste”, dos artistas Oswald Barroso, Eugênio Leandro e Tarcísio José de Lima, que teve Libreto publicada pelas Edições UFC).



## PLANOS E FAZERES DA OEMPC

A OEMPC iniciou sua História no dia 07 de janeiro de 2016, no Auditório da Casa José de Alencar. Todas as quintas feiras de 15:00 as 17:00. A partir do mês de fevereiro passou a ensaiar, também ,na Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno, às segundas-feiras, mantendo o mesmo horário. A Orquestra mantém Oficinas de Instrumentos para seus integrantes, em horários extras, quando naipes ou pequenos grupos são orientados pelo Regente Ellis Mário Pereira. A OEMPC estreou no dia 08 de abril de 2016, no Auditório da Faculdade de Educação –FACED/UFC, com casa lotada. Algumas pessoas não conseguiram entrar para assistir ao Concerto.

Este dado motivou, imediatamente, nova Apresentação, do mesmo Recital “JANELA ABERTA”, no Auditório da Associação dos Docentes da UFC (ADUFC), marcada para o dia 18 de abril (segunda-feira) as 19:00.

O primeiro Convite honroso para Apresentação da OEMPC partiu da Equipe de Organização da Conferência Internacional “Saberes para uma Cidadania Planetária”. A Orquestra abrirá a Programação de Abertura do Evento que terá como ponto máximo a Palestra do Filósofo e Sociólogo Edgar Morin, na data de 24 de maio de 2016.

### OBJETIVO PRIMEIRO

A OEMPC tem por objetivo ser um Centro de Formação de Professores de Música da Escola Pública Estadual do Ceará, a partir da experiência de participar e/ou montar uma Orquestra na escola.

### CONCRETIZANDO O OBJETIVO

Dentre os integrantes da Orquestra estão três professores da Rede Estadual (Michel Barros, Marcelo Kaczan e Luiz Gonzaga Vieira). Já está em plena ação um Projeto Piloto, desenvolvido pelo professor Michel Barros, em sua escola.

Está programada para o dia 10 de maio a Apresentação de um Recital, especialmente oferecido aos professores da Rede Estadual, que trabalham com Música nas escolas. A apresentação ocorrerá no Auditório da EEEP Jaime Alencar de Oliveira. Com esta apresentação, a OEMPC dará visibilidade ao seu trabalho junto aos professores e convidá-los-á a participar dos trabalhos (chamados de “Formações”). Na continuidade, cada professor formará em sua escola uma extensão da OEMPC e, dentro de cronograma organizado com a SEDUC, as Orquestras e Grupos das Escolas terão apresentações conjuntas com a OEMPC.

## INOVAÇÃO

A OEMPC inova desde o primeiro convite que fez a todos os interessados, através das redes sociais, onde colocou como chamamento a frase: “Venha e traga seu instrumento” (violino, bandolim, clarinete, berimbau, voz, saxofone, etc). Esse convite formou, até o momento, um grupo de 41 integrantes com flautas transversais, flautas-doces, clarinetes, saxofone, violinos, sanfona, violoncelo, bandolim, baixolão, ukulele, violões, percussão e vozes. Na Orquestra, tanto as idades como a formação dos participantes formam uma variedade. Há criança de 08 anos e adultos de 71 anos de idade; Há jovens estudantes (de ensino fundamental, médio e superior) conviventes com mestres e doutores. Há recém iniciantes no mercado de trabalho e há trabalhadores aposentados. Assim, a OEMPC tem como marca a diversidade de instrumentos, de gerações e de ritmos. Sem deixar de considerar composições de autores de outros estados do Brasil e, até, internacionais, a OEMPC dá ênfase e dedica-se, prioritariamente, à interpretação, em sua programação, da Música Cearense e, neste mister, mantém articulações com o ensino (graduação e pós graduação) e as pesquisas desenvolvidas na UFC, sobre esse tema.

Em anexo enviamos o programa de Estréia do Recital “Janela Aberta”, que, também, apresenta os integrantes, seus instrumentos, o repertório desenvolvido pela Orquestra e seus primeiros apoiadores.

## SOBRE A DIREÇÃO DA ORQUESTRA

PEDRO ROGÉRIO Professor da Universidade Federal do Ceará - UFC. Doutor em Educação / Linha Currículo / Eixo Educação Musical pela UFC (2011). Mestre em Educação pela UFC (2006). Graduado em Música - Licenciatura - pela Universidade Estadual do Ceará (2000) . Atua como avaliador e parecerista em eventos acadêmicos e científicos. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Currículo, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Musical, Formação de Professores, Currículo, Sociologia da Arte e EAD. Coordenador do Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES/UFC; Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC; Coordenador da Linha de Pesquisa Educação, Currículo e Ensino do Programa de Pós Graduação em Educação da UFC; Professor do Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES, Coordenador do Grupo de Pesquisa e Estudos da Música Cearense - GRUPECE e do Laboratório de Epistemologia da Música da UFC. Professor Adjunto III do Curso de Música - Licenciatura - da UFC. Representante no Ceará da Associação Brasileira de Educação Musical - ABEM.

CONTATOS: Pedro Rogério (85) 98658-0946 / pedromusica@yahoo.com.br

ELISMÁRIO PEREIRA

CONTATOS:

IZAIRA SILVINO Professora Aposentada da FACED-UFC (desde 1996), Professora Voluntária da UFC (desde de 2012). Mestre em Educação, Especialista em Música do Século XX, Compositora, Arranjadora, Regente de Coro, Violinista e Bandolinista, Poetisa e Escritora.

CONTATOS Izaira Silvino [izaira\\_silvino@yahoo.com.br](mailto:izaira_silvino@yahoo.com.br)

**APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO – OS CEARENSES - AUGUSTO PONTES**

Os Cearenses - Fundação Demócrito Rocha

Publicado em 11 de dez de 2016

**Fausto Nilo**

Eu conheci o Augusto num programa de auditório.

00:38

mas eu não fiquei amigo dele eu era

00:40

mais jovem do que ele. Ele já era um rapaz

00:43

Por sinal belíssimo usava uns paletós

00:48

tweed assim com muito bom gosto, a cabeleira tipo

00:52

Anos 50 com aquela trunfinha e ele era

00:56

notável nesses programas de auditório,

00:58

que ele respondia àquelas perguntas de

01:00

Almanaque: afluentes da margem direita do

01:03

rio Amazonas, ele tudo isso ele respondia

01:05

e aquilo tinha os prêmios de cigarro

01:09

globo um pacote às vezes dez cruzeiros às vezes

01:14

Umás coisas assim e ele arrebatava todos

01:16

os prêmios era notável isso e ele ia

01:19

pra minha sala de aula na faculdade ele

01:22

era aluno igual aos outros sem ser aluno

01:23

ele ...eu ia fazer aqueles trabalhos na

01:26

faculdade de madrugada ele ia com o Rodger

01:29

Eu fiquei amigo dos dois eu, ele e o Rodger. E

01:32

andávamos a essa cidade toda a pé muitas

01:34

vezes viemos da beira mar de madrugada e

01:37

O dia amanhecendo a pé até a praça José de

01:40

alencar

01:40

aí pega lá o ônibus e íamos dormir

01:43

lá no fim de semana na faculdade e ele

01:47

compartilhava com a gente isso aí embora

01:50

tivesse o hábito de dormir na casa da

01:52

mãe dele lá no no campo do pio eles

01:55

selecionava quem ele queria na mesa ele tinha

01:57

métodos bem eficientes de fazer isso né

02:00

o mais famoso era aquele grito que ele

02:02

dava no bar né quando a mesa cresce a

02:04

cultura desaparece quando chegava muita

02:06

gente que não era da turma e na

02:08

faculdade era um centro convergente por

02:11

isso que ele gostava de ir pra lá e

02:13

apareciam uns jovens que tocavam violão que

02:16

faziam música eu nunca tinha conhecido

02:18

ninguém que dissesse olha essa música

02:20  
é a minha então começou aquela aquilo  
02:22  
que o pessoal chama pessoal do ceará  
02:23  
começou um pouco ali e tudo tem a ver  
02:25  
com ele porque ele é que provocava ele  
02:28  
era o cara que que dinamizava aquele  
02:31  
cotidiano pra gente  
02:33  
ele gritava no bar assim a vida é boa dava  
02:35  
um grito bem alto  
02:36  
Aí todo mundo olhava pra ele aí ele dizia: mas é  
02:38  
Cara! adorava essas performances  
02:42  
dele ele tinha isso também ele dizia  
02:44  
que você era bom sabe quando ele gostava  
02:46  
ele dizia vai que...ah, mas tu é que... ele  
02:50  
fazia coisas absurdas se a pessoa não  
02:52  
tivesse juízo às vezes podia também  
02:55  
tropeçar e acho que isso influiu muito  
02:58  
no chamado Pessoal do Ceará  
03:00  
eles saíram todos daqui com essa corda  
03:04  
Que o Augusto dava de que vocês são  
03:06  
melhores e vão arrazar você é melhor do que  
03:09  
Caetano, você é melhor do que ...Gilberto Gil,

03:11  
 que nada ...você...entendeu? ele... e gostava muito  
 03:14  
 de demolir mitos né e conseguia pelo  
 03:21  
 ridículo que ele criava assim em torno da  
 03:24  
 pessoa e que era impossível você não  
 03:26  
 não se contagiar com aquilo embora  
 03:29  
 sabendo que eram... que ele tava forçando a  
 03:31  
 barra era um gênio nisso aí . Um gênio.  
 03:40

03:46

#### **ABERTURA - Música**

#### **Francis Valle:**

ele era um cara de televisão ele era um  
 08:45  
 cara de rádio era um cara de jornal ele  
 08:47  
 era um grande pensador da cultura  
 08:50  
 cearense e das formas de possibilitar  
 08:54  
 que essa cultura fosse vigorosa  
 08:57

[Música]

09:06

#### **Téti**

Uma pessoa única, eu acho, né?  
 09:09  
 Eu conheço alguns da década de 60  
 09:12  
 Né? Conheci através do Rodger  
 09:15  
 eu tinha 16 anos e o agosto é... é uma...  
 09:21  
 quando eu falo que ele é uma pessoa

09:22

única é porque ele era uma pessoa

09:25

que fugia aos padrões normais das

09:28

Pessoas. Ele era uma pessoa excêntrica, ele

09:31

sempre falava o que pensava, e ele tinha,

09:34

ele tinha um que um algo mais que fez

09:38

com que ele se transformasse assim numa

09:40

espécie de guru para a nossa geração.

09:42

### **Natércia Pontes**

Sabe aquelas pessoas que clareiam seu

09:45

ponto de vista clareia os caminhos que

09:48

você pensa em tomar?

09:49

ele clareava e explicava esse apelido

09:52

que dão de guru pra ele não

09:55

é à toa. Ele tinha isso mesmo.

### **Fausto Nilo**

Ele tinha muita experiência

09:58

Augusto foi uma pessoa que viveu aquela

10:00

juventude do pre golpe de 64

10:05

sempre teve uma posição de visão

10:07

social de enfim isso influenciou muito no

10:11

grupo da minha geração que vem em

10:13

seguida aqueles que ficaram amigos dele sendo mais

10:16



jovens

10:17

[Música]

10:22

Não tem rei pra coroar

10:25

**Augusto Pontes**

eu nasci aqui em fortaleza

10:28

meu pai era ferroviário no tempo que os

10:33

ferroviários tinha uma certa atuação

10:36

E visibilidade social no sentido de

10:39

fazerem parte de um tipo de operário

10:43

mais elitizado mas operário de

10:46

qualquer maneira. Ele era escriturário; minha

10:48

mãe costureira

**Conceição Pontes**

A mãe dele a Dona Vanda era

10:51

muito assim os filhos não brincavam na rua os filhos eram muito... né... O Augusto andava de meia o Augusto tinha nem cabelo(perna) de tanto...ele calçava...o Augusto não botava nem o pé no chão

11:03

eram muito cuidados em casa e eu acho que a dona Vanda primou muito ela cuidou.o pai dele

11:07

morreu ele era bem criança. O Augusto quase não teve contato com o seu Lauro

**Augusto Pontes**

Tenho quatro irmãos, somos cinco.

11:16

O mais velho que foi-se embora apressadamente

11:22

Mas, enfim, ele era bancário do Banco do Nordeste seu primeiro concurso

**Conceição Pontes**

Sempre foi um aluno muito aplicado, gostava muito de estudar e sempre foi muito

11:27

espíritoso brincar em casa com ela, a irmã conta

**Francis Valle**

O curso que ele fez primeiro foi contabilidade. Trabalhou como vendedor. Ele trabalhou como...grande vendedor pra umas empresas aí...ganhava bem e tudo, mas ele...tchuuu..

11:42

**Augusto Pontes**

Eu Trabalhava no comércio

11:45

trabalhei no Conrado Cabral que era uma

11:47

grande empresa de ferragens mas

11:49

ferragens naquele tempo vendia automóveis, por exemplo: Romiseta eles vendiam, vendiam trator também, tudo ferragem, ferro. Hoje não, né? Ferragem...os ferrolhinos, parafuso, dobradiça...

11:55

**Conceição Pontes**

12:01

eles eram muito estudiosos

12:04

ele passou no concurso do BNB, ele e

12:06

um irmão e ele começou, acho que ficou uma semana e disse

12:09

esse negócio de ficar engatado atrás de uma mesa ele não

12:11

Aguentou, né? Acho que das primeiras absurdas...ter feito isso, né? E morava com a

12:16

Mãe. Até casar com a Cristina ele podia ter um

12:19

apartamento mas ele realmente morava com a Dona Vanda.

12:21

**Francis Valle**

mas aí ele fez o curso de filosofia que

12:23

a formação básica dele era de

12:26

filosofia pura

12:28

aí nos anos 60 de 63 a 66

12:32

**Augusto Pontes**

E era o que me cabia. Naquele tempo tinha

12:34

muitas questões então tinha que

12:36

estudar filosofia mesmo que é tudo e nada,

12:39

Né?

12:40

Com a qual e sem a qual eu continuo tal

12:42

Qual. Então eu entrei na filosofia

12:46

quando ele foi pra Brasília ele fez o

12:48

mestrado em comunicação e aí que ele foi

12:51

professor da UNB

12:55

[Música]

12:59

13:00

[Música]

13:06

**Fausto Nilo**

quando a cidade era muito pequena

13:08

todo mundo se conhecia era tudo muito

13:10

pequeno meio pedestres é uma cidade que eu

13:13

vivi quando cheguei aqui e eu ia muito

13:15

em programas de auditório programa de

13:17

rádio e eu vi essa figura ele era muito

13:19

bonito quando jovem a cabeleira bonita

13:21

daquela dos anos 50 com aquela triunfo

13:24

fosse e ele responde à pergunta

13:26  
daquelas pegam de almanaque ele aceitava

13:28  
tudo em todos os programas que eu ia e

13:31  
eu era freqüentador desses programas

13:33  
foi assim que eu conheci o Augusto

13:35

**Teti**

E eu conheci numa das vezes que eu fui me encontrar

13:36  
Com o Rodger lá na faculdade de

13:38  
arquitetura que a gente ia se encontrar por

13:40  
aqueles encontros do pessoal do Ceará e tal

13:42  
eu conheci o Augusto ele se tornou uma

13:44  
pessoa é é assídua né, na minha casa e

13:49  
depois que me casei com o Rodger aí então foi uma

13:52  
loucura

13:53  
ele ficou assim um membro da família

13:56  
né ele é padrinho da minha filha mais

13:58  
Velha: da Daniela

**Francis Valle**

ele era o diretor do  
14:02

centro popular de cultura ligado à  
14:04

união Estadual dos estudantes tinha o CPC  
14:07  
que era ligado à UNE Centro popular de cultura da

14:10

UNE Geral e tinha em cada estado

14:12

as uniões estaduais tinham um núcleo do

14:15

CPC e o Augusto era o diretor do núcleo

14:17

Aqui. O CPC participou de campanha de

14:20

alfabetização também fazia teatro de

14:22

rua

### **Augusto Pontes**

e nessa época então apareceram

14:25

essas coisas de teatro, Quermesse, circo,

14:28

clube de cinema,

14:31

Discussões, a política

14:33

### **Francis Valle**

logo depois de 64 que a gente conheceu o Rodger

14:38

O Rodger conheci o Rodger através dele . Rodger Rogério que ele

14:40

também ficou muito amigo do Rodger...muito amigo. Do Fausto Nilo

14:45

Também outro que ele me

14:47

apresentou na Praça do Ferreira

### **Fausto Nilo**

63 64 era um

14:50

lugar de discussões políticas e eu ia

14:52

muito à noite e ele sempre estava nas

14:54

discussões

14:56

eu passei a acompanhar as discussões

14:58

que ele participava aquela dialética

15:01

que ele sabia digamos assim conduzir a análise de

15:04

qualquer assunto me impressionava muito sendo

15:06

jovem

### **Augusto Pontes**

a política chegou pra mim é é

15:09

de uma coisa muito espontânea quase

15:12

como uma sede uma necessidade

15:15

é as pessoas tinham posições políticas

15:19

### **Francis Valle**

o agosto atuava muito na Praça do Ferreira

15:2

várias rodas ali sempre sempre aquela

15:25

coisa de ééé estimulando assim a

15:30

questão do exercício da inteligência da

15:32

crítica da cultura teatro música

15:36

cinema

15:42

### **Rodger Rogério**

A gente almoçava no mesmo restaurante, né? Ele era uma figura que logo ele se fazia notar.

Ele exercia um certo fascínio, assim, né

16:52

com a inteligência dele com a verve né, com humor e tal ele estava

16:58

sempre rodeado de pessoas muitas vezes

17:01

pessoas interessantes né que se acercavam dele, que viam nele também uma pessoa diferenciada, até, né?

### **Augusto Pontes**

hoje há uma

17:09

tendência

17:10

não condeno mas observo que apenas

17:14

apresentar o protesto isso já tá bom dar

17:17

uma vaia no governador no prefeito o

17:20

no presidente da assembleia ou no

17:22

síndico do edifício e já é um grande

17:24

feito

17:25

nós fazemos isso. Éramos até talvez mais maleducados

17:30

Mas nos interessávamos em que a sociedade

17:33

compreendesse e participasse da

17:36

discussão do ponto de vista que nós

17:38

Introduzíamos.

### **Paulo Linhares**

ele começa a fazer

17:40

música com o pessoal letra... já era um

17:42

cara muito importante mas não era...frequentava a arquitetura tal mas não era

17:47

da arquitetura tal aí ele se forma e vai

17:50

para Brasília e vai dar aula na UNB

17:52

na época da ditadura

17:54

aí ele faz grandes... é um grande

17:57

movimento na UNB assim

### **Augusto Pontes**

os centros

17:59

Acadêmicos eram muito ativos, muito

18:01

preocupados com a vida social muito

18:04

muito às voltas com polícia com

18:09

repressões e procurando...

18:12

naquele tempo havia uma preocupação

18:14

muito grande de expressar o que

18:16

pensávamos livremente e conseguindo

18:20

essa liberdade

18:22

### **Rodger Rogério**

em Brasília ele fez comunicação mas

18:24

acho que ele era mesmo filósofo é ele

18:28

ele vivia essa filosofia, essa coisa dele...uma pessoa muito

18:32

generosa tanto com o saber dele como com as coisas materiais

18:36

Né,né

### **Conceição Pontes**

de repente ele tá aqui num emprego

18:39

E ele chega e diz: ...Ção eu vou pedir

18:41



Demissão. Cara o faxineiro, o cara que faz a limpeza tem

18:42

Uma implicância

18:44

comigo e tal e antes de eu ou ele ser demitido

18:46

melhor eu sair que eu arranjo outro emprego, pra

18:49

ele é difícil

não vou dizer que

18:50

Aceitava, ficava danada da vida

18:53

augusto trabalhou até o último dia que

18:56

ele teve um mínimo de forças

18:58

ele tinha que ir lutar pela vida todos

19:00

os dias até os 73 anos ele nunca teve uma casa né nunca

19:04

nunca juntou dinheiro, dinheiro era para

19:08

circular

### **Cecília Pontes(filha)**

Ele nunca teve poupança ele nunca teve

19:11

uma casa própria a gente morou em

19:13

vários cantos e tinha vários lugares

19:14

alugados mas ele nunca comprou ele era

19:17

contra a propriedade privada

19:19

achava que tudo era do povo

### **Rodger Rogério**

era aí muito agregador juntava muito

19:39

A gente que dava muito no

19:41

início ele fez uma verdadeira doutrinação

19:44

De que sabíamos fazer música.

19:48

tinha que mostrar as músicas...e tal..

19:52

Fez música juntos

19:54

### **Augusto Pontes**

procurávamos compreender a juventude e

19:57

não assim compreender apenas por uma

20:02

devoção por um sentido de prestar

20:04

Conta, mas porque sentíamos que a a

20:08

juventude precisava de participar da

20:11

discussão me queria

20:13

### **Paulo Linhares**

lembro que teve um grande é é um

20:19

Grande evento político na UNB . A UNB era só filhinho de papai é já era, né é aí eles chamaram o Augusto para falar porque o Augusto era um pensador

20:24

vocês estão reunidos para

20:28

reivindicar a vaga de carro na garagem

20:31

da universidade que a única coisa

20:32

sincera que vocês podem fazer é reivindicar...

20:35

que eu sei... é é ...aí o os caras piravam com

20:39

ele e ao mesmo tempo tinha uma galera

20:42

que seguia porque ele era um...era um pensador

20:44

muito importante naquela época ele era

20:46

Uma mistura de concretista, de semiólogo

### **Beatriz Bracher**

nessa

20:49

ocasião eu fazia colegial lá que era o pré

20:51

universitário e e vi um anúncio no

20:55

jornal que era chamando pra quem

20:58

quisesse fazer é ...uma peça de teatro

21:01

não era nenhum curso de teatro eles iam

21:04

fazer uma peça de teatro e precisavam de

21:06

pessoas que quisessem fazer a peça e

21:09

uma das dos requisitos era que nunca

21:12

tivesse atuado

### **Francis Vale**

O Augusto achava que todo

21:15

mundo podia ser ator no sentido de que

21:19

tendo algum talento, algum estímulo e

21:22

ele tinha esse olhar não é?... dá pra fazer

21:24

você entendeu

### **Rodger Rogério**

Ele deu muita corda essa turma é

21:28

a turma que ele tinha aquele que tinha

21:30

talento

21:32

ele achava né aí tem muita coisa que

21:35

Ele achava

21:36

### **Conceição Pontes**

não tenho jeito de ator mas ele era21:38

capaz de conseguir imaginar e e traduzir

21:41

como um ato deveria ficar... ficaria melhor

21:43

aquela cena ou como ele acha a partir da

21:45

Leitura dele desde que seria.

### **Beatriz Bracher**

ele detestava o

21:47

laboratório fingir que era planta, fingir que não sei o quê

21:50

não gostava de nada disso

21:52

não tinha aula sobre o teatro era

21:56

começava com o texto da peça discute a

21:58

peça como é fazer as cenas

22:00

ele achava que você descobria as coisas

22:02

fazendo as coisas e isso pra tudo para a

22:05

literatura é pra física, química

22:08

matemática procurado não era uma

22:10

pessoa indica assim que acreditava nem

22:13

pedir que ele acreditava muito no estudo

22:15

ele lia muito mas tinha que ser em

22:18

função de algo que você quisesse

22:20

fazer

## **FAUSTO NILO**

eu fiz meu curso de arquitetura

22:22

paralelo a um curso com o Augusto o tempo

22:25

todo

22:26

a minha média muito baixa na faculdade

22:29

porque eu tinha que me dedicar muito

22:30

tempo a madrugada e e as explorações

22:33

da cidade que nós fazíamos juntos né

22:36

muitas horas foram consumidas com isso

22:38

coisa que eu agradeço a ele

22:40

## **Augusto Pontes**

é mais ou menos aí aos 11 anos de

22:43

idade

22:44

eu senti o apelo da rua me chamava eu

22:48

não me neguei fui muita discussão com

22:50

minha mãe e com os parentes mas enfim

22:54

eu fui pra rua na rua aprendem muito

22:57

quando voltei para a escola

22:59

vi que o que eu sabia da rua e não  
 23:01  
 saber apenas meu de pouco valor que hoje  
 23:05  
 em dia temos esse defeito né  
 23:07  
 as pessoas que estudam é é  
 23:11  
 silenciosamente em casa em gabinete  
 23:13  
 esse estudo ele é muito precário diante  
 23:16  
 das necessidades e da do circuito do  
 23:21  
 conhecimento no mundo não é

### **Fausto Nilo**

descobri  
 23:23  
 o teatro a poesia o que eram coisas que  
 23:26  
 eu não tinha noção mas rejeitava a  
 23:30  
 poesia a maneira que ela me foi ensinada  
 23:31  
 no colégio  
 23:33  
 aquilo me traumatizou e com alguns  
 23:35  
 tentam descobrir João Cabral descobri  
 23:37  
 a poesia moderna Garcia Lorca  
 23:40  
 e começamos a nos consorciar nessas  
 23:43  
 descobertas a vida toda.  
 23:45

### **Rodger Rogério**

Teve influência inclusive na valorização maior do  
 23:49

publicitário é que ele trouxe a idéia  
23:51  
de Brasília para cá né que o publicitário lá é dez  
23:57  
vezes mais bem pago do que aqui

### **Conceição Pontes**

23:58  
trazido a nova concepção é de  
24:01  
publicidade para Fortaleza

### **Paulo Linhares**

e ele na  
24:05  
Escala e eu na MarK entendeu, ganhando a  
24:09  
gente tinha ... a agência dava apartamento  
24:10  
de luxo a agência...  
24:12  
imagine aquela época que não tinha  
24:14  
esse mercado fragmentado . As  
24:18  
Agências tinham uma estrutura gigantesca...  
24:21  
[Música]

### **Rodger Rogério**

24:27  
ele foi um eterno educador todo tempo  
24:29  
é espalhando de certa forma saberes e  
24:35  
Em vastas áreas.

### **Cecília Pontes**

24:37

O que ele passava pra mim era ele vivendo

24:39

ele nunca impôs nada ou falou nada de ai

24:45

vc devia assistir isso aqui ou você

24:48

devia ler tal coisa ou e dava presentes

24:50

às vezes é um livro que indicasse um

24:54

livro que ele gostasse que ele achava

24:56

que a gente ia gostar

### **Natércia Pontes**

a primeira

24:58

lembrança que eu tenho do meu pai é na

25:01

praia ele de sunga marrom branco e comprido

25:08

Assim... ele

25:09

segurando minha mão para me levar até o mar

25:11

Eu devia ter, sei lá, uns três anos

### **Narração**

as transformações

25:21

mundiais do final da década de 1960

25:25

ultrapassaram a ordem política e se

25:28

manifestaram também nas artes e na

25:31

música

25:32



a tropicália tida como um dos mais  
 25:36  
 expressivos movimentos musicais no  
 25:38  
 brasil  
 25:39  
 nascia no meio da repressão ditatorial  
 25:42  
 e trazia como principais representantes  
 25:45  
 caetano veloso gilberto gil gal costa os  
 25:50  
 mutantes e tom zé  
 25:53  
 aí é a década também ficou marcada  
 25:57  
 pelos festivais de música promovidoS  
 25:59  
 pela tv excelsior e à tv globo quando  
 26:03  
 músicos como chico buarque nara leão e  
 26:06  
 elis regina ganhavam destaque nacional  
 26:10  
 arrebatando legiões de fãs e trazendo  
 26:14  
 a esperança de dias melhores  
 26:18  
 no ceará os festivais lançavam  
 26:21  
 artistas e compositores como fagner  
 26:25  
 belquior fausto nilo roger rogério teti  
 26:30  
 e augusto pontes  
 26:33

### **Paulo Linhares**

ele foi o primeiro é intelectual  
 26:38  
 no ceará a explorar todas as

26:42

potencialidades da mídia moderna

26:45

ele era o cara de televisão ele é um

26:47

cara de rádio ele fez grandes programas

26:49

De rádio dos programas mais geniais de

26:52

rádio eram programas de humor de esponte eram

26:54

escritos pelo Augusto Pontes

### **Francis Vale**

a

26:55

principal idéia dele era ecoa escola

26:58

de comunicação cultura ofícios e artes era uma

27:02

escola que ele explicava ele tinha toda uma

27:05

teoria todo um mapa de como queria essa...

27:09

[Música]

27:19

o foi foi instalado e sobral com esse

27:23

nome né

### **Francis Vale**

27:40

a ele, ele tinha, quer dizer é a

27:45

percepção dele muito para ...percebia as

27:49

coisas e até ver assim todo esse

27:51

potencial essa essa coisa de desenvolver, né?

27:56

### **Conceição Pontes**

Só quando era uma necessidade  
 27:58  
 necessidade ele pensava porque estava sem  
 28:01  
 dinheiro e alguém oferecesse uma coisa fora fora  
 28:03  
 mas ele achava que o mundo todo podia ser aqui  
 28:04  
 aqui daqui ele podia falar pro mundo todo e o  
 28:07  
 mundo todo podia ser o Ceará.

### **Francis Vale**

e ao mesmo tempo  
 28:10  
 Ver as limitações  
 28:12  
 dessa história de ficar aqui . Ele achava que precisava sair , mesmo que voltasse, mas... ir lá  
 fora...  
 28:20  
 pra compreender melhor a ao mesmo tempo lutar  
 28:27  
 para as coisas se desenvolverem.  
 28:29

### **Paulo Linhares**

O augusto era o cara que mobilizava é  
 28:32  
 essa de essas pessoas que eram mais  
 28:36  
 abertas em relação à a a cultura de  
 28:40  
 massa porque aquele momento se você pensar  
 28:42  
 que uma grande discussão  
 28:43  
 sobre a estética e sobre a política era a

28:46

cultura de massa você pensar o que é

28:48

proibido proibir, a discussão sobre as

28:50

roupas sobre o uso da guitarra na música

28:53

Popular brasileira

28:55

[Música]

29:01

**Fausto Nilo**

eu nunca conheci uma inteligência tão

29:05

brilhante tão rápida e tão

29:10

investigadora em termos de

29:12

aprofundamento de aspectos que

29:15

normalmente a gente não via como ele

29:17

**Francis Vale**

era um grande é é pensador por é a

29:21

pessoa com idéias

29:23

Pensava... se tinha idéia de pensar e

29:27

realizar aquilo. Não para ele realizar

29:30

mas ele pensava de um jeito que dava que

29:32

permitia serem feitas várias coisas

29:38

**Musica** 29:40

cheio de cor

29:43

esse furo anos é

**Francis Vale**

quem inventou a massa

29:47

feira foi a ele o augusto botou o

29:50

negócio pro Ednardo e o Ednardo ....

29:52

E convenceu e convenceu os

29:58

dirigentes da da cbs

30:00

jairo pires e Zé vito convenceu a levar

30:04

um ônibus cheio de gente daqui no

30:07

ceará para fazer dois lps no rio

30:21

### **Francis Vale**

o importância foi juntar essas pessoas

30:49

né

30:50

quer dizer foi num momento assim que

30:52

estava havendo a abertura política então

30:55

todo mundo querendo mostrar claro se um

30:57

impacto

30:58

então ele é é nesse momento foi que

31:02

O Fagner tinha um grande poder

31:04

dentro da cbs tinha vendido mais de 150 mil

31:07

cópias do disco

31:08

quem vende tem poder então aproveitando

31:12

esse momento

31:14

o fagner prepara um disco revista que

31:19

o agosto participou também daqueles

31:21

chamados soro quando têm cada qual... vem 31:24

esse , o soro ta se

31:27

Gestando já a revista já pronta

31:31

aí surge a ideia da massa feira então

31:33

foi feita massa feira que não era disco

31:36

nem é ...era apenas um show de quatro dias

31:40

no teatro José de Alencar

32:07

### **Rodger Rogério**

é muita energia né muitas coisas dos artesãos, né também do folclore, maracatus, né era um coisa muito concentrada.

32:10

32:28

### **Conceição Pontes**

cidadão do mundo

32:30

o cidadão do mundo estar no mundo tempo

32:32

conversando trocando idéias e muito

32:35

alimentado por essa e por essa juventude

32:37

Mas que ele

32:39

às vezes parecia o mais jovem de todos

32:41

pelo não medo das idéias como ele dizia, não precisa ter medo das idéias

32:43

A gente pode pensar tudo o que a gente quiser

32:45

32:47

### **Cecília Pontes**

ele estava sempre pensando um pouco à

32:50

frente porque acho que nessa vida ela  
 32:54  
 não conseguiu encontrar ninguém aqui

34:11

**Conceição Pontes**

Tinha momentos de espiritualidade mas há

34:14

momentos em que estava dando uma

34:15

palestra ele era muito conciso em geral

34:18

ela não empolgava muito as pessoas

34:20

diferente da palestra ficava quando

34:22

alguém fazia alguma pergunta mais

34:24

mordaz

34:25

Mais... querendo pegá-lo aí sim ele tinha

34:28

saídas e respostas bem inesperadas, né...

34:31

Como num dia podia alguém dizer assim: você

34:33

você está distorcendo minhas palavras

34:37

mas pra eu distorcer é porque você torceu.

34:39

**Fausto Nilo**

tinha uma coisa muito bacana é que ele

34:42

podia ser um sujeito de discurso

34:44

complexo no momento de uma coisa

34:46

intelectual profunda, de ser um sujeito

34:49

que se dava bem com pessoas da rua nas

34:51

coisas do melhor entendimento e ele

34:55

tinha muitos amigos assim da rua também

34:57

pessoas populares simples ele sabia

35:00

dialogar com cada grupo sabia como fazer

35:03

isso como ninguém

**Teti**

era uma pessoa

35:06

verdadeira ele dizia isso as pessoas é

35:09

normalmente é tinha pessoas que ficavam

35:12

zangados e tudo mais que o pessoas que

35:14

aceitavam aqui porque é ele era

35:16

diferente o problema do Augusto é que ele era

35:18

diferente

**Conceição Pontes**

era sozinho nas ideias e eu

35:21

disse isso a ele

35:23

mas eu disse isso com dor porque ele era

35:25

doído como eu via a solidão dele a sua

35:30

solidão na atualidade de não

35:34

ter quem o acompanhasse nas suas ideias

**Augusto Pontes**

quando

35:36

eu entrei na universidade eu já

35:37

trabalhava mas não me atrapalhava muito

35:40

porque eu tive sorte de ter patrões que



35:43  
achar muito interessante estudar e aí  
35:46  
me davam folga hoje não tem essa  
35:48  
compreensão essa compreensão tem que  
35:50  
ser concedida pelo ministério não sei  
35:52  
o que acaba sendo uma estabilidade  
35:55  
os patrões apenas compreendiam e o  
35:57  
ministério abençoava isso então eles  
35:59  
deixavam que a gente não assinasse o  
36:01  
ponto na hora saísse mais cedo isso daí  
36:04  
verdade porque nós estudávamos mesmo  
36:07  
né  
36:08  
Aqui e acolá um malandro mas a  
36:09  
Malandragem é muito necessária na  
36:11  
organização social . Às vezes o camarada se desvia  
36:14  
diz que vão fazer mas não fazem é  
36:16  
muito bom hoje só o ricos praticam isso  
36:18  
dizer que vão fazer e não fazem  
36:21  
**Fausto Nilo**  
Foi uma pessoa de grande humanidade na realidade e  
36:25  
que não controlava a sua sinceridade  
36:27  
em algumas oportunidades mas que era  
36:30

capaz também de acariciar amigos de uma

36:33

maneira generosa e até favorecendo uma

36:37

compreensão de qualidades às vezes

36:40

ainda existentes em alguns amigos por

36:42

amizade

36:43

ele tinha esses extremos

### **Natércia Pontes**

uma postura de

36:47

mundo muito muito especial que ele tinha

36:50

que era sempre se colocando no lugar do

36:56

outro e isso era uma ideia muito forte

37:01

que guiava todas as relações dele

37:03

assim sem ser falso sem soar como um santo

37:08

mas uma uma postura de mundo muito muito

37:13

Humana

### **Conceição Pontes**

essa coisa do conagraçamento da

37:15

união das pessoas de que a diversidade

37:19

é boa quanto mais gente melhor

37:23

muito embora ele brincasse quando a mesa

37:24

crece a cultura desaparece essas frases dele

37:27

Que são... mas quanto mais gente melhor

37:29

quanto mais gente vai se apoiar. os

37:33

baianos têm razão e cadê que quando um  
37:35

Tá fraco outro puxa . o problema é achar que  
37:39

o outro vai tomar o seu lugar  
37:41

[Música]

37:44

37:47

Ajudando ao outro aos colegas ali que a  
37:49

gente vai dando certo dá forças  
37:53

### **Fausto Nilo**

Foi uma pessoa definitiva na minha vida e de  
37:55

várias outras pessoas. eu não seria  
37:57

talvez o arquiteto e urbanista que eu  
38:00

pretendo ser e nem seria o compositor  
38:03

parceiro de tanta gente que eu terminei sendo  
38:07

se não tivesse convivido tantas  
38:09

madrugadas com o Augusto

### **Beatriz Bracher**

O chico pra mim é

38:13

muito muito muito importante e acho que  
38:16

se eu sou uma escritora esse é meu  
38:19

estilo a minha maneira de ser como  
38:21

intelectual como escritora  
38:23

eu devo muito a ele assim muito  
38:26

[Música]

38:29

**Conceição Pontes**

uma coisa a Natercinha falou pra mim há

38:32

Poucos... alguns dias ..ela disse: Ção e a Cecília

38:35

reforçou muito isso ... disse, mãe, a senhora

38:38

fica tão preocupada de de organizar as

38:41

coisas do meu pai mas lembre que ele nunca quis

38:45

muito isso

38:47

se ele quisesse teria feito ele brincava com

38:49

a senhora até ...aí eu me lembrei comecei a rir...é me lembrei que

38:53

Dizia você quer me botar numa estante?

38:55

ficar parado numa estante?

38:57

ele consegue não ficar numa estante

**Augusto Pontes**

eu sou

39:00

uma pessoa há muito tempo não sei

39:04

desde quando eu já tenho uma certa idade mas

39:07

há muito tempo eu sou implicado com a

39:10

realidade que me cerca

39:12

Implicado e implicando com ela

**Francis Vale**

Isso é visível, ne...nos que as pessoas foram...as pessoas aconteceram..

39:29

**Fausto Nilo**

uma pessoa

39:30

especial e que viveu no Ceará um

39:32

período muito rico

39:35

(musica)

39:42

e acho que muita coisa passa por ele ele

39:46

sempre rejeitou

39:48

se publicar muito ele rejeitou a parecer

39:51

muito em coisas formalmente registradas

39:55

de maneira que é preciso saber garimpar

39:57

preciso conversar com muita gente

**Rodger Rogério**

é

39:59

Imaterial né no que ele conviveu com a

40:04

gente né a nossa turma a turma mais jovem né

**Natércia Pontes**

como se ele

40:11

tivesse registrado no corpo dele

40:14

o cearense assim um senso de humor

40:19

a inteligência aguda assim tudo isso

40:22

estava ali e você encontra em muita gente

40:24

No Ceará ali concentrado né mesmo era

40:29

as pessoas que conviveram com ele tem

40:32

muita sorte assim é isso que eu posso

40:33

dizer

**Conceição Pontes**

Otimista sim, né sorte coragem

40:38

o modo como ele dizia :amigo bom, sorte coragem. Vai dar certo.

40:44

(MÚSICA)

40:49

**Cecília Pontes**

acima de qualquer outra qualidade que

40:51

ele tenha de professor, filósofo, publicitário, compositor,

40:54

Escritor, pensador pra mim ele

40:57

era amigo. do amigo de todos os tipos de

41:01

peessoas

41:02

peessoas que eram boas, pessoas que

41:05

Eram ruins, cultas não cultas, ricas, pobres

41:09

ele era um amigo ele sempre dizia isso

41:12

que não era o dinheiro a melhor coisa

41:17

que a gente podia ter no mundo;era um amigo.

41:19

[Música]

**APÊNDICE D – LISTA DOS SECRETÁRIOS DE CULTURA DO CEARÁ DE 1966 A 2016****Raimundo Girão**

Nomeação: DOE nº 9.467, pág 7734

Data: 4/10/1966

Exoneração: DOE nº 10.560, pág 2015

Data: 12/3/1971

**Francisco Ernando Uchôa Lima**

Nomeação: DOE nº 10.561, pág 2058

Data: 15/3/1971

Exoneração: DOE nº 12.177, pág 2

Data: 8/9/1977

**José Denizard Macedo de Alcântara**

Nomeação: DOE nº 12.177, pág 2

Data: 8/9/1977

Exoneração: DOE nº 12.551, pág 18

Data: 15/3/1979

**Manuel Eduardo Pinheiro Campos**

Nomeação: DOE nº 12.553, pág 23

Data: 16/3/1979

Exoneração: DOE nº 13.541, pág 24

Data: 15/3/1983

**Joaquim Lobo de Macedo**

Nomeação: DOE nº 13.541, pág 24

Data: 15/3/1983

Exoneração: DOE nº 14.532, pág 4

Data: 17/3/1987

**José Maria Barros de Pinho**

Nomeação: DOE nº 14.532, pág 3

Data: 17/3/1987

Exoneração: DOE nº 14.861

Data: 15/7/1988

**Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau**

Nomeação: DOE nº 14.867, pág 3

Data: 25/7/1988

Exoneração: DOE nº 15.519, pág 12

Data: 15/3/1991

**Francisco Augusto Pontes**

Nomeação: DOE nº 15.519, pág 12

Data: 15/3/1991

Exoneração: DOE nº 15.996, pág 14

Data: 18/2/1993

**Paulo Sérgio Bessa Linhares**

Nomeação: DOE nº 15.996, pág 14

Data: 18/2/1993

Exoneração: DOE nº 039, pág 1

Data: 31/3/1998

**Nilton Melo Almeida**

Nomeação: DOE nº 044, pág 1

Data: 7/4/1998

Exoneração: DOE nº 247, pág 55

Data: 30/12/2002

**Cláudia Sousa Leitão**

Nomeação: DOE nº 001, pág 1

Data: 2/1/2003

Exoneração: DOE nº247, pág 1

Data: 29/12/2006

**Francisco Auto Filho**

Nomeação: DOE nº 002, pág 4

Data: 3/1/2007

Exoneração: DOE nº

Data: 31/12/2010

**Francisco José Pinheiro**

Nomeação: DOE nº 159, pág 1

Data: 19/8/2011

Exoneração: DOE nº 167, pág 3

Data: 6/9/2013

**Paulo de Tarso Bernardes Mamede**

Nomeação: DOE nº 167, pág 4

Data: 6/9/2013

**Guilherme de Figueiredo Sampaio**

Nomeação: DOE nº 1, pág 1

Data: 2/1/2015

**Fabiano dos Santos Piúba**

Nomeação: DOE nº 37, pág 1

Data: 25/1/2016

<http://www.secult.ce.gov.br/index.php/a-secretaria/secretarios-da-cultura>